

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIA DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan

Orientando: Cassiano de Oliveira Stahl

CORPO-CONCEITO: PAISAGENS PLÁSTICAS

Porto Alegre  
2010

CASSIANO DE OLIVEIRA STAHL

CORPO-CONCEITO: PAISAGENS PLÁSTICAS  
/CORRESPONDÊNCIAS DE UM PEREGRINO/

Dissertação Final de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan.

Porto Alegre  
2010

## RESUMO

Criar um novo corpo, produzi-lo e in-carná-lo – dotá-lo de consistência intensa e conceitual, de carne, ossos e fluídos. Lugares de uma jornada empreendida via uma nova cartografia, uma vez que a qualidade de um corpo que não se limita ao que se toma pela realidade. Procura por veículos que auxiliem a passagem da carne a um novo corpo, já que esta é uma tarefa que demanda um trabalho individual, onde se empreende uma jornada sob o pretexto do desejo, uma peregrinação para a Personagem Conceitual, O Peregrino, que o discursa. Difícil encaixar em discursos e palavras de ordem, a produção do Corpo In-carnato passa pelo conceito. E a fundamentação do pensar passa pela produção dos próprios conceitos e suas especificidades, num colóquio entre tantos correspondentes inventados, cujo texto se fabula num formato epistolar como maneira de deixar os rastros do caminho e sua pesquisa aparentes. Neste trajeto, acompanham autores da Diferença como Deleuze, Guattari, Nietzsche, assim como o alimento das artes, atuante na liberação de novos corpos e humores que nutre, uma vez que tais corpos estarão sempre e plenamente ligados à vida. Seus liames afetam, esgotam e sucedem novos agenciamentos possíveis. E se o corpo é o plano de imanência por excelência, a vida e suas diferenças serão os possíveis da filosofia. Uma vida que se quer vivida passa por caminhos, rotas e lugares, Mas também pelo vazio, cujo esgotamento lhe retornará em novos corpos e espaços compossíveis.

Palavras-Chave: Corpo, conceito, imanência, peregrinação, In-carnação.

## ABSTRACT

Create a new body, producing and incarnating it – giving it the intense and conceptual consistency, with flesh, bones and fluids. Places of a journey made through a new cartography, once the quality of a body it's not limited from what is taken as reality. It searches for vehicles that may help the passage from the flesh to the new body, since it is a duty which demands an individual work, where a journey is made over the forces of the desire, a peregrination to the Conceptual Personage, The Pilgrim, whose discourse it. Hard to incise in speeches and words of order, the production of the Incarnated body passes through the concept. And the embasement from this way of thinking passes through the concepts and its specifications themselves, in a dialogue between many invented correspondents, whose the text fabulate it self at an epistolary shape, as a way to allow the tracks from the path and the research might be visible. In this passage, authors from the Difference's Philosophy walk with him, as Deleuze, Guattari, Nietzsche, just like the art's food, acting on the liberation of new bodies and humors that it nourishes, once these bodies will be always connected to life. Its lines affects, deplete and succeed new possible experiences. And, if the body is the Immanence Plane par excellence, the life and its differences will be the possibles from the philosophy. A life which is desired lived well passes through ways, parts and places. But also through the emptiness, where the depleting will return in new compossible bodies and spaces.

Key-words: Body, concept, immanence, peregrination, Incarnation.

## AGRADECIMENTOS:

*Para Mayra e Mayana, pelo mais puro amor que existe.*

*Para Paola, por que sempre está lá.*

*Para a Esfinge, Profa. Sandra C., pelas amplas asas e todos os enigmas.*

*Para Déia, a Raposa que me cativou.*

*Para minha família, por quem sou amado, uma vez que os amo.*

*Para Edith, que me escutou.*

*Para minha Matilha, por que somos todos loucos e apaixonados.*

*Para todos os que, de alguma forma, me ajudaram nesta longa caminhada...obrigado a todos.*

*C.*

## ROTA PEREGRINA

UNIVERSIDADE DE INANNA	10
BIBLOS - ALTHUS NÚMEN	17
A CAMINHO DA BARCA PARA O MAR DE UMBRALIAS CAELESTIA	20
PARA MARTEILL: DA PRAÇA DO CELESTE ESTADO, EM LITERAS	21
ANOTAÇÃO PESSOAL. DO DIÁRIO DE ALBEE.	22
ANOTAÇÃO PESSOAL. DO DIÁRIO DE ALBEE – PARTE II	24
ANOTAÇÃO PESSOAL. DO DIÁRIO DE ALBEE – PARTE III	26
MAR DE UMBRALIAS CAELESTIA: COMEÇO DA 3ª LUNAÇÃO;	29
MAR DE UMBRALIAS CAELESTIA, 3º DIA DE VIAGEM.	35
NOEMÍA. 6º DIA DA 3ª LUNAÇÃO.	37
FINITAS SAPIENTIA, CONTINENTE DE ALTHUS NÚMEN, PROVÍNCIA DE LEDUR.	42
ONÍRICA, CONTINENTE DE MALOROR, AO EXTREMO SUL. 1º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.	45
AINDA EM ONÍRICA. 7º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.	49
ANOTAÇÃO DE VIAGEM - PARA PESQUISA:	55
LIMANDRA, CIDADE DE JADE. 12º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.	51
BOREALIS, VALE DOS VENTOS CELESTIAIS. 16º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.	63
MNEMÓSINIS, ENTARDECER VIOLÁCEO. 19º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.	65
MNEMÓSINIS, 29º DIA DA 6ª LUNAÇÃO.	69
MNEMÓSINIS, 6º DIA DA 7ª LUNAÇÃO.	72
MNEMÓSINIS, 13º DIA DA 7ª LUNAÇÃO.	76
MNEMÓSINIS, 20º DIA DA 7ª LUNAÇÃO.	78
MNEMÓSINIS, 27º DIA DA 7ª LUNAÇÃO.	81
MNEMÓSINIS, 4º DIA DA 8ª LUNAÇÃO.	82
DOS DIARIOS DE ALBEE:	85
MNEMÓSINIS, 11 DIA DA 8ª LUNAÇÃO.	86
MNEMÓSINIS, 10º DIA DA 11ª LUNAÇÃO.	88
FADHIA, NORTE DA CIDADE DE MARFIM. 18º DIA DA 11ª LUNAÇÃO.	95
ROTA DA “LINHA LIMÍTROFE”. A CAMINHO DE LESZATES. 7º DIA DA 12ª LUNAÇÃO.	101
G’ÂNIMA, NO DESERTO DE PHIN-CH’Y	105
DE VOLTA A G’ÂNIMA, NO DESERTO DE PHIN-CH’Y.	110
MEMOND, A TRINTA DIAS DAS TERRAS DOS VENTOS DO NORTE. 30º DIA DA 12ª LUNAÇÃO.	113
DIA MUSGOSO. BESAPHIS, TERRAS DE BORAL. 6º DIA DA 1ª LUNAÇÃO.	120
NORTE DA CAPITAL DE CAELESTIA. CIDADE DE ÂGON.	125
CORRESPONDÊNCIA URGENTE	129
FOSIALOPHIS	134
DIONISOS:	136
JUDÍCIA, NO VALE DOS RIOS DOS MORTOS	140
ABN-AL-AZIR - TERRAS DO SUL	142
JUDÍCIA II	145
CRUZANDO UMA ESTRADA ENTRE CAMPOS DE PAPOULAS.	148
EM PAUSA DA CAMINHADA NOTURNA, À LUZ DE UMA VELA.	152
GARMARA. NO CAMINHO ENTRE G’ÂNIMA E DUALA	154
RETORNO A G’ÂNIMA	158
AUSTER	163
AUSTER - BATALHA DA LINHA DE LIADAR	166
AUSTER - BATALHA DA LINHA DE LIADAR - 21 DIAS DA 4ª LUNAÇÃO	169
AUSTER. BATALHA DE LIADAR. REGIÃO DA COSTA MARÍTIMA. 18º DIA DA DÉCIMA LUNAÇÃO.	173
CAVERNAS DE NIRMAN.	176
DEPARTAMENTO DE DESAPARECIDOS - BIBLIOPHILO	180
UNIVERSIDADE DE INANNA - DRA. CANIS ALEPH	181



*Prezados membros do Magi-estratus:*

*Venho através desta apresentar o trabalho do Neófito Albee L; Loup, recentemente desaparecido e ainda de paradeiro incerto. A fim de manter o caráter da pesquisa junto ao quórum magistral de Inanna, apresento a pesquisa de Albee através das correspondências que conseguimos captar, bem como de algumas de suas ilustrações, encontradas aos pés das Montanhas Sacras. Grata por sua compreensão*

*Dra. Canis Aleph*



Coordenadora do Departamento de pós-philosofia e in-carnações da  
Universidade de Inanna – Comunidade das Montanhas do Leste

*Caríssima orientadora, Dra. Canis:*

*Faltam 21 dias para completarmos um ciclo inteiro, tomando como base o calendário de atividades regido pelo movimento das nuvens vindas do norte, assim como o ritmo do brilho das estrelas erguidas ao terceiro céu. Destes, nos últimos três dias você me orientou sobre meu trabalho. Neste último minuto, pensei em como poderia passar esta pesquisa de um mero plano de conceitos abstratos para este chão que pisamos com tanto orgulho e que, entretanto, não dá conta de carregar sobre sua estrutura cansada tanta informação que não passa de meras manchas no papel.*

*De início, eu tinha algo a respeito da imagem e do corpo. De suas diferenças, confrontações e de suas semelhanças. Dos laços que mantêm a forma do pensamento e da carne, ao menos neste plano de idéias. Você me sugeriu então tomar minha curiosidade pelo corpo como uma pesquisa, efetivamente.*

*Assim, você me pede para criar um corpo.*

*Neste tempo, neste agora, deixei minha mente divagar acerca disso tudo. Olhando para fora, diante dos últimos raios de sol, vi crianças brincando de correr, ocupando-se de suas pequenas perversões. Vi mestres e doutores dirigirem-se, diletantes, para suas aulas e reuniões (mesmo que a essas obrigações tenham, por vezes, verdadeira ojeriza). Vi alunos, como eu, em angústia por trabalhos a entregar e prazos a cumprir. Mas de fato, quando paro para enxergar com mais atenção, caio num lugar muito escuro, bem longe de onde podem ver os olhos acostumados com "verdades",*



"preceitos" e "ideias". Toda esta ordem extraordinária a que nos colocamos para tolerar a vida caótica e desorientadora. Para vencer uma natureza que também sabe ser mãe caprichosa, que pede amor irrestrito e devoção exclusiva. Caso ignorada, sofre a mente, mas muito mais seu corpo, enquanto receptáculo de uma vida possível, mas não realizada.

Assim, penso que talvez não seja este o caso para procedimentos ortodoxos. Não porque os ache ultrapassados, ou apenas porque queira revoltar-me contra um sistema que, a meu ver, não se sustenta sobre as próprias pernas por um ranço diante dos fluxos que a vida lhe impõe, mas sim porque meu desejo é rei e, soberano, clama um corpo pleno de vontades e pequenos desvarios. Ainda que me guie por sugestões suas, assumo que esta é a forma que eu desejo para minha pesquisa. Ainda que pincelado por muitas de suas orientações, esse é o corpus de pesquisa que assumo: peregrinar.

Mas a pesquisa demanda um preciosismo e certos cuidados, entre eles um rigor formal e análise cuidadosa daquilo que se toma enquanto um "objeto" de estudo, assim como a Universidade solicita a comprovação daquilo que se estuda através de um texto que defina de forma coesa aquilo que se escolheu para esmiuçar.

De fato aqui não há teorias. O que ocorre é que, jogadas como bonecas de trapo sobre o papel, teorias se tornam apenas isso: teorias, principalmente quando lidas com olhos que não recebem a matéria e não a deixam transitar pelo corpo. Teorias que servem apenas para emoldurar folhas e mais folhas de artigos não passam de conteúdo estéril para um corpo que, antes, quer reaprender a sentir e estar no mundo. Quer levantar e andar. Quer se apaixonar.

Assim, o que lhe escrever nestes relatos não

serão apenas teorias, mas as imagens potentes de um corpo que quer fugir de um gessamento moral, e fluir o texto pelos poros, sorvendo letra e palavra em mais de um sentido, e muito mais do que linhas estanques podem oferecer.

Fluxo, portanto, é uma palavra que contempla o modo de operação desta pesquisa. Não que haja anarquia desmedida nesta decisão; não há, aqui, a pretensão de desfilar faixas contra a ditadura ou manejar protestos diante de instituição alguma; cada qual é um corpo que demanda um pensar, mesmo os mais ressentidos (que também são, a meu ver, os mais desnecessários). O fato é que apenas uma pesquisa da vida pode sustentar a si mesma. E se pretendo buscá-la, antes devo compreender o receptáculo que a contém: o corpo.

O Corpo, enquanto residente na vida – bem como representante matérico e imagético par excellence da mesma – é esquecido e negado. É tudo o que se encontra em cada trabalho esbarra em suas limitações e impossibilidades, em suas máscaras e decalques. Somente saindo deste corpo, – deste, da hegemonia da imagem ideal, da carne cansada e dos vincos profundos nas dobras da pele – é que poderei encontrar um caminho que leve para além dele. A carne deste corpo que meramente se sustenta pela coluna e circula nosso sangue já é suficientemente subordinada ao controle de palavras de ordem. Nas vias aparentes, ele é resguardado de suas forças e potências.

A vida, cara doutora, é o fluxo por natureza. Quando se está nela, não se pode mais voltar. É a caminhada, o lugar dos grandes passos. Lentos, mas constantes. Mas como tartarugas teimosas, nos envolvemos em cascas e lá ficamos, até que se rompam e a Gaya termine por rasgar os últimos centímetros de pele e músculo que um dia envolveram o que de mais precioso tinha o menino Dionísio: o coração.



*Nesta casca, nesta instituição, não haveria como produzir o que pretendo: o aprendizado da criação de corpos outros, que possam participar das infinitudes da vida, da sua potência, da sua violência. Corpos estes que possam atravessar montanhas, cruzar oceanos e libertar-se da organização que lhes mantém presos à vontade de uma coletividade, como o trabalho de operários, que não passa sequer perto do de um coração apaixonado.*

*Como pode ver, este é o trabalho (e o desejo) de um corpo apaixonado.*

*Parto em peregrinação por continentes outros, desconhecidos e inauditos, que tomo a liberdade de denominar como As Terras de Oneiros. Terei de cruzar oceanos, caminhar longos trechos. Cavar tocas e buracos a me proteger das intempéries e resguardar o produto da labuta. Engarrafar luz, a água e o vinho de uma alegria, num coração ébrio de afeição por si e pela terra.*

*Assim, lhe solicito, em primeiro, a liberação de meus afazeres enquanto seu subordinado, para iniciar os procedimentos e detalhes da pesquisa. Enquanto viagem longa, exigirá o cálculo daquilo que preciso e daquilo de supérfluo que devo deixar para trás. Talvez, logo de início, muito do que amo permaneça ao longo da poeira da estrada e das pegadas do chão. Claro que sei dos relatos que devo apresentar diante da alta Cupula Magistral de Inanna, das avaliações e leituras a ser feitas, tanto de tuas orientações como as dos outros magistrados e colegas. Mas obviamente, mantereí contato permanente, e anexo aos relatos, enviarei também os trabalhos solicitados ao trimestre de estudos. Quanto aos Ritos do Ciclo Semanal, poderia transmitir meu breve afastamento? Você sabe a quem indico para me substituir nos serviços e atos. Basta entregar a carta que deixo anexa ao Decano.*

*Quanto ao resto, todos os elementos e materiais que irei trabalhar vão se movimentar na vida para conceber a criação de um novo corpo. E nesse ponto, a música, a arte e suas figuras me podem deslocar e tornar-me viajante. Saio do meu invólucro de carne, saio do rosto que me constitui e identifica e posso, como na infância, voltar a ser outros. Entendi que para isso precisamos fazer deslocamentos.*

*No caso de uma re-apresentação de mim, isso tem a ver com a necessidade que sinto de recriar um corpo, de presentificá-lo, de torná-lo em carne (in-carnação). Um novo corpo é também uma nova presença. Uma nova presença apresenta-se ao outro, como uma nova lembrança. Você conhece a palavra "memento" um presente que guarda a lembrança do outro, que carrega consigo um corolário de elementos que farão presentir um corpo. Um memento, uma companhia, uma carta. Um pré-sentimento amoroso do outro tornado objeto de afecto.*

*Depois, sabe que me ocuparei de encontrar lugares novos que me possam servir de material para a constituição e reconfiguração diária dos corpos produzidos. Para tanto, lhe peço os seguintes materiais, para que solicite ao Secretariado do Tesouro da Cupula Magistral:*

- trajes de algodão cru para os dias de calor. Se puder encomendar da Fiandeira de Dinaláh, te agradeço; encontra-se somente com ela os fios mais macios, frescos como seda e resistentes como lona;*
- sandálias de couro de camelo; retém o líquido e não desgastam facilmente;*
- sapatos de escaladas e montanhismo: provavelmente andarei por zonas frias;*
- blusões e camisas de algodão das montanhas, de pêlo das Renas do Norte: confortáveis, ajudam a reter o*



*calor em baixíssimas temperaturas;*

- *pena, papel e tinteiro, bem como pergaminho de pele de bois de Brunai; mais fino que outros, porém resistente e flexível, precisarei para as anotações de campo e o envio de relatórios semanais. Ah, não esquece da tinta, por favor: 30 frascos de tinta de polvo de 10 braços das ilhas Mohel: ciano, magenta, amarela e preta.*
- *botas em couro (seis de couro de dragão do fogo e 6 de dragão da água);*
- *Cordas em enodamento triplo das florestas de Umbria (mais resistentes que aço);*
- *1 faca de marfim azul, 1 adaga de prata cinza, uma bolina de cabo ebanizado e lâmina de aço rochoso;*
- *Mochila de viagem em pele de harpias (resistente e duradoura, apesar do cheiro);*
- *Livros dos contos antigos das cidades e mundos (em suas versões para viagem, principalmente as histórias do Peregrino Azul);*
- *uma carta de apresentação da Universidade, a fim de que eu possa me deslocar pelas fronteiras, cruzando os limites sem impedimentos;*

*Creio, assim, serem estes os itens mais importantes desta lista. Caso haja mais, te mantereii informada.*

*Saudosamente*

*Albèè L' Loup*

Neófito do Departamento de Estudos em Pós-filosofia e In-carnações.

BÍBLIOS, ALTUS NÚMEN, AO PÉ DO MONTE LÍTERAS. 14º DIA DA 1ª LUNAÇÃO.

1º CANTO.

*Caríssima Dra. Canis:*

*Já faz duas semanas que parti. Sai de manhã cedo, junto aos primeiros raios de sol. Tomei a balsa que leva para a outra margem, ao ponto distante do Horizonte Conhecido. Dali, segui a pé, numa caminhada de hora e meia até as fronteiras de Biblos, e assentei acampamento na vila de Númen. Avisto daqui o monte de Literas, maior em altura conhecido nas terras emersas. Faço aqui a primeira parada, e envio o primeiro de muitos relatos.*

*Antes, lhe agradeço o envio da tinta; ao invés de me enviar apenas as cores que te solicitei (as primárias e a preta) me mandou todo o arco-íris! Melhor ainda o bico de pena: que bom que sabia que os de liga de prata com bronze fazem pontas mais maleáveis. A extremidade arredondada vai evitar que ela derrape e espalhe tinta durante os desenhos ou anotações.*

*Num tudo foi perfeito, entretanto. Das botas que encomendei, somente me veio um único par e, mesmo assim, ruim! O solado não era das escamas que pedi, e o couro não estava bem costurado, coisa que eu mesmo terei de fazer. Houve algum problema junto a Secretaria do Tesouro?*

*Quanto aos livros, me tomei de satisfação ao receber o "Conceitos Filosóficos - explicações e digressões", do Abade Matoz, o "Bestiário das Terras Emersas" de Lord Awake e o "Manual da Pesquisa Empírica", da Senhora de Zarcoza & Maráy, a Esfinge de Agon. Por estes três, algumas coisas começarão a tornar-se mais interessantes. Talvez, entretanto, menos*



claras. Mas o divertido também pode ser o borramento da pintura.

Me pedistes também uma lista dos outros livros que vou usar para referendar a pesquisa diante da Câmara Magistral. Assim, segue a mesma, anexa em outro envelope, junto a esta carta.

Já a solicitação para a defesa escrita desta pesquisa se mostrou mais complicada do que eu esperava. Primeiramente, imaginei que o desejo pela busca de uma escrita menos formal fosse razão forte o suficiente para justificar esta jornada. Mas no decorrer de outras leituras, compreendi que não. Mesmo o que se coloca em pergaminho, a pena e tinta, é insuficiente para descrever o todo que perpassa este corpo que me carrega, que sou eu, mas não só eu. A palavra, necessária a uma transmissão, ainda corre o risco de colocar-se como a lei que rege a sensação daquilo que se viveu. Como usar o corpo da palavra (e eis o primeiro corpo que te envio, parcialmente desfeito) sem que esta se torne o dogma daquilo que se viveu? Palavra sem vida a correr-lhe pela tinta não passa de casca vazia da sensação: não atravessa, punge ou fere. Há que juntar estes pequenos pigmentos do caminho e nestes retomar a vida via a cor da palavra.

Começo a experimentar o novo corpo que criei na primeira parte: o corpo *In-carnato*, conforme apresentado no livro do hermeneuta Zeleud'y, "Corpo e In-Carnações", e por onde baseio esta pesquisa. Conforme ele afirma, "em nova carne, construída com matizes e tons diversos dos lugares, será um corpo que se cria e abandona, carne que se prende aos vitrais deste corpo-catedral, e cujos mesmos escorrem em pouco tempo. Corpo de um afeto inconcluso, de um possível reduzido, mas eficaz. Este é o corpo do presente. É a dimensão do afecto corporificado numa apresentação renovada de outra carne e matéria do carbono." (página

38 do primeiro pergaminho). É um corpo presente – sua presença é memória, seu envio, um presente – uma dádiva. Mas, ainda longe de ser ideal, apenas pressente o que está por vir. Pré-sente – sente antes, não pensa, não é, mas vem sempre a ser, tal qual um devir.

Nesta etapa, não busco o biográfico; não é de mim ou meu corpo que falo. Não há, pois, mais um "eu" a ser notado – ou sequer anotado – e sim o conjunto dos eventos que se entretecem pela vida e atravessam esta margem. Eu cruzo os caminhos de agora em direção a terras de pouca luz. Saio do invólucro carnal, saio do rosto que constitui, dogmatiza e identifica e posso voltar a ser tantos outros. Para tanto, se fazem necessários deslocamentos. Desconstruções. Destruições.

Continuo a jornada pela parte do amanhecer. Tenho de tomar outra barca para Sema, passando pelos mares de *Umbralías Caelestia*. Breve, envio-te novo relatório.

Abracos

L' Loup



*Cara Dra:*

*Soube de tuas agruras por meio de tuas últimas mensagens, acerca do "levante dos Literos" – essa revolução dos alunos da cúria de Methias, e seu cientificismo demasiado fanático. Sobre tua prisão e privações. Mas escuta:*

*Enquanto não se perde a própria vontade de viver, tudo ainda é potente, tudo ainda é possível. Mesmo aprisionado teu corpo em cubículos e jaulas, com animais tornados assim pois não encontram oportunidade para ser de outro modo, tu ainda persistes. Cuida do corpo teu, dos outros que de ti vieram ou que dele privam, e ainda lembra de te manter apaixonada. A vida em ambiente estéril assusta, mas é nos desertos que a vida abunda, escondida nas dunas de idos tempos. Só dá aula quem mete medo, mas só educa quem sabe amar, e só aprende quem tem vida para tanto. A luz não reside só do lado de fora da sala. Pode vir também da boca de quem fala, tornando mais claro até o mais invernal dos dias. Onde fricciona contra, persiste: basta uma faísca para produzir um universo.*

*Assim que chegar, tomarei minha dianteira.  
De seu orientando*

*L' Loup*

*Dia de sol dourado e generoso, derramando-se sobre os corpos como os braços de Rá.. Felicidade por um momento onde todos podem se dar ao luxo de ser o que pensam ser, e conviver tranqüilamente com isso. Irônico então, querido amigo, pensar que aqui se instalou uma paz breve e confortante, emoldurada por um monumento de guerra.*

*Pessoas do mesmo sexo beijam-se, escancarando seu amor-tabu. Famílias passeiam com seus filhos; bebês, adolescentes e adultos. A luz produz um mundo idílico que só persiste enquanto imagem fadada ao fenecer. Triste saber que tudo vai embora um dia, e que se deixará tudo para não mais retornar. Como disse Simone de Beauvoir:  
"a vida é um longo e demorado adeus..."*

*Eu me despeço todo dia.*

*Com carinho*

*Albee*



*O pensamento acompanha o ritmo de meus olhos, tentando se acostumar à passagem rápida das imagens dentro do pequeno bote. Trepida demais, e faz o corpo retesar para manter a coluna ereta e o parco equilíbrio, mesmo sentado.*

*A velocidade faz com que aqueles caixotões enormes, um bando de gente empilhada umas nas outras - essas coisas que chamam de prédios - passem pelas vistas como imagens numa tela. Se olhar pra fora é ruim, pior pra dentro da barca. Cabelos desgrehados, olhares cansados e rostos retorcidos por medo e preocupações nem tão difíceis de se imaginar. É então uma cor diferente passa - não, não passa: rasga! - todo o cinza e olhos cansados e cabelos desgrehados e... e.*

*A barca encosta na margem, ele entra. O vento lhe desarruma os cabelos da frente, finos como os de um recém-nascido. Tem a pele lisa - não deve ter mais de 25, penso. Usa óculos de aros grossos; pesam um pouco naquele rosto de querubim com enxaqueca, mas não lhe roubam a beleza. É ligeiramente alto - talvez 1,70m. Esguio, tem uma certa agilidade contida. O corpo acompanha o conjunto: costas largas, pernas longas: ah, as harmoniosas colunas do templo. Uma leve barriga de quem não é muito afeito a exercícios, mas também não pára quieto. Nádegas - ahh, as nádegas - arredondadas, empinadas, torneadas. Ali minha imaginação dispara em devaneios que me amolecem os ossos e entesam a carne. Ai... já o vejo nu - pálido, pelos ruivos distribuídos entre a púbis, o esfíncter e o ânus. A pele das nádegas lisa, marmórea - nunca viu o sol. Não me importo com os outros olhos; é o MEU olhar que o capturou. Posso não tê-lo em carne - mas o aprisiono em minhas retinas e, mais tarde, lhe darei*

*um invólucro de açúcar e veludo. Ai ele vai ser só meu! Ninguém mais vai carregá-lo como eu. Rosno por dentro: "ele é MEU!!!"*

*Ele percebe, desconfiado, todas aquelas pestanas imbecis olhando para ele. Mas é atrás de mim que ele senta. Na passagem, o rastro do seu perfume misturado ao cheiro das axilas - e eu disparo outra vez, tentando reproduzir entre o cérebro e minhas narinas o cheiro que deve haver entre seu escroto e a virilha.*

*Fecho os olhos para manter ambos presos lá - ele e seu cheiro. Ele surge nu em minha imagem-prisão. Seu pênis está duro, rijo. Longo, levemente curvado num arco suave. A pele é fina, e recua para revelar a cabeça úmida e róseo-avermelhada; lateja. Me aproximo e posso ver a pequena fenda por onde cai, discreto, o líquido cristalino que antecede seu prazer. Está quente, tem gosto e cheiros que me dão fome. Fome de estar entre suas pernas. Mas deixo pra depois. Levanto-me de onde estou e me coloco sentado atrás dele. Quero ver a sua nuca. Lembro que as Consortes da Imperatriz de Memond veem um imenso erotismo nessa região, onde deixam à mostra apenas um pedaço que não passa do limite entre as omoplatas, que clareiam com uma pasta de pó de arroz e óleo de papoula. Mas ele...ah, ele não precisaria. Já era branco, pálido - fantasmático. E eu já nem sabia se ele realmente estava ali ou se fora eu que o havia feito saltar de alguma história ou conto de alcova.*

*Ele começa a cantarolar uma música em alguma língua que não conheço. Mais um elemento dele que vou subjugar e tornar cativo ao meu desejo! É agora, eu o tenho todo! Carne, vísceras, fluidos, corpo. Em mim, ele está mais carne do que se pudesse o tocar de fato! O sinal da parada soa. Ele desce. "Não faz mal", eu penso. "Dali, já tirei o que precisava. Mas se ele soubesse o que vou fazer com ele depois..."*



*Certa vez, um Peregrino. Não havia nome a lhe dar; era apenas um caminhante, como todos no mundo. Mantendo seus pés em movimento, corria mundos e universos buscando aprender. Aprender a estar numa vida que lhe era imensa, poderosa e assustadora. Mas mesmo assim, mesmo com medo, ele caminhava.*

*Um dia, depois de cruzar extensas florestas, desertos áridos e oceanos azuis, chegou a um reino todo escavado na rocha, dos pés de uma montanha até o topo. Foi subindo os degraus que circundavam toda a extensão do monte. Viu templos à beira de precipícios, mosteiros isolados no topo de montes vizinhos, vilas inteiras construídas com pedra e madeira, umas sobre as outras. No cume, um imenso pátio de pedra rosa, onde na extremidade norte se via um castelo muito amplo. As paredes eram cobertas com argamassa feita de cimento pigmentado com as areias de todos os pontos da montanha, o que dava cores as mais diversas à estrutura. Bandeirolas estavam penduradas em fios de prata, que pendiam da torre central até o chão. em cada uma, pedidos e orações em todas as línguas conhecidas, desconhecidas e outras já mortas. Ao fundo, três quedas d'água sumiam debaixo da estrutura do castelo, e provavelmente desaguavam em um único rio aos pés do monte, logo ao lado do primeiro degrau.*

*O ar era rarefeito, era difícil respirar, e ventava muito. Era frio e, a medida que se subia, mais gelado ficava. No topo, havia um sol eterno, pois ali já se via tudo acima das nuvens. Talvez fosse o ponto mais alto daquela região. O vapor das quedas turvava a visão, num colorido aveludado. Ele seguiu até o portão prin-*

*cipal. Havia apenas o flautear de uma escultura onde o vento criava sons do oco da boca de uma estátua de algum idolo desconhecido. Seu corpo era de madeira, mas a flauta era de ouro e jade. O chão era de opalina, uma pedra translúcida e que refletia todas as cores em tons leitosos.*

*Onde estavam as pessoas? Onde estavam os monges ou religiosos do lugar? Para que mesmo ele havia ido até lá?*

*Passando mais uma porta, chegou ao átrio principal. Um jardim interno, repleto de flores da época, cobria colonatas do claustro que circundava o pátio. Ao centro, um barco belamente entalhado e, dentro dele, um corpo coberto de um pano branco.*

*Uma dor no seu coração emergiu. Pensou em como era estranho ver um corpo. Era estranho pensar que um dia amou, respirou, caminhou, colheu aquelas flores, sentiu seus cheiros, amou, gozou e chorou. E mais triste era pensar: ele foi. E entendeu o porque do barco.*

*Ele lembrou. Sabia porque estava ali.*

*Largou a bolsa de pertences, tirou o manto que o protegia do frio e, sozinho, empurrou a pequena balsa até a beirada do outro lado do templo, onde se via o paredão de pedra e as quedas d'água, bem de perto. Empurrou o barco, e ficou ali, estático, enquanto ele caía, engolido pela convergência das três quedas.*

*De seu rosto, rolaram apenas três lágrimas, que lhe lembraram que chorava a perda de seu próprio corpo. E de mais um pedaço de si.*

*Deixou a capa, as roupas e a bolsa para trás. E novamente desceu a montanha, chegando nu até o chão. Mais vivo do que nunca.*



*O Peregrino caminhava agora por uma floresta densa, repleta de vegetação viçosa e árvores muito, mas muito altas. O sol entrava em raios que se distribuíam como braços longos e dourados entre as copas até o chão. Amareladas, as folhas caídas iluminavam-se, criando um chão dourado por toda a extensão. Troncos grossos demonstravam que o tempo por ali havia passado a muito e ainda corria como uma velha tartaruga: sem pressa, atento aos detalhes. Havia evidente vida ali; uma profusão que variava entre insetos e pássaros multicores, de plumagens macias ou desconhecidas.*

*Seu coração estava cansado. Ele o havia entregue ao Leão, como prova do seu amor, do seu desejo, de sua confiança. Mas o Leão o machucara. Evidentemente não foi intencional. Era de sua natureza, era de seus hábitos. O Leão quis amá-lo, mas não sabia como beijar um coração com amor e entrega. Ao invés de roçar os lábios sobre a carne e lambe carinhosamente o sangue do músculo pulsátil, ele cravava seus dentes, sem entender o quão era dolorido esse amor. O Leão não sabia amar. Assim como o Peregrino. Ele recebeu seu coração de volta, destrocado e dolorido. Perfurado, parecia uma renda delicada tecida em seda vermelha e traços amarelos. Resignado, o Peregrino o retomou, triste pela partida do Leão, mas também aliviado do fardo de um aprendizado que, à despeito de toda a sabedoria que lhe tinha trazido, doía.*

*Retomou seu corpo, seu coração, seus fluidos outrora tão tristes e correu para o verde para se curar e refugiar.*

*Adiante, chegou a um descampado, onde existia somente uma grande e frondosa árvore, cujo tronco era*

*mais grosso do que dez homens abraçados a sua volta, e sua altura chegava perto de tocar as nuvens. Recostou-se numa enorme raiz, cujo centro possuía uma depressão ovalada, onde deitou seu corpo e abrandou sua mazela.*

*Horas depois, após um sono reparador, levantou-se. Circundou demoradamente a árvore, de onde pendia, dos galhos mais baixos, frutas vermelhas como rubis e macias como tenra carne. Apanhou uma, mordeu-a e se deliciou com seu sabor agridoce. Circundando-a mais um pouco, percebeu um nicho e, dentro dele, um velho. Um velho de aparência muito antiga, e que provavelmente morava dentro da árvore a tanto tempo que sua vida já se ligara a ela como se fossem um só.*

*Acostumado como estava a coisas estranhas, isso o surpreendeu, mas não o assustou. O Peregrino apenas olhava encantado o modo como as pernas do anciano se ligavam às raízes do tronco, e como sua pele adquirira a textura da casca da árvore, de cor grossa e acinzentada. Musgos lhe cobriam a face e se distribuíam por toda a extensão da longa barba acinzentada, de onde já não se sabia mais se haviam fios de cabelo ou longos pólipos fungóides.*

*Ele percebeu o Peregrino. Deu uma risada, antiga e gostosa como a de um avô, ou o pai de todos os avôs. Convidou o Peregrino a sentar. E olhando-o fundo nos olhos, onde só a terra sabe alcançar, pois é o início e o fim de todas as coisas, ele disse: “sente aqui, e deixa-me te contar sobre as balsfêmias do amor...”.*

*E ele sentou, e escutou.*



*Caríssima Senhorita Unyl:*

*O que a lembra estar viva?  
Eu te pergunto, pois compreendo e ainda ouço teus protestos para que eu não partisse, quase três meses atrás, temendo que me perdesse ou que algo de mais grave me tirasse a vida. Te pergunto, mas essa também é a resposta da questão. Justamente, coloco meus pés desnudos nesta jornada - nesta rota de encontros e acontecimentos - para saber daquilo que me lembra estar vivo. Sei como, em teu julgamento no dia de minha partida, souu disparatada minha ideia. Mas eu entendi uma coisa: a terra pára no momento em que apenas nos permitimos tornar receptores passivos de uma massa de saberes sem, contudo, nada viver para construir sobre isso. Passei a perceber que existe uma teimosia em entender o mundo a partir de um "eu" que se pensa uno, e que habilmente se coloca no trono da exclusividade do ser, e este "ser" enquanto o verbo da existência, da presença em movimento, mas não no fluxo. Este Ser que quer governar num trono de estrelas e mantos de cetim. Ser idílico.*

*Tu me perguntas que lugares são estes que visito. Se tivéssemos tido mais tempo para nos reunirmos, para brincar mais de criar conceitos, de filosofar enfim, talvez juntos pudéssemos ter empreendido essa jornada. Mas agora tu te vais para tua terra distante, oceanos além, enquanto eu destruo um mundo para outros criar e, assim, novos corpos dali surgirem.*

*Talvez tu pudesses ter me ajudado a entender antes o que balbuciavam nossos autores-intercessores quando afirmavam que "(...) a desterritorialização é absoluta quando a terra entra no puro plano de imanência de*





um pensamento – Natureza com movimentos diagramáticos infinitos. Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes, a 'adsorve').” – conforme Deleuze cita no seu “O que é filosofia”. Se puderes olhar lá na página 117, vais ver.

O que posso entender com isso? Que não há como criar, viver uma vida em arte sem o possível de uma criação, sem sair do lugar, sempre. É só se cria quando em necessidade da mesma. Só se cria quando se destrói um universo, quando há um Deus de seis braços dançando sobre sua cabeça, rompendo qualquer possibilidade de retorno ao que antes nos era seguro, destruindo a terra, a ilha solitária – e, assim, a verdade de um pensamento todo, uno ou completo. Criar um plano de imanência é, a partir desses restos, tomar matéria para fazer um arquipélago que se renova a cada dia, onde os conceitos serão corpos que se lançam da superfície aos céus e abaixo das águas deste plano, ressurgindo junto a uma miríade de outros que a eles se conectam, como peixes em um cardume. Tu não estarás de fato na mesma terra que pensavas. Tu serás outra, dentro de outro corpo criado para viver as impressões de tua viagem, de teu deslocamento, tão potente quanto o meu. Apenas, talvez, menos esquivo. Será outra carne, que não é só a que te veste e oculta teus fluidos. Não são corpos que nos pertencem, nem lugares de uma terra que se queira conquistar: apenas o lugar do surgimento de ilhas de sensações, de onde emergem corpos de experiência, como Vênus a surgir da espuma do mar. E mesmo com tudo isso, afirmas que esta jornada para esta pesquisa não tem sentido? Não se sustenta? Então escuta o que te digo, numa poesia que me veio, ditada pelos ventos:

"Se tiveres medo, não recua.

Se te parece demasiado grande, não teme:

toda a vastidão e poder assustam quando se mostram em plena possibilidade.”

Lembra-te de Arjuna? Ele pediu a Krishna para vê-lo em sua verdadeira forma, aquela que meramente transcende o corpo. Ele disse “Se, pois, me julgares capaz de te contemplar em teu supremo esplendor, ó Onipotente, mostra-me tua face e revela-me o teu excelso Eu Cósmico” (Está no “Bhagavat Gita”, na edição dos copistas de Mogúncia). Krishna, então, mostra-se em toda sua glória. Pobre Arjuna! Rio-me dele até agora, prostrado diante das movimentações pluricorporais de Krishna, rogando que “Como outrora te via, desejaria ver-te novamente, de coroa, clava e escudo, em tua forma cósmica, com milhares de braços, Ó Ser Infinito!”, sendo Krishna uma entidade cheia de corpos e tanto assim de “eus”. Tu te sentirias assim em palco, em teu momento de encenação? Pode me dizer que tu crias máscaras cênicas apenas para o ato que encenas, querida domin’atriz; mas o que tens de fato no limitado lugar onde movimenta tua força cênica é a formação de uma terra nova, onde dança sobre as águas e grita com pulmões abertos (novos no teu novo invólucro abstrato): “Este coração vive!!”.

Volto ao pobre Arjuna: não foi uma forma de dor que o miserável escolhido de Krishna sentira? A dor do que se dá a conhecer, mas não se dá conta de suportar? Ninguém, no fim, deseja contemplar o abismo, como já te disse. O possível também pode ser terrificante. É como o oceano, por onde agora navego e te escrevo estas linhas, ao convés, seguindo em direção à Noémia...

Estou em algum lugar no meio do nada, onde se olha para todos os lados e só se vê água. Acredito que o horário de agora seja algo entre 7 e 8 da manhã. Mas não há, aqui, como mapear a rota e traçar o destino. Fado, talvez? Não sei bem. Pois o mar de Um-



*Bralias Caelestia é bastante - digamos - atípico.*

*Houve tentativas de fixar fronteiras, alinhar rotas, que delimitariam áreas navegáveis. Mas estas permanecem pouco tempo no mesmo lugar, já que tudo some. Então, creio que, sem algo a orientar (mas não traçar caminhos fixos) não é apenas desenhar o mapa que importa. Antes, criar uma rota no nada e esperar topar com uma ilha (pode demorar...). Até lá, as Torres de Marfim podem cair e surgir montanhas no lugar (e estas virarem lagos de porcelana).*

*Somente os marinheiros do navio sabem como se orientar no lugar. Usam um pequeno instrumento, de tamanho e forma de um ovo. É uma Bulla Abstractus. Eu já havia visto uma delas, mas há muito tempo atrás, em uma viagem já um tanto esquecida.*

*Feita de um cristal muito transparente, há dentro dela um líquido azul-turquesa, onde estão embebidos seixos nacarados do tamanho de pequenos diamantes, que se movimentam sutilmente dentro dele. Internamente há outra camada - sólida - feita de algum metal que eu não saberia descrever. Vi um dos navegadores a levar ao convés de hora em hora. Por alguma força que não compreendo, ela se sustentava no ar, leve como uma pluma. Eles se afastam um pouco, enquanto os seixos dentro dela começam lentamente a configurar padrões refinados, quase como um bordado. Eles anotam algo, que varia entre números, letras e símbolos, e a partir daí traçam a rota. Ah, se pudesses ver, talvez entendesses. Nunca pude operar uma de fato. Escreveria-te melhor se a houvesse experimentado. Somente pude, como da outra vez, contemplar um tanto de seus símbolos e desenhos cheios de beleza e exotismo. Foi em uma viagem para Dualla, alguns anos atrás. É engraçado, porque passo por isso uma vez mais, mas em circunstâncias mais agradáveis...*

*Comecei a pensar sobre os acontecimentos, o*

*retorno de certas sensações que se ergueram por uma determinada imagem; será que escreve-se o que se vive (mais propriamente o conjunto do que se experienciou)? E falemos de nós, enquanto artistas: na arte funciona assim? É possível. Talvez criar imagens (e personagens) seja estruturar e constituir corpos na vida. Corpos esses que depois irão friccionar uns contra os outros para criar potências. Afinal, pensar é criar conceitos, que, mesmo incorporais, se incarnam ou efetuam nos corpos criados na vida, nas terras estranhas que se derramam dos poros, livres como insetos alados.*

*O desejo, de fato, é a potência criadora, calor dos corpos. Porque ao olhar, desejo, e meu desejo atrita com o teu. Mas esse friccionar é meio arriscado. Pois quando o corpo vibra demais, também faz calor demais; há uma paixão inflamada e que, portanto, se precisa manter uma intensidade tal que não destrua o corpo. Assim, às vezes, é necessário congelar e diminuir o atrito das partículas. Senão entra em colapso (entropia) e se consome. Congelar para sobreviver (Masoch e suas peles). A pele é o que delimitará o território da lembrança da vida, a possibilidade da potência (bem como do possível em si). Mas será o corpo (o novo) aquele a carregar as disjunções e tecituras do possível das novas terras.*

*(pergunto: quando voltares de tua turnê, haveria tempo para me encontrar em algum lugar? Te envio correspondência de minhas próximas - possíveis - paragens.)*

*De mim, cujo corpo agora incha numa maré de vida exótica, peixes estranhos, ilhas desertas e arquipélagos desconhecidos*

*L' Loup Navegador e sua Bulla Abstractus.*





MAR DE UMBRALLIAS CAELESTIA, 3º DIA DE VIAGEM.



*Cara orientadora:*

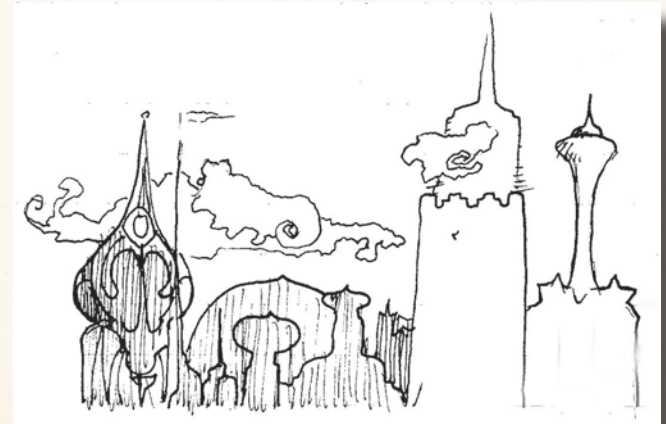
*Envio-te postal de minha primeira parada antes de Noemía: Bouchefermè.*

*Estou encantado pela estrutura arquitetônica do lugar, que deve beirar entre o românico e o gótico, porém muito mais leve. Deixam-se aqui restos de todo tipo de material a que não se pode mais carregar na jornada. E se algo se perder, é aqui onde será depositado. Deixo uma parte aqui, a fim de enviar-te mais tarde.*

*Para solicitar a busca dos restos: envia para lá um lenço com a imagem do rosto - pode ser com tinta. A curadoria enviará um mensageiro para buscar o material (ou imaterial). Cada um difere de acordo com o que se pede para guardar. Lá, ficara esperando a consulta dos sonhadores, pois é somente neste plano que se acessam estes restos. Não faço idéia de quem cataloga ou arquiva a tudo isto, entretanto imagino que esteja além do meu poder de saber. Não é, com certeza, humano.*

*Aqui me despeço. Tenho agora de trabalhar em cima das tarefas que me sugeristes e dos corpos a te enviar. Saudações*

*Albee*





*Meu querido Marteil:*

*Como tem passado? Estou bem, e escrevo para lhe contar que iniciei a viagem que comentei anteriormente. Neste trecho da mesma, lembrei de você, e envio essa missiva para dar notícias e lhe tranquilizar. No caminho, passei por um grupo de crianças, pouco antes de cruzar os portões de Noemía, e vi uma delas muito aparentada a você. Certa dita tomou um pequeno livrinho em mãos e começou a contar a seus amigos, do alto de um toco de árvore, suas pequenas poesias, que falavam de amor, carinho e idílios. Os bracinhos inquietos se moviam como galhos de flores em uma ventania. A voz se modulava de acordo com os tons requeridos pela poesia. Ora seu rosto se contorcia em esgares e sorrisos tortos, para logo modular outra vez para seu tom ingênuo.*

*Ela me lembrou um pouco você na infância, quieto e a tudo escutando com atenção, uma estranha consciência de tudo, silenciosa. Como escritor, sabe do ofício que precisa ser desenvolvido com esmero e conservado com paixão. E não há, em meu ponto de vista, ninguém tão apaixonado quanto você nesta vida. Seu último livro atestou isso, e gosto de ler certos trechos do mesmo no decorrer da caminhada. Lembra de nossa conversa ao pé da árvore na Casa das Palavras? Já chegávamos ao final das estações quentes, e uma leve brisa mais fria arrepiava a pele e carregava as flores e sementes ao solo. E eu o ouvi falar sobre o desejo, tão mais até do que o amor. Sobre como cada pedaço do corpo envia para o mundo suas ânsias e dele faz parte. Juntos e separados. Então me lembrei da minha meninice. De que cos-*





tumava brincar de ser outros. Os heróis dos contos e histórias, os personagens dos cantos dos bardos e trovadores. Vestia roupas que se tornavam peles, mutantes como minha personalidade e aparência. Mas para aqueles com quem convivía, era errado ser outros o tempo todo. Sabe que, em algum momento, a exigência de uma identidade definitiva chega. Mas de tanto trocar de corpo, de tantos dias viver sendo muitos, isso terminou por me fazer falta.

Brincar de boneca ou carrinho, tanto fazia. Andar de bicicleta – e essa virava cavalo lilás com asas e chifre de unicórnio – ou correr contra o vento e imaginar-me voando. E tudo parecia tão possível e real...

Ser animais e outros bichos. Não um mero passarinho, mas um hipogrifo ou uma esfinge. Aquela a ser decifrada. Que graça tem saber quem é? Sou alguém? Fui alguém algum dia? Tenho de ser? Parece uma máscara que grudou no rosto e não sai mais. Lasca, envelhece, racha, caem-lhe os pedaços, criam-se vincos. E nada dela ir embora. Junto a essa craquelagem, o resto do corpo me vai junto. Decai, agoniza aos poucos na falta de possibilidade de ser outros. Pois o antigo se desgasta, a máscara velha se desfaz e leva a carne junto. E nós, tentando manter a coesão de uma coisa que não possui permanência, uma identidade desgastada. Contingências da vida.

Longos tempos foram então quando sequer eu tinha noção da minha própria mortalidade. E agora vivo – melhor, sobre-vivo – tentando desesperado salvar o que me restou do possível dessa nova produção, e das roupas velhas do baú de lembranças. No coração, três cavidades – e uma a espera do amor.

38 Mas o tempo passa, e como a seus filhos, devora tudo que vê pela frente. A carne amolece, cai,

e apercebe-se (não sem certa mágoa) que o auge do corpo já foi. A época em que era como uma flor em botão desapareceu, deixando para trás as pétalas já meio murchas, mas ainda contendo matizes de sua beleza. Foi-se o tempo que, sentado diante da rua, no calor do verão, outros passavam e com olhos enganados, percebiam outra coisa; viam a semente e a vida por vir dali. Sentiam um perfume jovem, deitavam olhos e desejos. Na verdade, sequer sou mais flor. Sou, agora, um rastro do perfume que ainda teima impregnar aos arredores, mas que já começa a carregar certo ranço de algo antigo e esmaecido.

Ora, um ressentimento se apossa de mim! Ressentido, tento criar algo que sustente ainda essa casca, que torne-a um pouco mais passível de ser experienciada sem medo ou decepção. Acabo encontrando (sem saber) em algum lugar que poderia chamar de consciência; lugar onde ilusões de poder e potência me permitem fugir para que, em algum momento da vivência, possa retornar ao que era, remediar ou ao menos atrasar as asas da inevitabilidade. Vãs ilusões, claro, mas tenho de sobreviver! E se agarrar-se a essas ilusões é a única salvação, benditas então sejam. Visto a fantasia uma última vez ainda, mesmo que ninguém saiba. E ao menos dessa vez, esta será só minha.

Neste momento, nesta parte da viagem, coloco-me nu; levanto o pescoço, alongo-o até torná-lo como o de um cisne. Repuxo os olhos e a carne do rosto e retoco o que não me parece convincente. Só depois vou para o mundo. Poderia alguém me amar e permitir reviver a beleza e a juventude novamente, como pude sentir e viver em teus escritos?



*Minha próxima parada, creio, será em Finitas Sapiaentia. Estou no aguardo de teus escritos. Se os desejar enviar, manda para:*

*Província de Ledur, próxima à casa de pedra azul.  
Finitas Sapiaentia - Althus Númen  
Aos cuidados do Sr. L'Loup*

*PS: percebeste que, por mais que se fuja, sempre trazemos os desejos esquecidos à tona, de novo e de novo? Ah, crianças em peles murchas. Mas que fazer? Beijos.*

*Albeè*





*Doce Mariette:*

*Obrigado por sua última carta. Que bom que ainda me encontrou em Noemia. Estava de saída quando o mensageiro me veio entregá-la à porta. Na próxima, peço que me escreva notícias de seu pequenino, bem como de seus trabalhos futuros. Sempre me foi boa conselheira, e decerto sua correspondência nesta jornada me será de grande ajuda. Como estudiosa da consciência humana, muito podemos trocar acerca das impressões dessa caminhada, bem como sobre os corpos (inclusos os amorosos).*

*Lhe escrevo agora, pois logo de início eu não esperava ver minha vontade arrefecer. Não esperava ter de lidar com tantas perdas logo de início. Sempre tive uma vaga ideia de que a caminhada na vida seria longa.*

*Mas ninguém me contou que a estrada é enorme e o tempo para percorrer o caminho, curto. Que o mundo era bem, mas bem maior do que se poderia imaginar. Mas que ao mesmo tempo tudo poderia ser guardado no bolso. Essa estranha paradoxalidade, essa dualidade irritante na existência é que me assombra e impulsiona a tentar viver da melhor forma possível.*

*Agora, já que estou aqui, não posso mais voltar.*

*A caminho do porto, para pegar a barca que me levaria a Onírca, encontrei outra como você, uma Conselheira. Ela tinha olhos de um azul oceânico, daqueles do tipo que se pode mergulhar em profundezas abissais e se assustar com a fauna monstruosa dali. Como você, era jovem, mas a alma era antiquíssima! E por causa disso lembrei de que um dos medos de que sempre conversamos um com o outro era o da morte. Uma das causas desta viagem foi a tentativa de tornar supor-*

*tável aquilo que não conhecemos. Esse desconhecimento do inefável se torna, para muitos, o empecilho para uma vida plena.*

*Lembro-me bem que aquele enorme poço azul olhou para mim, no lugar mais fundo que tenho (mesmo não sabendo onde é) e disse: "depois que se entra no caminho e se atravessam os portões, não tem mais volta." Me senti apavorado como Alice cruzando o espelho, sem previsões de retorno. Virou-se e continuou sua jornada, tão solitária quanto a minha.*

*Freud disse certa vez, às portas de sua morte que "(...) pelo que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará. (...) O desejo de prolongar a vida excessivamente me parece absurdo." Este trecho está no livro que me emprestou de nossa última conversa, Freud e Lacan, de Luiz-Olyntho Telles da Silva. Marquei o trecho da página 24, onde mais tarde quero discutir contigo. Como proceder?*

*Invejo o pai da psicanálise por tal atitude diante de seu fim. E me pus a pensar (e nisso creio que vamos concordar) que tal tranqüilidade se deu justo pelo fato de que sua vida foi vivida tal qual nos inspira Nietzsche: como uma obra de arte. Enquanto a fidelidade ao seu desejo. Que, no fim, ele fez o que deveria ser feito: viveu. O mesmo se poderia dizer de Frida Khalo, a pintora mexicana. Em seu último quadro, uma natureza morta com frutas e uma melancia rubra como sangue, ela escreveu "Viva a Vida!"*

*Por isso, adquiri recentemente um estojo para pintura com algumas cores muito particulares daqui. Para pintar o caminho, captar a luz e desdobrá-la na tela. E para memorar a potência da vida que de meu corpo sai, e retorna por meus poros, refeita na matéria de um novo plano multicolor. Revivo, assim, lembranças antigas tão novas como o dia que se descortina e da*



*morte que se esconde. Proust saberia do que falo.  
Fiz minha primeira tentativa hoje mesmo. Eu devo ad-  
mitir: eu estou bem enferrujado. Corri para um campo  
enorme destas redondezas. Atravessei o riachinho, saltei  
pedras e me arranhei em caminhos de espinhos, até  
chegar nas plantações floridas. Lá, um enorme tapete  
de cores a perder de vista. Sol à pino, pincelei despreo-  
cupado enquanto abelhas e outros insetos vojavam  
por minha volta. Desisti ao fim, desolado; uma pin-  
tura abstrata seria mais bem feita que meu quadro.  
Mas continuo a tentar... Desvelando-me, revelando-me,  
re-velando-me.*

*Albee*

ONÍRICA, CONTINENTE DE MALOROR, AO EXTREMO SUL. 1º DIA DA 5ª LUNAÇÃO. NOITE ESTRELADA.

*Mariette:*

*Agora em Onírica, no continente de Maloror.  
Hospedado na casa de um antigo colega. Esta casa está  
sobre um monte, distante da cidade o suficiente para que  
eu possa ver a ponta de seus minaretes rasgar o céu. O  
ar ainda é quente, mas uma brisa mais fresca sopra das  
matas ao redor até aqui. Adormeci, sonhei, acordei. Só  
me lembro de me ver criança neste sonho. Fazia tempo  
que não sonhava que era pequeno.*

*Lembra quando éramos crianças? Lembra das  
noites estreladas e do céu límpido da rua próxima à cat-  
edral? Você era miúda, magricela e desengonçada. Eu sen-  
tia um impulso de lhe proteger ao vê-la num primeiro  
momento, como se até o vento a pudesse ferir, levando  
embora seus cabelos anelados (de onde eu via caracóis a  
brincar dentro deles). Mas numa segunda olhada, lhe via  
de repente grande, forte, como se houvesse outro corpo  
que você escondesse aos meus olhos. Como se, num  
único movimento, pudesse sair voando pelos ares, alca-  
nçando as estrelas dependuradas na abóboda azul-escura.  
E então lhe imaginava lá em cima, brincando com as  
esferas incandescentes. E eu lhe seguia, para depois cair.  
E se você dizia "pula", eu dizia "tenho medo". E qual era  
esse medo? E então pude lembrar esse pequeno episódio,  
onde essa palavra tomou forma e que, quando pronun-  
ciada, tomou corpo a me afectar.*

*Lembro: minha mãe conversando com a comadre. O ven-  
to frio de inverno soprando. Em frente à pequena creche.  
Havia tantas estrelas no céu...! Era um tecido, e havia um  
cheiro de noite. Cheiro inexplicável por palavras, e só  
poderia descrever por sentimentos. E foi nessa noite que  
pensei pela primeira vez na mortalidade. Não entendia*



muito bem como, mas o céu me contou que tudo tinha um fim algum dia (acho que foi quando pulamos para voar, lá de cima). E de noite não dormi, desesperado de medo que minha mãe partisse. Que eu ficasse só. Que terrível ver as coisas partirem. Mas ninguém havia me contado sobre a morte. Ah, sim, o enterro do segundo marido de vovó. A primeira vez que vi um morto. (muito tempo depois eu iria descobrir que a morte não se vê. Só o seu morto).

Estava de mãos com mamãe. Chegara ao sítio do pseudo-avô. Segundo casamento da avó. Não sabia nem o que era um casamento. Só que no sítio onde vovó passou a morar havia um poço onde a bola vivia caindo, próximo a uma cerca que separava o pomar de figos imensos, em forma de gota, e os espinhos na grama que machucavam os pés. O casebre era cinza, velho e aconchegante. Cheirava a mato, fezes de vaca e pão caseiro. Os veios da madeira criavam desenhos seguidos fielmente pelos meus olhos. Árvores, pessoas, bichos, nuvens. Certo dia, ao visitar vovó, percebi algo errado, algo como um silêncio, uma tensão que recobria tudo, onde impressões estranhas caminhavam pelas pessoas como eletricidade por um fio. Entrei na casa de mãos dadas com minha mãe. Numa cama pequena dormia um homem cinza-azulado, magro e muito, muito quieto. Todos choravam em volta dele. Perguntei à mãe: "ele está dormindo aqui no meio da sala porque, mãe?". Ela apenas disse para que eu me mantivesse em silêncio. Lembro-me de perceber a posição das mãos e o colarzinho de contas azuis no meio dos dedos nodosos. E havia algo branco dentro do nariz. Pensei em colocar os dedos e tirar aquilo que obstruía as narinas do pobre avô. Devia atrapalhar para respirar, mas me contive: logo percebi que ninguém o tocava. Havia flores na cama. Lindas, amarelas como dentes de leão. Como ninguém chegasse muito

perto nem o tocasse, resolvi seguir o protocolo, educadamente. E não entendi quando fecharam o tampão em cima dele (seria pra proteger dos mosquitos?).

Deixaram-me brincando no mato. Verde, área ampla, e tudo logo se desfez como a nuvem após a tempestade nas monções. Pairava uma sensação de interrupção na minha existência (como seria se eu não houvesse nascido?). Pior deve ser a morte daqueles que em vida não tem como privar a companhia de outros e, para tanto, precisam esperar no caixão para reunir a todos num amor forçado em lágrimas, estas desperdiçadas por uma vida mal-vivida...

Mas hoje me encontro aqui. Para adiante, não sei. Para trás, a lembrança que se refaz, mas chega de outra maneira. Talvez diga isso porque hoje comi mad-eleines e tenha lembrado de Proust...

Baisers.

Lhe tenho lembranças, lhe tenho saudades.

Albèe.



*Mariette:*

Atualmente, hospedado em casa de alguns membros do Magi-estratus das terras de Onírica. É uma casa bem antiga, toda de pedra e madeira, porém bem conservada. Clara, arejada, dispõe apenas do essencial, mas com o conforto que se faz necessário ao estudo. Estou alojado em um dos quartos da ala leste, acordando junto a um sol dourado todas as manhãs. Aqui, apenas a cama, de madeira trabalhada, a escrivaninha próxima à janela, o candeeiro (de vidro colorido, que iria te encantar) e uma estante para largar alguns pertences e objetos pessoais, entre livros e roupas. Lá fora, há o silêncio, uma vez que o local fica a mais de meia hora da parte central da cidade. Mas a noite é um pouco opressiva. Quente, desce sobre este lugar como um peso que se deposita uniformemente sobre tudo, quase como a mão de um gigante. Durmo tarde, tentando colocar a correspondência e a leitura dos textos em dia, missão que parece nunca ter fim. Angustio-me um pouco; as tarefas se avolumam, as demandas cobram seu tempo. Falta a vontade de fazer.

Pois há dias que me sinto pesado, meu corpo estreito, meio esvaziado. Há uma mão invisível que fecha o punho em meu coração, e aperta-o com força, como se não houvesse espaço para ele bater. E ele acelera como o de um pássaro assustado numa gaiola pequena.

Existe um medo. Da morte e seu desconhecido atravessamento, bem como da vida e sua impensável realidade, sua dureza quase desértica. Acho que neste caso é por isso que te escrevo. Para falar da morte.

Tento então a visualizar. Lhe trazer, através do ato da escrita, para mais perto de mim, de meus

Será? Será hoje?  
 Ilho para para e  
 pergunto ao pássaro no  
 galho da figueira  
 "é hoje, amanhã?"  
 É hoje que morro?



o se for?



corpos. Tento clamar por um corpo que a possa receber para que, mais próxima, me possa aquecer. Pois a lembrança da morte esfria até as unhas dos dedos. Sempre que falei com você sobre isso, me senti mais tranqüilo. Sempre que em tua companhia resolvia saltar, eu não tinha medo. Seu olho não era a imagem de poços sem fundo, mas sim o pano de fundo do céu, onde estrelas brilhavam em suas órbitas. Mesmo quando era pequena, poucas coisas a assustavam. Lembra do pássaro em agonia que achamos na calçada? Eu não o quis tocar (era criança demais então), mas você... - você se ajoelhou ao lado dele. Tomou o animalzinho agonizando nos braços e olhou sua morte fascinada, como se houvesse descoberto aquilo que fazia o mundo girar. Não temeu. E, se temeu, não demonstrou. Eu tentei evocar àquela hora, trazendo à minha lembrança, pois esta semana tive de presenciar algo difícil de narrar, e creio que somente seus olhos podem receber a impressão que quero passar nestas linhas. Eu recebi a notícia muito subitamente. Fiz uma mala com roupas postas de qualquer forma e me fui até a outra província, cerca de 8 horas ao lombo de cavalo. Ao chegar lá, meu antigo amigo já estava em agonia, mas ainda levemente consciente.

Já tive a experiência de ver mortos e lidar com eles, mas nunca presenciei o ato de morrer em si. Foi a primeira vez. Devo confessar que, ao entrar no quarto, onde somente dois amigos ainda o acompanhavam (não havia restado nenhum membro da família para lhe prantear), tive uma mórbida curiosidade inicial pelo que estava acontecendo (e que, por questões de moral, tentei afastar para dar lugar à tristeza requisitada ao momento). E tive um susto, um estranhamento, um choque. Algo gelado me passou o corpo todo, me invadiu até os ossos (e era verão).

*Trâmites com os alquimistas, burocracias e*

acordos depois, me dirigi até o leito de morte, me preparando para algum evento, cuja natureza eu desconhecia por completo.

*Ah, meu amor...*

Outrora fomos amantes que se tornaram amigos. Ver seu corpo então naquela carcaça magra e de pele esticada sobre o esqueleto me apavorou, pois eu não reconhecia, - eu não conseguia - sentir o velho amor num corpo que não sabia mais de quem era. Meu amor arfava, e só se ouvia os sons de um sopro mínimo de vida. A certa altura, minha aproximação foi percebida por seus sentidos moribundos. Ele ainda teve forças para olhar para o lado e me perceber. Ao encontrar seus olhos e o esgar do que deveria ser um sorriso, pensei "ah, então ainda está aí!". Só então reconheci. Lá dentro dos olhos, lá onde estava o corpo dele (do meu amor), seu sorriso, sua boca. E o que mais quer que fosse.

Não pude resistir, e tomei-o nos braços, delicadamente. Tão frágil criatura... Deuses, como somos frágeis! Como somos sós... E essas constatações todas me vieram ao mesmo tempo. Pois quando o perdesse, também perderia alguém que constituía um dos corpos de lembranças. Pois acaso não são nossos conhecidos e aqueles que por nós passam e atravessam mantenedores de lembranças de quem somos? De pedaços de nossos corpos de pensamentos e ações? Todos guardam em si um algo do outro, mesmo que isso seja indizível. Todos os que nos passam um dia nos servem de relicários...

*E ali estávamos nós. Eu de passagem. Ele de partida.*

Você já viu a morte, além da do pequeno pássaro? Eu digo não a morte enquanto um conceito, mas essa coisa que se torna quase palpável quando atinge muito próxima de nós. As pessoas a personificam.



Dão-lhe um corpo, uma forma, ou seja, uma Figura. Pois Deleuze, esse que já tomo como um conhecido (ainda não com tanta intimidade) diz que "desde o início, a Figura é o corpo." Você leu esse trecho pra mim, na "Lógica da sensação", (lembro até a página: 23). É realmente aquilo que eu via ali era nada mais que uma figura atual do que outrora foi outra. E a morte é apenas uma imagem, um "quê" descarnado que não tem presença, mas só se percebe no momento que atravessa o corpo. Talvez uma pequena história de Borges ilustre bem isso. Em seu Livro dos Seres Imaginários (olha na página 11) ele conta sobre o "A Bao A Qu". Este ser fantástico viveria ao pé do primeiro degrau da escadaria espiralada que dá acesso à Torre da Vitória, em Chitor. Sensível ao estado das vibrações humanas, só poderia adquirir certa vida consciente no momento em que alguém sobe as escadas. De acordo com sua evolução espiritual, sua forma, luz e cor se intensificariam, até atingir seu corpo completo, no topo da escadaria. Isto ocorreu, segundo Borges, uma única vez. Mas conto esta história porque percebo essa característica na morte: ela só adquire o que se pode chamar de um "corpo existente" ao se aproximar e entrar em contato com aquele que está por partir, próximo ao corpo moribundo.

Pois assim que tomei seu corpo amado nos braços, é que pude finalmente sentir a presença da mesma. Imaterial para meus sentidos, não vi a morte passar por lugar algum, não vi roçar sua veste de cetim negro ou o frio de sua foice. Apenas percebi que ela passava por ali, e atravessava meu doce bebê, aninhado em meus braços.

Ele começara a arfar e ofegar. Suas pupilas se dilataram, seus movimentos ficaram toscos e sem controle, ainda que muito fracos. Algo dentro dele lutava para não ir. E eu apenas podia passar as mãos em seu

rosto rugoso e frio, e dizer "olha pra mim! Querido, OLHA PRA MIM!!". Ele me obedeceu, com seu último laivo de consciência, fixando aquelas duas esferas negras em meu rosto (mas duvido que pudesse realmente me ver). Sua respiração era descompassada. Não chamei nenhum socorrista. Ele não queria ser ressuscitado. Não haveria como, de qualquer forma.

Ele agarrou firme minha mão. Pude sentir seus dedos nodosos que um dia tocaram minha pele com tanto amor. O fim daquele corpo levaria junto as lembranças que somente ele tivera de mim. Só dele. Até o fim.

Eu apenas dizia "calma, calma..." Calma. Pode-se ter calma enquanto se morre? Não sei. Assim como a memória do toque de outrem pertence somente a ele, a sensação da morte vai junto com o corpo do que partiu, sem a mínima possibilidade de descrição. Há coisas de que a palavra não dá conta. Morrer é uma delas.

O ofegar da respiração parou de repente, e um último laivo de ar lhe saiu da boca, de cheiro doce-enjoativo. Uma lágrima caiu pelo olho esquerdo, outra pelo direito. E tudo terminou, como um trem que passa da estação e não retorna.

Até hoje tento entender o que realmente aconteceu, o que, com ele, foi junto. Eu perdi por um lado, mas ele também me deixou algo no final. Alguma ilha por meus oceanos se formou...





*De mim. Cinza-morte-azulado.*



*Nietzsche já dizia que o ser humano foge de tudo aquilo que lhe lembre de sua própria decadência (acredito ter lido isto no livro de Nietzsche, "Crepúsculo dos ídolos"). A decadência humana, pois, seriam todas as manifestações que supostamente nos roubam a potência; a velhice, a doença; enfim, tudo o que demonstra que, em algum momento, nosso corpo sofre as ações não só do tempo (o Cronos devorador) mas também da morte lenta e irremediável de nossas ilusões. Ilusões essas de eternidade física ou beleza idealizada.*

*Neste ponto, com a chegada da doença, se tem o duro golpe: de que o corpo (e por consequência a própria vida) não são tão controláveis quanto se pensa. Sim, podemos viver com qualidade de vida. Mas ainda assim, em algum momento, o corpo será aquele que sentirá a dor da ferida da existência. Com a constatação do não-poder, vem o medo; com o medo, a prudência (por vezes excessiva, ou talvez ignorada, como forma de negar a necessidade e manter a ilusão). Mas até onde caminha a prudência e suspende-se a vida? Pois dessa forma, o corpo, veículo da vida, morada de aluguel da consciência, se torna um sofredor; sofre-se por prudência, por medo de perder a felicidade idealizada, ou se sofre pela não ação, criada por uma moralidade constituída por medo e regradada pela negação de si, enquanto corporificação de um eu, mesmo que este eu seja uma construção sutil, fácil de se desfazer. Um abalo nos pelos do braço para tudo desmoronar. Sísmica vida, sempre a tremer, a nos abalar. E sempre insistindo para que tenhamos noção da sua fragilidade. E da presença do corpo, mesmo que este*



*deseje ser redentor e redimido.*

*Penso em meios de combater, de lutar contra a "Moral do corpo doente". Pois, se antes se negava o corpo em detrimento da salvação da alma e remissão dos pecados, hoje se luta pela assimilação goela a baixo de um corpo dogmático, lei de uma realidade impositiva.*

*Buscar potência, vontade de vida e de arte no corpo não é resumido apenas em um padrão estético ou pessoal. Vai além, numa Ação que precisa se fazer presente junto ao caos da matéria, das impossibilidades mimadas de nosso egotismo, da criação de processos compossíveis. Da criação de novos possíveis. Como dizia Deleuze: (...) Acreditar, não em um outro mundo, mas no liame entre o homem e o mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado: "Um pouco de possível, senão sufoco". Quando li isto, em um dos livros de Aliez, fui tocado por essas palavras de maneira intensa, mas muito sutil. Não foi seu sentido que me movimentou, mas as sensações que ergueu em mim. Agora, corpo obelisco, pedra sobre o chão escuro de húmus...*

*Eu, agora: um devir mineral.*

LIMANDRA, CIDADE DE JADE. 12º DIA DA 5ª LUNAÇÃO. AMANHECER.

*Amado Cesário:*

*Encontro-me em Limandra, cidade do jade, onde impera em todos os lugares objetos e ferramentas feitas desta matéria prima. A você, envio uma estátua de uma divindade local, chamada Pheannor – pai das almas celestes. O primeiro Deus local, até hoje amado e adorado por aqueles que filosofam, analisam e pensam. É o criador da palavra e senhor do primeiro nome pronunciado neste mundo. Ao recebê-lo, dê a ele um novo nome: este denominará o ente que lhe permitirá iniciar nova vida e outra jornada. Ao novo, outro nome, noutra lugar. Mandei fazê-la sob encomenda, junto aos artesãos daqui, que não por acaso, também ocupam uma posição que se pode chamar de sagrada. Demorei um pouco para encontrar a oficina do escultor; entrei em vielas de paredes apertadas, e pensei em alguns momentos estar em um labirinto. O idioma local é muito diferente. Era engraçado ver as crianças traçarem uma rota no chão arenoso, avermelhado, rindo de mim, e sabendo que não entendia nada. Recompensei-lhes com algumas moedas e flores de malva, tão valiosas por aqui quanto ouro. Ao chegar, o lugar lembrava um pouco um mercado turco, de teto alto, esculpido direto na rocha, e várias lojas, uma ao lado da outra. Escolhi a única que tinha uma pequena placa, com uma imagem esculpida em terracota ao lado da porta de entrada.*

*Aproveitei e comprei tintas, feitas de pigmentos muito particulares desta região, que vou tentar usar junto aos que me foram enviados pela Dra. Mas não me atrevo a te mostrar nenhum croqui. A falta de tempo para anotar dados, observar o entorno e caminhar distâncias significativamente longas não me permite trabalhar estes como desejo. Da última vez, falei da pintura, e*



esqueci-me de contar um pouco da história de como me apaixonei pelos lápis e pincéis...

Quando comecei a pintar, recorri a uma de minhas imagens preferidas: um campo de dentes de leão amarelos, dourados como um dia de sol na primavera. O verde era muito vivo; um jardim maravilhoso com cheiro de terra molhada. Um pequeno pedaço de cerca invadia a paisagem - entidade intrusa, porém bem vinda no conjunto. Nada artístico de fato. Por aqui, há campos tão belos quanto, mas para mim, aquele será sempre o campo onde retorno em algum lugar entre o sono e o despertar.

Uma pedra próxima à cerca descansava impassível, semi-oculta pelo verde. Libélulas voavam em rasantes, bem próximas ao chão, fechando o conjunto num todo com certa harmonia. Para mim, isso fazia parte de algo maior, pois não era uma mera ilustração. Antes, o vôo da imaginação adejando as terras sem fim. Estas, sigilosas, me escondiam passos mais largos para alcançar algo que fosse próximo da palavra. Era vento, era ar, batidas de coração e metal com algodão colado. Era um acontecimento natural numa camada de papel e asas de sonhos. Sem sentido, mas de sensação.

Tempos depois, arrumando retratos de família e fotos de infância, encontro essa imagem! Uma foto antiga, mas ainda em cores muito bonitas. Havia eu. Pequeno, com os pezinhos gordos apoiados na pedra que nada queria saber de vida. Bailarino, equilibrista, trapezista de circo. As mãozinhas apoiadas no pedaço de cerca que vinha do nada para lugar nenhum. O verde da vegetação baixa que cobria uma parte de tudo. E as flores de dente-de-leão, amarelas como dias preguiçosos. Douradas como sol. E imediatamente lembrei-me do balançar da cerquinha frouxa. Da sensação das minhas mãos na madeira carcomida, com a tinta antiga caindo aos pedaços. Do ir e vir, frente - trás e da força para manter o movimento ao sabor do vento que soprava ao contrário. Logo

que aqui cheguei, fui recebido por crianças. E pergunto-me que sensações as atravessam, e como as mesmas vão afetá-las no futuro. Não penso no que serão, mas penso, sim, o que podem ser...

Fui remexendo mais em minhas anotações e encontrei outras fotografias, de minha amiga De das Terras Sem Nome. Revivi delicadamente os tempos de quando ela morava ao lado de minha casa, do outro lado da rua. Ao lado deste terreno da foto, havia um outro, com uma casinha antiga, que pertencia a uma velha senhora (assustadora para quem passava - louca para outros), e que vivia há muito sozinha ali. Minha mãe comentara algo de sua história de vida, mas não havia nada que me convencesse que aquela pele ressequida, os dedos nodosos e o corpo encarquilhado pertencessem a uma pessoa com quem eu pudesse conviver.

Era noite, e a imagem da madraستا má era o que podia ver da janela do meu quarto, que dava para a lateral da casa dela. Usava vestidos escuros, com estampas de florzinhas minúsculas, brancas como a última lembrança de uma pureza que ainda teimava em aparecer pelos poros do tecido. Na cabeça, um xale enrolado, de cor vermelha, e meias cor da pele, um tanto caídas. A corcunda evidenciada e o cheiro amargo dela eram aspectos que nada me atraíam. Mas hoje sei que já fora jovem um dia, com certeza. Já fora uma criança levada, apavorada com rostos sulcados e pele cheirando a morte.

Quando morreu, a casa ficou por longo tempo abandonada, e adquiriu aquele aspecto das mansões mal-assombradas que se vêem nos contos infantis. Assim, a casa foi demolida, e tudo o que restara foi uma choupana muito pequena, de madeira e chão batido, que era usada nos fundos como depósito para a lenha. Ao lado, uma frondosa figueira cresceu, até um pouco acima do casebre. E por ela eu subia, até o teto, fascinado por poder ver de perto o que de baixo não se sabia existir: telhas avermelhadas, policromadas por camadas de sujeira e limo,



que criavam composições de cor e formas no mínimo singulares e curiosas. Descobri que podia riscá-las, gravar desenhos à unha, e logo aquilo virou uma lousa. Nem me interessei por habitar o pequeno espaço. Seu teto me dava tudo o que precisava.

Passado mais um tempo ainda, a vegetação começou a tomar conta dos espaços que lhe permitiam crescer, livre e generosa, entre os resquícios do que eram as divisórias da casa, agora virada numa planta-baixa ao natural. Capim-cidreira, erva - braba, canapichos, espinheiras e madressilvas tomavam conta dos entremeios e frestas, transformando aquelas ruínas num espaço mágico. Minha planta preferida eram os lírios rosa. Porque, ao morrerem, deixavam uma pequena bolsa. Feita de uma pele fina e acetinada, continha de quatro a cinco sementes de tamanho e aspecto semelhante a uma pérola. Era meu jardim de esferas cor-de-rosa que brotavam do chão.

Trazia uma amiga estrangeira, vinda das Terras Douradas, para lá, e ali brincávamos de reinar, num palácio cristalino, com cheiro de terra molhada e dias felizes. E até esqueci, por um bom tempo, que ali morou uma história que se tornou uma bruxa, obliterada pelo espaço que habitou por tanto tempo, e que talvez houvesse se sentido feliz por tanta vida, finalmente, surgir de seu espaço oco. Tanto verde quanto carne.

(Acabei de achar algumas dessas pérolas no chão. Guardei-as nos bolsos. Posso ainda enterrar o tesouro na beira da estrada).

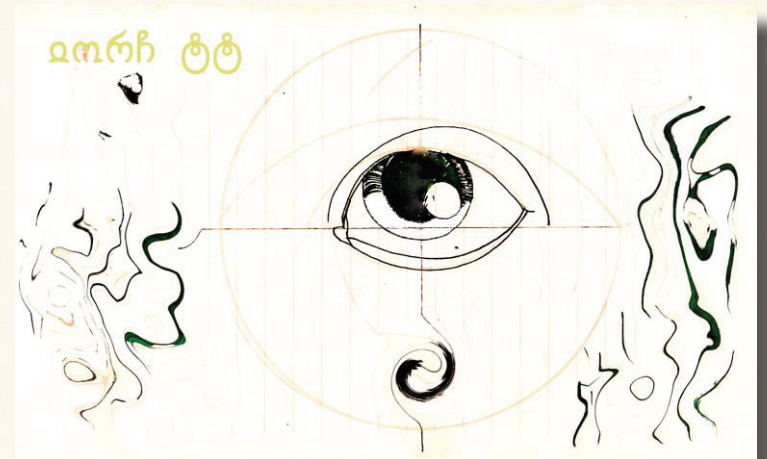
Depois destas últimas semanas aqui, vou seguir na jornada. Assim que puder, lhe pinto um retrato daqui, talvez uma cerca, talvez campos amarelos ou dourados. Meu corpo, atualmente tão maleável, me trouxe o momento uma vez mais um tanto da sensação do vivido. Ando um tanto cansado, meus pés em bolhas, mas não volto atrás. Partindo daqui, sigo em frente. Deixando-a em abraços apertados.







*Entidade criada em Limandra, dentro de flores de Lírio rosa.*



BOREALIS, VALE DOS VENTOS CELESTIAIS. 16º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.

*Ma (e um intervalo). Na casa de Sr. Laconte.*

*Vento. Sopro. Vida. Movimento.*

*Aerada, flutuante e por vezes vendaval intempestivo.*

*Sempre nos encontramos em caminhadas (essas da vida).*

*Nunca houve momentos em que a nossa estrada fosse a*

*mesma. Só a encruzilhada e os encontros. Assim, contor-*

*nos. Pena que não nos pudemos encontrar. Eu soube que*

*perdeste a caravana, e a próxima só daqui a duas sema-*

*nas, e até lá, já estarei distante daqui. Mas não de você.*

*Talvez tenha sido melhor; foi um período complicado por aqui.*

*Ventos violentos assomam a tudo no final de cada dia.*

*Vendavais que, dizem os locais, são uma sílaba que sai*

*da boca dos deuses, num diálogo que cria o universo e*

*dura milênios, talvez antes mesmo do próprio conceito*

*de universo ter nascido.*



*Mas aqui, o vento, tanto quanto o Senhor Leras, também é um caminhante, passeante, que de súbito desmancha-se em gotas no ar. No som do trovão. Cai no solo e cai na sua pele. Punctuns, como aqueles que recobrem de forma tão graciosa a clareza da pele dos seus braços.*

*Suas tensões constroem bolsas de ar que sustentam micropontos de universos moduláveis, que tramitam desenvoltas por trás de suas retinas nimbicas, desabando no som musical de uma chuva que colheu afora. Pontos de som intensos, propagados pelo ar que se espalha em tudo. Passeia por tudo. Seu texto é flanêur. Cheiros bruscos, guiando aqueles que se acham para a perda. Largam-se no vento como bandeiras de oração. Microcorporis pontilhado. Afecções aflitivas e transtornadas, como o são os ventos daqui; mas você, macia e pungente. Deixei sua última carta passear com os ventos. Logo, me foi trazida com a última chuva – não me pergunte como, mas ela voltou-me às mãos. Ainda sua, mas já não mais de ti.*

*Vai colher chuva. Um pouco da minha água sempre pode estar misturada, e depois faz um colar de gotas para mim?*

*Carinhos encontrados*

*De mim, que por ti me perco. Azul-ruivo-porcelana.*

MNEMÓSINIS, ENTARDECER VIOLÁCEO. 19º DIA DA 5ª LUNAÇÃO.

*Querida Ma-a-yr:*

*Como estás? Por aqui, faz um tempo mais agradável que em Borealis; as temperaturas amenas me permitem fazer longas caminhadas pela cidade, onde entro e saio de simpáticas lojas e bazares, acho textos antigos, livros, tecidos e especiarias. Mas o que realmente me deixou intrigado foi a sagacidade deste povo: ainda que não saibam escrever direito qualquer idioma, são exímios no cálculo e na retórica. Alguns sequer sabem escrever seu nome, mas viram-se muito bem numa conta matemática complexa.*

*Vim, de fato, para tentar observar o sistemas de ensino daqui. O que vi me surpreendeu muito. A escola, aqui, é um lugar onde os alunos aprendem o pastoreio, levados aos campos de tempos em tempos para lidar com os animais, tecer malhas com sua lâ e retirar seu leite e carne. Aprendem a calcular em desenhos na areia, e não aprendem a escrita, tão somente, mas mais um conjunto de símbolos que resumem frases inteiras. Afirmam não haver tempo no mundo para preservar a palavra. Mas isso não quer dizer que não existam registros: toda a história, conhecimentos e afins são guardados por um grupo que é selecionado na infância, por sua capacidade de memória. A eles, todo o conhecimento das eras deste povo é transmitido oralmente, e alguns se dão ao trabalho de compilar um ou outro detalhe via os símbolos referidos, que funcionam como um resumo rápido para os outros lembrarem o que lhe havia sido ensinado – pistas para reviver o tempo ido no agora. Aqui, a educação mistura-se à vida. Numa de suas classes, me admiro ao ver quinze jovens, de aspecto monástico, sem cabelos, conversando ou lendo disciplinadamente textos ou escutando*



o relato de um dos regentes. Vestidos de pequenas togas brancas com calças de algodão cru, parecem pequenos sacerdotes búdicos, cópias de uma figura de tangka, as imagens pintadas pelos monges que narram a vida do Buda. Engraçado, um deles sorri para mim. Seus olhos escuros me envolvem, e se voltam ao regente uma vez mais.

É um povo que faz o que as suas limitações lhe permitem. Sabes que nossa cultura em Innana trabalha eminentemente com o letramento, a alfabetização do indivíduo para a cultura libresca. E não foi sem certo estranhamento que participei dessas estranhas experiências em educação aqui, nestas terras. Percebo apenas reminiscências dessa cultura entre Innana e nossos modos de ensino. Ainda que distantes, estão sobre a mesma terra. Mas é um outro país, outras pessoas, outros modos de ser. Fascino-me com isso, pois então tudo apresenta uma potência muito maior. Gostando ou não, certas coisas nos afetam, e de certa forma nos mudam sem perceber.

Já no começo de nossa jornada nas palavras, em nosso espaço academicista, talvez, as coisas nem sempre são muito agradáveis; há um inexplicado temor sobre esse lugar estranho, novo. Às vezes, a sensação se apresenta mais como a de um inevitável abandono à mercê de desconhecidas com sorrisos amarelos e dentes tortos. Lembra das antigas educadoras, que vestiam saias cáqui, mais parecendo abóboras maduras - com sorriso do gato de Cheshire. Mas aqui as coisas parecem um tanto mais solares, mas também, não menos ocultas. Penso comigo que, tanto em um lugar como em outro, talvez não seja o que se dá a saber, mas a viver.

Já, aqui, os preletores vestem-se de forma simples, mas sua postura, e não suas vestes, é que ostentam majestade e honra. Mas que pânico é esse

que se causa não só em nossos alunos, mas em nossos preletores também? O que nós, de Innana, esquecemos nessa estranha e atemporal cisão com as terras daqui?

Foi na segunda semana de observações. A Esfinge de Zarcoza e Maráy estaria atuando nas próximas lunações, até o fim dos Cantos. Acompanhei as primeiras lições. E como é sempre de seus modos, me olhou com suas faces lisas, e eu podia ver aquela malícia em seus olhos, aquela quando se sabe que se está em um grande problema... e convidou-me a terminar o período regencial, me outorgando o posto de Magister, temporariamente. O que queria com isso? Que eu passasse pela experiência parecia muito simples. Ela não é simples, e muito menos leviana. Mas também não há segundas intenções em seus modos. Eu apenas aceitei, sem proclamar nada. Era entardecer, e as primeiras estrelas já despontavam no horizonte eterno. De seios nus, adornada por sua jóias, dadas pelos céus e terras antes do início do tempo, abriu suas longas asas e alçou vôo alto, até que a perdi de vista. Antes, deixou-me um pequeno esgar de sorriso, amostrando aqueles caninos pequeninos e afiados. Este é o sorriso do enigma...

Acompanhei as rotinas por apenas algumas semanas, mas que pareciam-se meses a formar anos.

Tenho enviado a ela relatos freqüentes. Mas ainda assim, pouca resposta. Entendo seu procedimento; a piada é que eu deseje ser ensinado a ensinar. Mas em uma de suas regências, ela disse: "ensinar é da ordem do acontecimento, é um efeito da vida." O que posso fazer, senão buscar o preciosismo de um estudo, de tentar pensar as lições, mas sabendo que elas serão como a vida: contingentes, incontrolláveis? Respiro fundo toda semana, entro numa das várias salas feitas de madeira e arquitetura simples e assumo aquilo com paixão.



Creio que, em resumo, muitos de nossos alunos em Inanna talvez não gostem tanto do que fazem. Não gostam de ter sua atenção chamada constantemente para o que é, as vezes, enfadonha e frustrantemente ensinado em aula. Mas acredito que isso seja o que os emburrece, tentar disciplinar o indisciplinável; lembrei do livro escrito por Marteil, onde ele dizia que "um corpo apaixonado não se educa". Me atrevo a concordar com ele. Apreendemos aquilo que mais amamos. Talvez seja interessante pensar em como dar passagem a esse amor, esse apaixonamento, como seguir a luz do sol, ou guiar-se pelo brilho da lua. Voltar-se para esse lugar que sabemos que vamos sustentar, apenas por que realmente o queremos!

Mas e quanto àquelas que, ainda que não saibam sequer falar e escrever uma única sílaba, podem tocar a Harpa de 80 cordas e três colunas com uma destreza invejável a qualquer um? Seriam esses seres, tão apaixonados, inaptos para a aprendizagem? Aqui ou em Innana? Quero entender como elaborar esse corpo criador de si e do mundo. Tenho de enviar os relatos para a Esfinge. Quem sabe isso me ajude a compreender um pouco tudo isso...

Se hoje viajo, é para fazer meus próprios corpos, sem cartilhas. Apenas como um rumor de uma lembrança incerta.

Carinhos

Cuida-te. Amores

Albee

MNEMÓSINIS, 29º DIA DA 6ª LUNAÇÃO.

Caríssima Senhora de Zarcoza e Marai:

Tenho percebido, nestes dias em que me encontro em regência, as dores e as delícias da atividade docente. Não sem certos receios, obviamente, me coloco diante daqueles a quem chamamos de "alunos". Levo cerca de uma semana para preparar e pensar um evento que, ao final, resume-se em cerca de duas horas e meia. Eu percebo que poucos ousam se manifestar. Eu percebo que muitos queixam-se de uma prática docente empobrecida, mas no fundo se colocam como amantes secretos da prática de um currículo que prevê metas, objetivos, preparações, constantes e previsões. Talvez esteja enganado. Talvez equivocado. Talvez ambos e nenhum.

Costumo me movimentar enquanto falo. Costumo escrever e desenhar naquela lousa branca estranha e um tanto desconfortável. Não apenas porque lhe tenha visto fazer isso com beleza, com desenvoltura, mas porque muitas vezes me vejo na necessidade de dar vida à imagens potentes que possam dar conta de um pouco do que digo, mesmo sabendo que, ao chegar ao meu grupo de receptores passivos, algo diferente se constituirá. Mas mesmo esse mínimo pode criar algum movimento muito maior, em um tempo muito diferente do que o tempo desta academia nos dá a esperar. Me movimento numa espécie de dança. Me pus a pensar em um encantador de serpentes: elas não tem ouvidos, nada escutam das flautas que tocam desafinadas. Todavia, é o movimento da flauta que as incita a permanecer erguidas, movimentando-se como se em algum tipo de transe. Bem, não gosto de vê-los dessa forma, mas a imagem termina por me fazer dar uma leve risada no



meio de minha explanação. Pequenas doses de humor nos tiram de nossa letargia possível. Penso que meu falar os mantém em movimento, e talvez (equivocado de novo) penso com os queridos e malditos Sr. D. e Sr. G. que isto gera alguma forma de fluxo.

Entregaram suas análises, conforme solicitado, mas poucos. Quase a metade não as trouxe, o que me deixou uma certa insegurança: teria sido eu muito vago em minha solicitação? Talvez pouco entusiasta? Mas também penso: não é uma questão de culpa. Não há porque pensar em culpas agora, e sim em como tratei de colocar as coisas em movimento. Conforme o Sr. Abade Matoz, "dança?". Não, quem sabe minha dança tenha sido muito acanhada... estou a reavaliar isso. Sei que me colocarei isso de alguma forma.

De seus escritos, poucos ousaram algo além do texto formal. Pouca artistagem (amo essa palavra). Mas mesmo estes textos mais acanhados possuem interessantes colocações. Posso lhe dizer apenas que ainda estão encharcados de palavras de ordem, como "deve", "tem de" e tantas outras. Percebo que pensar um currículo também é pensar em como se colocar neste espaço enquanto docente.

Lembro que, certo dia, não sei quando, você me falou sobre uma certa sensação que tinha, de como uma aula ou explanação havia sido potente. Em seus longos séculos de magistratura, de atuação neste campo, sua experiência lhe permeabilizou a pele a essa forma de toque tão sutil. Não o tenho ainda, mas, não sei, acho que percebi algo que me atravessou. Eu começo minhas explanações um tanto acanhado, meio que percebendo de súbito: "estou aqui". Dali adiante, algo se acorda em mim, como uma pequena fagulha. Cintila, cresce, e me alongo como o vitral de uma catedral do gótico flamejante. Um sol me entra pelas janelas dos

olhos, e ilumina um ambiente que não conhecia ainda em mim. Inevitavelmente, sou tomado de uma certa paixão, um prazer e um gozo por estar ali. Percebo minha voz crescer, um assunto encadear-se ao outro como que tecendo uma veste em brocados de ouro e prata. Riqueza? Não, estesia. E encontro eco nos olhos de cada um, nas pequenas anotações que fazem. Pego um livro, leio um trecho, musicadamente, cadenciadamente. Canto. Seus olhos crescem, mudam de posição em suas cadeiras, algo se acorda em tudo à nossa volta. Estamos juntos, enfim. Encontro. Então, por esse apaixonamento quase adolescente, gosto de pensar que algo se passou. Não que se tenha "aprendido algo", mas se tenha "aprendido algo". Pequenas pétalas no interstício de um lugar em sol.

Suas análises, retomando, foram "adequadas". Eu devo dizer que sonhava com algo maior, sim. Mas também não perdi a batalha: sei que algo se moveu, pelos trabalhos que li. Talvez suas asas sobre mim e sua voz em meus ouvidos me ajude a compreender melhor o que se passa nessas linhas que me traçaram.guardo sua leitura dos mesmos, assim que puder. Perdão o tamanho deste relato. Tenho sempre tanto a lhe dizer, vontade de falar, mas quando contigo gosto de me fazer mudo; é melhor cantora do que eu, ainda mais quando em vôo.

Abracos de onde estou agora

L' Loup.



*Caríssima Senhora:*

*Sigo relatando meu terceiro dia em regência.*

*Uma vez mais, preparações e leituras detalhadas de tudo o que me aconselhou e mais um pouco, como os livros do profeta maldito, Schenietz, ou seus discípulos, os Heteróclitos de Deltari.*

*O dia é nublado, chuvoso, muito parecido com as faces que vejo diante de mim. Nunca havia tido um grupo de estudantes assim. Talvez pensar a pós-filosofia seja terrível para eles, mas questioná-los sobre o que sobrevém, como uma tempestade, há, nisto, o inevitável.*

*No início, sempre há poucos. O ar da manhã é frio, convida ao sono. Obrigam-se a levantar pelos sinetes do templo, o que não os impede de se atrasar. Meu espaço de trabalho é relativamente simples; uma mesa de madeira talhada, escura, com uma cadeira. O restante, mesas de madeira tosca e bancos sem encosto, para evitar que eles durmam (vã ilusão).*

*Vão chegando aos poucos, como pingos de água anunciando uma enxurrada. Não tarda, a sala está cheia. As janelas dão para a rua, onde se vê a sombra de um mogno milenar, coberto de sua florescência. Atraio-me uma vez para lá, respiro fundo, como se puxando ar das raízes, e não dos céus abafados. É início minha preleção. Como sempre, devagar, deixando o sol nascer no leste de minha língua. Algo se acende, uma vez mais juntos. Não deixo a chance escapar, e tomo perguntas, questões, apontamentos. Que espécie de sujeito suas especialidades determinam? Sob que morais sua fé se embasa? A serviço de quem realmente tudo isso se coloca? Quem realmente todos pensam que são?*

*Estarão um dia lá.*

*Minha voz tem um tom piedoso; minhas questões, não. Chego a sentir a raiva quando coloco sobre a mesa o cadáver do sujeito morto; inaceitável. "Como? O que somos então?" Ah... boa pergunta.*

*Desassossegado, deslocado, arrancado das raízes, permitir que aprendam a viver no ar, respirar sobre outros planos de existência da vida. É um tanto mais. E mesmo depois de tudo isso, muitos dos escritos que solicitei ainda não atingiram esse respiro. Cada letra se coloca ofegante sobre o papel, bocas arroxeadas clamando por certezas, respostas, dogmas e ditames. Eu me limito a responder: "não há."*

*O que resta então? Eles perguntam assim, como quem deseja uma receita pronta, uma resposta feita, como se eu fosse o traidor que lhes esconde o segredo. Eu calo. E olho em cada olho daquela sala. Respiro. E peço: "tentem responder". Dizem-me "não dá. Dói demais". Eu sei. Soube desde o primeiro dia que entrei nesta jornada o quanto dói dar o primeiro passo.*

*Sigo adiante. Tenho de lhes dar tempo de respirar, de sobreviver um pouco a tudo isso. Recuo, como numa batalha onde tenho de me recolher para não abusar da sorte. Deixo que se reagrupem, mesmo que no silêncio redundante da sala de aula. Retomo meus movimentos, reinício minha dança, parto para outro ataque. Tomo alguns de seus escritos em mãos, leio para eles algo do que eles mesmos responderam. Alguns chegam a afirmar "eu disse isso?". Sim, está ali, escrito com sua pena e caligrafia temperada. Engraçado como nos colocamos numa folha de papel, mas nunca estamos realmente lá. Nossas atenções sempre se voltam para um futuro incerto que parece nunca iniciar. Lá, onde tudo será melhor, oh, esperançosos. É como pássaros de boca aberta, famintos a espera de uma mãe que nunca mais vai retornar, eles aguardam. Eu*



fui a ave de rapina que lhes roubou a comida pronta e matou a mãe. Um professor de pós-filosofia antes de tudo é um bom assassino.

Nas próximas aulas, lhes pedi uma análise de currículos, de suas áreas ou dos livros de Mukta, a compilação pronta de seus ensinamentos. E lhes trouxe uma pequena lista, um manual de pistas para que possam saber onde começar a procurar. Pistas que vão sempre dar em lugar nenhum, mas eles não sabem disso. Sua fé de que há uma resposta plausível para tudo é tão grande, que a resposta passa imediatamente a existir. Mas caso esta seja posta sobre um pensamento mais distante, mais amplo, perde sua força, até esgotar-se. Apaga-se.

Pensar desta maneira pressupõe abandonar antigas crenças. Nem todos estão prontos para isso, mas entendo desta forma: mesmo assim, uma fagulha pode se acender. Dali, um universo inteiro pode despertar.

Existem trechos que os seduzem, palavras que digo que sorrateiramente os envolvem. Uma fina pele vai se formando, e posso mesmo perceber um pouco de fluidos, músculo e até algum sangue; pensar junto com a pós-filosofia é pensar o impensável, o não dito. Eu lhes sugiro deixar seu ascetismo de lado, e fazer amor com as palavras. Seduzir as traidoras, dominá-las e brincar com elas. Elas são o material do mal-entendimento. Atraioá-las pelas costas é o mínimo esperado. Alberto Manguel disse em seu adorável livro "A cidade das palavras", provavelmente pela página 17, que "(...) A linguagem (...) é um modo de amar os outros." Acredito nisto, mas também entendo que todo amor pressupõe um modo de odiar. Acho que tenho passado tempo demais contigo, minha cara. Começo a aprender, aos poucos, a lançar enigmas e charadas. O irônico de tudo é que nenhuma possui uma resposta pronta. Somente o possível, nunca a certeza. Tanto medo...

Como regente, também tenho medo. Será que os machuco? O que realmente forço deste pensamento? A violência não os tortura em demasia? Mesmo que ainda continuem como nuvens em dia de tempestade? Pensando bem, nuvens fazem trovoadas e vento. Talvez seja um caminho possível.

Até breve, Milady

Albèè L' Loup



*Milady:*

*Quarto dia da regência. Recebo agora suas propostas curriculares, como meio de compreender que imagens de pensamento se ergueram de suas mentes, do que puderam criar a partir da matéria que lhes dispus, e da maneira como a coloquei em suas mãos.*

*Confuso, acordei estranhado numa manhã nublada, abafada. Estonteado, levantei-me e lavei o rosto. A tina de água gelada me acordou um pouco. Coloquei minhas roupas. Tudo cheirava a calor e umidade, o que me deixou um tanto distraído, mas pude raciocinar o mínimo necessário para compreender suas dúvidas. O primeiro ponto é definitivamente o das suas subjetivações. Condicionados como estão por outros dogmas e ritos, pouco percebem do entorno, bem como as matérias de que o mesmo faz uso para constituir uma realidade. A ideia de cultura se restringe, muitas vezes, a um contexto artístico ligado à techné: a artesanaria, a produção fabril. Sobre produzir alguém que saberá receber uma informação e assimilá-la, não criar algo sobre ela. Mas todos entenderam, de forma quase unânime, que o que pede um currículo limita-se ao desenvolvimento de "competências e aptidões" ou seja; não existe a elaboração de propostas para que os alunos produzam suas questões, manifestos, explorem desejos e novos valores; o foco ainda reside na aprendizagem de saberes utilitaristas, que os preparem para um mercado de trabalho competitivo. Que os preparem para "ganhar dinheiro".*

*Pouco a pouco, introduzo as questões para que entendam que o caminho a trilhar, no que diz respeito a aprender, é tortuoso e incerto, ainda que suas curvas se desdobrem em linhas elegantes e volutas barrocas.*

*Suas aulas sobre políticas e afins reverbera ainda em minha cabeça. A forma como coloca as problematizações acerca dos estudos sobre a ideia de cultura, do planejar e estar pronto para, mesmo assim, ser surpreendido. Em alguns trechos das análises, todos ainda apegam-se ao sujeito enquanto uma essência indivisível, cerceado por um discurso filosófico clássico e caracterizado por sua fixidez. Enxergo então uma figura monolítica, estatuária, congelada em meio ao deserto branco a alguns quilômetros dali. Mas independente de uma concepção "opiniática" sobre o que vem a ser um sujeito, ao menos percebo a tentativa de constituir uma base argumentativa consistente; de uma maneira ou de outra, eles foram movidos para algo. O que posso afirmar é que quanto maior a resistência, maior foi a potência da questão e as forças que este moveu. Não é o caso de mudar opiniões, mas engendrar questões de dentro dos lugares onde estão. A ironia é que mesmo que me tratem por vezes como um inimigo a ser combatido, a traição vem de dentro de seus círculos fechados. Nada introduzo, então; a invasão parte de uma revolução que inicia por dentro. Eles mesmos criam o câncer que vai corroer suas certezas. Colapsado este corpo decadente, algo novo ainda irá se erguer. Mas há o medo de que os mortos ainda voltem à vida...*

*Até brever*

*L' Loup.*



*Cara Senhora:*

*Cedo pela manhã. O dia está nublado, as nuvens anunciam uma chuva violenta ao fim da tarde. Ouço as harpias gritarem dos montes próximos, provavelmente procurando por carniça.*

*Sigo dos corredores da parte superior ao andar de baixo, e já ouço o rumor daqueles que me deu como professores e pupilos ao mesmo tempo. Não se atrasaram desta vez, e mesmo no ambiente desagradável e apertado do recinto, posso ver seus olhos curiosos espreitarem o que tenho a oferecer. E detesto isso. Estranho não? Mas é porque isto me lembra um bando de cãezinhos amestrados esperando fazer os truques certos para ganhar o osso. Que mérito é esse? Puxo mais um pouco, insisto mais. Não há prêmio, não há comida. Não há treino. Tenho vontade de abrir suas cabeças a marretadas e ver se ainda estão vivos lá dentro. Tenho vontade de fazer o mesmo comigo então.*

*Alguns alunos se levantam. Desejam apresentar suas proposições acerca do que foi discutido. Indagame, fico surpreso, mas também fico feliz. Não são as concordâncias que procuro. Lembro que estou ali no papel daquele que finge apresentar respostas, mas na verdade só os quer fazer brincar de criar perguntas. Em um dos seus escritos leio "subversão ou ruptura?" Penso em ambos, ao mesmo tempo. Deixo que exponham sua observação sobre um dos currículos filosóficos em um liceu da cidade próxima. Assim me disseram: "A identidade que o currículo propõe é de, no mínimo, pessoas educadas sejam aquelas com determinadas habilidades e competências como, por exemplo, boa leitura e compreensão, com capacidade de abstração e reflexão, de análise crítica e de síntese, capacidade de descrição e*

*comparação de textos, de domínio dos conceitos básicos da filosofia." Sinto cheiro de adestramento novamente.*

*Ao escutar atento, pergunto: então porque isto não está acontecendo? Por que não temos a presença deste suposto "sujeito" reflexivo, pensante e da qual suas competências estão ali desenvolvidas? Onde está a crítica deste sujeito tão falado, tão pivotante, que se espera anos e anos em sala de aula e nunca chega? Onde?*

*Ele não vem. Melhor esperar Godot sentado.*

*Um currículo, a estas alturas, se torna completamente idílico, um tanto utópico, talvez. Planejar para pensar e depois desconstruir. Nem mesmo isto ocorre em uma sala de aula. O que mais tenho ouvido dos outros liceus da região, é que seus estudantes agem como "bichos". O que penso, então, não é sobre a "incompetência de professores" e muito menos de pais, ou mesmo dos alunos: algo mudou. Algo se transformou. Há devires indomáveis atuando, como uma força que irrompe forte para fora de onde um dia fora aprisionada. Não sei o que vem depois. Só posso pensar que o que aqui se apresenta enquanto ensino não funciona mais. Não do modo como é concebido – pleno de normatismos, doxas e uma sistemática do opiniático. Na prisão imperial da identidade e do sujeito, do currículo fetichista e idílico. Algo quer se mover, e mais força fará para se manter a solta, tanto quanto mais força pusermos sobre sua carcaca velha para prendê-la. Não há volta. A Vida não volta, ela só vai, nunca ciente dos desvarios do mundo ou das miseráveis dores humanas.*

*O que nos faz ter tanto medo? O que nos assusta tanto para que tenhamos tanto medo de ousar, falar, discutir, aceitar diferenças? Criar? Há uma mão forte que nos detém, uma mão quente, dura e invisível. É tão falsa e imaginária quanto o sintoma de um*



neurótico. O que nos segura e impede somos nós mesmos. O que os segura e os impede reside dentro de cada um. O que reside em mim é um tufão, e com ele, quero varrer essa malemolência de minhas fronteiras.

Saudações

Albee.

MNEMÓSINIS, 27º DIA DA 7ª LUNAÇÃO. 2º CANTO.

*Cara Esfinge:*

*Pequenos versos que espraíam pensamentos, derramando-se tal qual a espuma do mar. Pequenos como minha breve atuação aqui...*

*Olhos, faces  
buracos escuros  
céu profundo  
corpos possíveis*

*um tempo de espera  
outro de aguardo  
os corpos se movem  
ah! Ali vai a vida!*

*A ave que canta  
acolhe um sopro  
venta, sopra  
para fora das gaiolas*

*esperança de que?  
Já se foi seu tempo  
agora é o viver  
ou deixar o tempo ir...*

*enquanto cantava  
tirava água do poço  
Tchibum!  
E não se viu mais...*

*Quis ser ave de rapina  
Mas acabou apenas  
Raposa ladra de galinhas*

*Sol lá fora  
Dentro da sala  
Redundâncias frias*

*Enfrentamento  
Embate  
Mesmo sem guerra  
Lutam sem combate*



*Senhora de Zarcoza, digníssima Esfinge:*

*No momento, coloco-os sob o exercício da retórica. Já que defendem com tanta convicção aos seus mortos, então o façam sob a égide da potência, da intensidade, da paixão, somente esta para produzir efeitos sobre um mundo que se considera parado em seu caminhar. Como diria mesmo o Senhor Schopenhauer, "As grandes coisas exigem silêncio, ou que delas falemos com grandeza: com grandeza significa: com cinismo e inocência". Eu nada espero. Não tenho esperanças, mas a vontade do acontecimento. Longe de ser um exercício inútil, eles são colocados diante da diversidade de "opiniões" presentes na sala, onde seus parceiros se tomarão de alguma coisa que os fará gritar, espernear ou concordar. Há razões para se debater quando a verdade de um outro está em jogo. Geralmente as resistências não se fazem grande coisa nestes momentos.*

*Cada apresentação oral durou cerca de 20 minutos, contados na ampulheta. Entendo a dificuldade de engendrar um discurso com paixão. O fantasma do medo da diferença, da rejeição ronda. Somos loucos, dizem os mestres da doxa. Não, penso eu, não somos loucos. Dançamos com a loucura, amamos a ela, mas não somos nada loucos. Somos bacantes, celebrantes. Embriagados.*

*Não vejo nada inebriante, mas também não vejo nada a se jogar fora. Penso em mim novamente. Sobre o que faço ali, sobre o desafio de vencer esta etapa e ter deixado o mínimo que seja entre as frestas de suas unhas. Não, não há cega esperança nisso, o tempo da esperança já passou, o tempo da vida chegou. E sei*

*que precisarei de anos mais para que aprenda a mover as engrenagens dessa maquinaria delicada e tirânica que é a instituição do ensinar. Se é que ainda existira a instituição enquanto o mecanismo máximo do saber. Estou sentado a frente, próximo da lousa. Ouço suas palavras, o modo com falam e suas colocações. Interrompo vez em quando, porque percebo que algumas certezas não têm como se sustentar a um exame mais acurado. Alguns são mais famintos, desejosos, outros nem tanto.*

*Não me agrado ou desagrado. Eu tento, eu jogo, eu busco e procuro. Joguei uma pedra longe demais e agora a procuro onde puder, no meio da pedreira. Pessimismo? Não, nunca! Não há tempo para se ser triste, para humores sem potência. Meu corpo clama por tentar, nem que seja mais e mais uma vez, até conseguir o mínimo movimento possível da imanência que os cerca. Morrer tentando? Não, sem dramas, tenho tempo para pensar.*

*Ainda falta pouco. Ainda falta pouco e logo virá me ver. Logo, ao meu encontro, teus olhos e ouvidos afiados não deixarão passar o que desfiz e reergui ali, e ainda pode ser destruído uma vez mais.*

*O que fazer?*

*Arte. Mais arte, para que não sufiquemos. Mais vida num ambiente onde se pensa que vive. Mais fora para dentro, mais do dentro para fora. Mais.*

*Saudações.*

*Albé*





DOS DIARIOS DE ALBEE:

*Cantei iras, louvores, loas.  
Cantei cânticos, hinos, poemas.  
Cantei.*

*Soprei o vento do coração  
Soprei ar para fora da gaiola  
Fugi do escuro lugar onde nada cresce  
Fuguei em uma corrida desesperada pela potência.  
Ar, ar. Preciso de ar.*

*Nadei longe demais para desistir. Andei longe demais  
para ficar aqui. Para apenas enraizar.*

*Mais ar.*

*Respira, respira, respira  
Inspira. Expira. É um fogo apaixonado sobe pela  
garganta, queimando.*

*Falar, cantar, entoar loas e cantares ao ido e ao novo  
que pode vir.*

*Ao pode. Ao poder. À potência.*

*Disse-me a verdade rindo. Hoje, me dirás ela entre den-  
tes. E eu aceitarei.*

*Caio, mas levanto. Sim, me faça cair. Assim, aprendo.  
Assim, entendo.*

*Vou tentar uma vez mais. Até não me sobrar nada  
mais que a visão final de um abismo sem fim. É dele,  
quem sabe, compreendo como abrir asas e voar para  
mais alto....*

*Albee.*



*Estimada Esfinge, Senhora das Províncias de Maráy:*

*Pois então chego ao fim desta etapa. Segui seus ensinamentos, tanto os que me deu em presença como aqueles que tomei por exemplo, mesmo que não os tenha percebido. Gestos, postura, entonação de voz e tanto o mais que lhe tomei (ou roubei?) para elaborar desejo naqueles que me dispôs por mestres, e que por vezes me colocaram como ator no palco da magistratura.*

*Concluo muitas coisas ao mesmo tempo, outras que o próprio tempo me trará. Mas enfatizo o quanto me foi importante seguir e acompanhar suas aulas desde o início. Foi nestes primeiros contatos, onde ainda detinha o bastão magistral, que pude perceber as sutilezas de uma aula, da preparação da mesma e dos desvios que ela pode sofrer. Sobre a delicadeza de como sentia quando havia causado um impacto interessante no pensamento de todos, ou quando percebia em sua pele o quão pouco potente determinado momento se mostrou e as decisões que tomava para elaborar a próxima aula, de forma a potencializar e experimentar cada vez mais, sempre.*

*Concluo que foi feliz o fato de me ter legado o bastão magistral por tantos dias e meses. Eu jamais saberia das dores e delícias de se estar em uma sala de aula se não fosse por isso. Talvez sem estas experimentações, o que eu havia recebido como matéria para ensinar não passaria de mero rol de informação passada mecanicamente.*

*Não sei o que virá depois. Mas disse certo dia aos seus (e meus, por breve tempo) alunos que, se não houvesse paixão, desejo e gosto pelo procedimento e*

*pelo criar em educação, que talvez fosse melhor que não entrassem em sala de aula. Educar não é mero ato de amar: acredito sinceramente que é um ato onde todo o corpo persiste, resiste, e depois se desfaz em micropontos de universos infinitos, doados de forma a permitir vida nova para cada mente afeita ao desejo, como todas podem ser.*

*Concluo que lhes temos de permeabilizar, tornar a carne do desejo e do saber sensível ao novo, ao entorno, ao possível. Dar-lhes mais ar para respirar.*

*Concluo. Mas ainda não sei. Pois mesmo estas conclusões são por demais incertas, moventes e mutantes. E lhe digo: é assim que as prefiro, sempre. Não posso me imaginar cristalizado, gessado, endurecido. Viver pressupõe uma fragilidade na carne, mas a ciência de que há mais além dela, até os ossos e sua dureza dolorosa. Se educo, revoluciono, faço feridas na carne; de certa maneira, não existe revolução sem sangue, mesmo que ele venha das palavras e sensações.*

*Ainda tenho muito a aprender, e nunca será o suficiente. Mas não é a quantidade que importa, mas o quanto de vida isto me dá, e, assim, dá aos outros. Potência. Vida. Vita.*

*"Vita Nuova. Nel Mezzo del camino..." sempre.*

*Cordiais saudações*

*Sr. L'Loup.*



*Mariette:*

*Agora, próximo ao fim da 1ª luação, estou sentado num banco do parque, de frente a uma pequena praça. Há muito verde ao meu redor, onde árvores de distribuem ordenadamente ao redor. Aléias se formam no decorrer de vários caminhos, que darão em outras áreas amplas de grama verde e pequenos espaços escondidos. Próximo de mim, uma pequena estátua de mármore olha para o céu com seu pescoço curvado perpetuamente.*

*Como sempre, certas imagens, formas e cheiros me despertam alguma coisa que achava estar meio apagada. Se na memória parecem distantes, na lembrança são tão fortes como um agora que acontece sem interrupção.*

*Na infância, vivi dias mágicos de faz-de-conta com as crianças da rua. Típico bando organizado. Era um amálgama de culturas de vários países em detrimento de um centro internacional, que trazia gente do mundo todo para trabalhar em obras de caridade nas regiões mais pobres do país. Muito maior foi meu contato com a língua Seraph, por intermédio dos visitantes de Dualla.*

*Aquelas crianças douradas, paladinos de reinos do outro lado do oceano (fui procurar no mapa onde ficava o dito país) me fez cruzar o mesmo de uma ponta à outra. Alguns anos mais tarde, houve a oportunidade de visitar suas terras, já que eu havia aprendido sua língua razoavelmente bem, apenas ouvindo e brincando com elas. Foi a primeira viagem que fiz sobre os mares de Umbralia, e a segunda fora recentemente, indo em direção a Sema, onde até aproveitei para escrever para a Sra. Unyl.*

*Tomamos uma grande barca que navegaria por*

*alguns dias, entre Leszates (de onde sou) passando pela rota da Linha Limitrofe, atravessando o mar de Umbrallias Caelestia e a Aurora de Capsílias, até aportar em Dualla, nas Terras Sem Nome. Houve um acidente durante a viagem; o navegador foi assassinado numa briga tola causada por bebida e sabe-se mais o que. Eu deveria ter em torno de 16 anos recém-completos. O corpo caído ao lado da Bula Abstractus, esfaqueado sob o sol frágil da manhã recém-nascida, não era uma visão das melhores. Eu desviava o olhar para a beleza da Bula. Nessa época eu mal sabia o que era a morte e ela já me assustava.*

*Nos perdemos nos mares de Umbrallias por cerca de quatro dias, e havia água e comida para apenas 5, o que era um problema; poderíamos ficar perdidos a vida toda naquele monte de água sem fim. O navegador era o único que sabia operar a Bula, e assim ficamos à deriva esperando uma solução.*

*Eu amenizava minha angústia pensando em como seria quando chegasse até as terras frias da Neve Luminosa, como Dualla também era conhecida. Meus amigos me diziam que lá tudo era coberto, no inverno, de uma manta alva de neve, e que a luz do sol refletida nela fazia cegar.*

*Minha amiga de Dualla, Merath, tinha dois irmãos e uma irmã. Meu irmão mais velho dava-se melhor com os mais velhos. Brincava e conversava coisas de "mais velhos". De noite, juntávamo-nos todos ao centro do convés, mesmo no frio do inverno, e travávamos batalhas infundáveis em lugares impossíveis, com uma mistura de cavaleiros, magos, bandidos, heróis, trovadores, reis, rainhas e princesas. Ficávamos escondidos no meio de caixas de madeira, que poderiam conter desde comida até o corpo de um pobre infeliz, e atrás das torres da embarcação, encastelados entre a proa e a popa, fugindo do Almirante e nossos pais o tempo todo.*



Meu irmão construiu habilmente, com algum gelo e pedaços de madeira, uma espécie de Iglu em um canto esquecido do barco, que se tornara um bom refugio nas detestáveis horas do tédio. Aquilo se tornava prisão, hospital, espaço de piquenique e casa de bonacas.

Até que ao fim da manhã do 4º dia encontramos uma pequena embarcação. Frágil, parecia que afundaria com o mínimo ribombar de uma onda mais forte. Eram habitantes de Memond, cujo corpo acostumando ao frio andava coberto apenas pelo mínimo de vestes. Eu logo me tomei de curiosidade. Os navegadores, um homem e uma mulher, tinham um tom de pele que variava entre o ocre e o marrom claro. Seus corpos eram cobertos de tatuagens, e logo pude perceber que eram desenhos de mapas e rotas. Mas algo era estranho; quando atracaram junto ao navio, percebi que os desenhos que os cobriam eram como coisas vivas, móveis, e mudavam o padrão frequentemente, como que se refazendo o tempo todo. As linhas se mexiam, dançavam e redesenhavam sobre as peles lustrosas e frias. Nessa época foi que conheci Louis. Apesar da mesma idade, tinha a mente muito mais rápida que a minha. Acho que é assim ainda hoje, como se isso fosse uma marca inconfundível dele.

Foi Louis quem me disse que esses habitantes tinham origem incerta, e que Memond não era sua terra natal. Diziam na região que eram amaldiçoados, mas necessários na navegação da rota de Umbralias e, por isso, tolerados.

O homem era muito alto, mais alto do que Marteiß ou Cesário mesmo que ficassem na ponta dos pés, e quando passou perto, me encarou nos olhos com orgulho, ou algo que interpretei assim. A mulher fez o mesmo. Não os temi, mas fiquei encantado com os desenhos dançantes em seus corpos. Quando ele se aproximava de sua parceira, pude notar que os desen-

hos se tornavam mais fortes, intensos, e pude reconhecer muito dos símbolos que havia visto na Bula Abstractus durante a viagem.

O capitão se mostrava ansioso e um tanto incomodado com a presença deles, mas mesmo assim trouxeram a bordo o pequeno barco que utilizavam e seus pertences, mas deixaram-nos alojados numa parte separada dos outros. Eu não compreendia muito bem, mas deixei assim; não parecia ser algo a ser questionado nestes casos, mesmo que meus olhos queimassem de curiosidade, como quando subimos o muro juntos, eu e você, para espiar o escritório do Magister-Mor de uma das escolas de Inanna, e eu ia narrando cada ato, cada movimento e esgar de sua face. Até que eu jogasse aquela lima janela adentro, e corremos, dando risadas. Mas esse não era o momento. Não para limas, nem para espiadas. Porém...

Durante a noite, acordei Louis e, juntos, fomos tentar olhar para os dois visitantes. Não entendíamos como eles poderiam ajudar na navegação, uma vez que apenas autorizados pelas escolas oficiais de navegação tinham permissão para aprender a usar uma Bula. Não parecia ser o caso deles. Eu e Louis nos esgueiramos devagar, pelo chão, rastejando como serpentes, e chegamos até uma das pequenas e altas janelas do alojamento separado. Louis subiu em meu ombro, e viu algo que o deixou encantado. Ele apenas me disse "vem ver!". Trocamos de lugar, e isso foi o que vi:

O capitão estava com um pequeno rolo de pergaminho e uma pena, enquanto o casal dava-se as mãos, ambos nus, olhando um ao outro com um estranho apaixonamento, um desejo que podia ser quase palpável dentro daquela sala, pronto para tomar todo o espaço ali dentro. Nesse enlace, nessa dança, os desenhos caminhavam, brincavam nas suas peles ocre, traçando uma infinidade de linhas, símbolos, e signos, todos sobre os mapas dos continentes. O capitão ia



tomando notas, anotando cada detalhe rapidamente. Até que se deu um delicado e profundo beijo, e tudo parou; a rota estava traçada, o mapa definido, as linhas delimitadas. E os mapas sumiram de suas peles como que por encanto.

Sai correndo junto com Louis, e não falamos disso a ninguém. Olhar os habitantes de Memond em seu ritual era perverso, quase um crime. Nem demos bola, e seguimos com nosso segredo, sacralizado em um silêncio conspirador entre ambos.

Enfim, chegamos. Despedi-me de Louis, pensando que não o veria mais, orgulhoso porque apenas nós dois carregávamos um tesouro de um saber profano.

Você tem segredos a me contar?

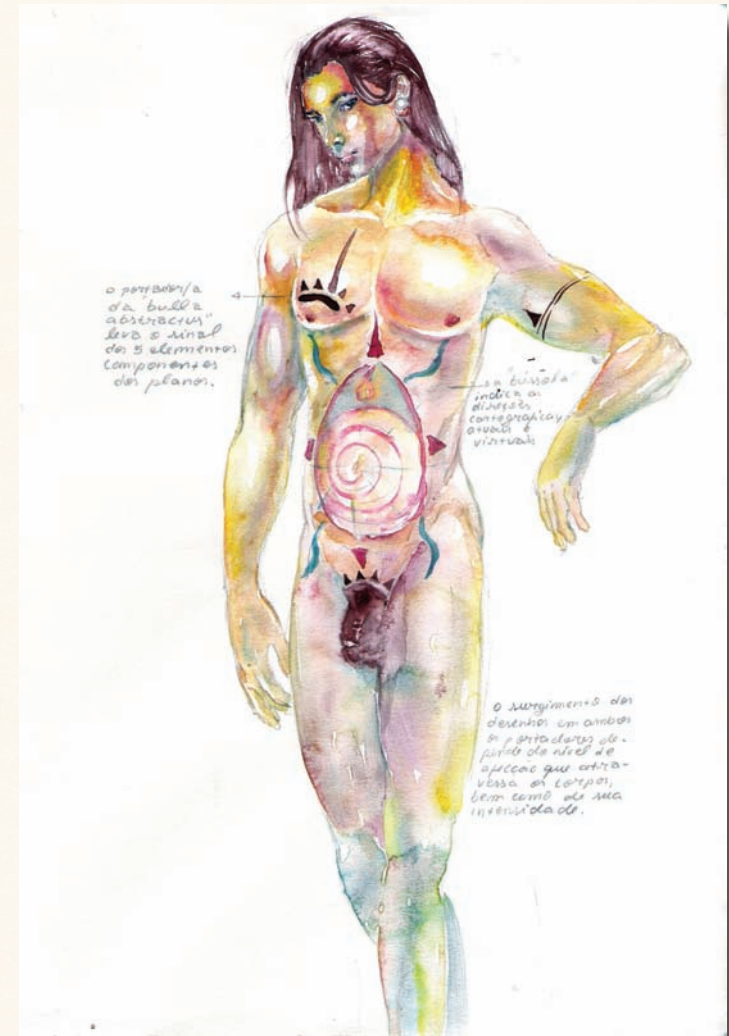
Quer dividir comigo?

Existe rota antiga?

Alguma história no caminho?

Beijos de teu sempre

Albeé









de que, afinal, está minha vontade? Como se faz pra lidar com isso?"

Eu nada disse. Junto a você, me recolhi no silêncio. Assim, resolvi passar por um período de afastamento dos demais. Imagino que me recolhendo a um estado de ascetismo, ao meu deserto particular, eu poderia desistir do anseio amoroso. Refrear meus desejos em carne, e cultivar uma placidez silenciosa e solitária a qual somente monges em seus claustros poderiam compreender. Você, claramente, poderia me dizer "mas isto é fuga! Criança tola, está se escondendo!" Sim. Eu admito, sem vergonha ou pudores, que fujo. Fujo do julgamento duro dos olhos e da moral alheia. Fujo de minha incapacidade social em lidar com os outros e seus julgamentos. Fujo porque ainda que a vida não me seja nada aprazível, desejo sobreviver. Pois mesmo na morte não teria para onde ir.

Abandonado o amor, tenho de substituir as bases onde o mesmo residia. Entreguei-me, mas ainda em combate com qualquer forma de conexão. E decidi não mais a vivência do apaixonar-se, e de toda essa aura romântica que envolve a ideia amorosa; congelarei. Não contemplarei totalmente o vazio a que meu coração ficará exposto, mas darei conta de minha sobre-vivência no mundo. Não haverá mais amores, mas sim amantes. Alguém a dividir não o leito da intimidade, mas o da sexualidade. Mas te pergunto se um sobrevive sem o outro... no fim, a gente sempre quer encontrar-se no outro...

Talvez se eu criar outra língua (pois a do amor já está banalizada). Não, não dá certo. Eu teimaria falar de meu desejo àquele amor que escolhi por consorte. Melhor: criarei um contrato implícito, onde as palavras não residem apenas no corpo de uma folha de papel. Num contrato que impeça os amantes de fundirem-se no discurso do amor.

Eis o estatuto e a vigia de nossas regras:

1-Os encontros existirão numa seqüência, formando, inclusive, uma convivência descompassada, fora de uma rotina. É um sistema constituído de momentos particulares e imprevisíveis, que podem ocorrer em dias seguidos, ou espaçarem-se em semanas a fio na ausência um do outro.

2-Não se tornarão uma só carne. Nada serão um ao outro. Só um momento de confirmação de desejo, obedecendo a um tempo particular.

Bem, encontrei vários amantes em potencial. Amantes nômades, caminantes de rumo descompassado, ali apenas a explorar as sutilezas de um corpo e de uma carne. No fundo, todos se põem a caminhar em diferentes paisagens, em busca de algo do mesmo modo que eu, viajante, busco uma cama confortável para acalmar o corpo e aquietar a mente. Nesse lugar se permanece até o corpo parar de vibrar, até o vazio ser preenchido por algum pensamento que dê conta de mapear a estrada. E seguem-se outros rumos.

Logo percebi que tudo segue um padrão mais ou menos coeso. Não há tempo certo, não há momento ideal. Essa hora se constrói, se faz no desejo de um ou de outro. Relação bilateral. Um que demanda sua vontade, outro que acede ou recusa. Tanto faz. Os papéis se alternam. O mais fundo que se pode adentrar no outro é na penetração física.

Numa relação nômade, tudo ocorre sobre a superfície, e não trespassa os corpos produzidos. Tudo se prepara de acordo com a realização dos anseios da outra parte: pêlos indesejados são raspados, o corpo é moldado dentro de padrões identificáveis na vontade idealizada do outro. O falar, o vestir, o "ser" é todo configurado aos anseios e idealizações dele. É como se subjugar a uma identidade, que não é a que se deseja, mas a que desejam por você. Quem é esse outro que um outro produz em mim? Que outros tentamos produzir



no outro, sob que regras, leis, morais?

Ontem me sentei junto a Cesário, que me veio visitar por essas bandas. Não somos namorados, mas temos um vínculo que se poderia dizer amoroso. Mas a energia despendida para se manter a coesão desse "si mesmo" e evitar a tentação de fundir-se no outro consome um esforço terrível. É mais uma luta, uma batalha, onde quem sai ganhando é aquele que melhor ignora os fluxos de si e do amante nômade. Que ignora qualquer pensar ou possibilidade de construir um "rostro" amoroso. Pois o rosto amoroso é osmótico, absorve o outro, seus fluxos, suas faces. E os incorpora - se apropria - e torna-os seus. O rosto amoroso é um ladrão. Rouba peles, mas ao invés de fazer corpos, os mantém petrificados, rijos no meio de toda essa tempestade. Vira um caroço entalado. E essa obstrução é o que dói.

Eu fiz amor com ele. Deitados no meio do descampado, sem uma lua, mas somente estrelas por testemunhas, fizemos amor. Durante toda a noite. Uma hora nos interrompemos e seguimos noite adentro apenas conversando, falando, numa filosofia barata provavelmente um tanto inchada de senso-comum, mas mesmo isso foi divertido. De manhã acordei, ele havia partido e levado meus pertences, a bolsa com dinheiro, algumas roupas e uma das facas que a doutora me enviou. E não me choquei, foi algo meio que pressentido. Acho que, ao fim, eu sabia, sempre soube, quem ele poderia ser. Ele fez uma escolha, eu fiz as minhas. E continuarei fazendo. Me irrita um tanto saber que fui eu quem me coloquei nessa enrascada, mas não me arrependo; foi mais uma oportunidade de viver algo. Ele só me levou pertences. Enquanto tiver a mim mesmo, meu desejo, esse ainda há de me levar longe. Não o denunciei, procurei ou nada disso. Mesmo com raiva, estou um tanto acostumado a deixar coisas partirem, e nada de realmente valioso se foi. Acho que ele sabia

disso.

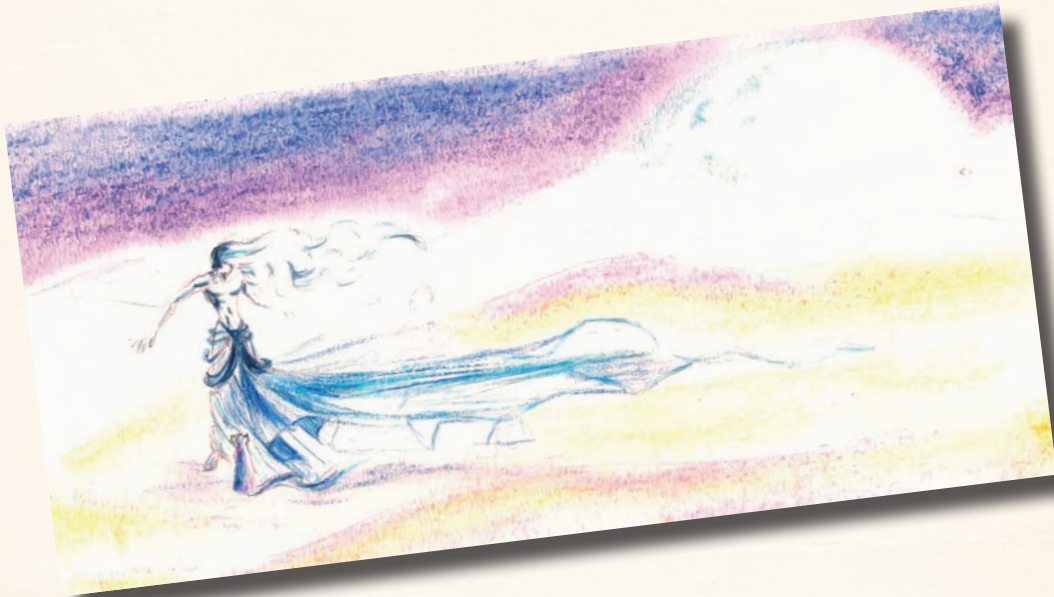
Ah, estou sendo tolo, eu sei. De que adiantará tudo isso? Se tudo, no fim, retorna?

Tiro meu coração do peito. Estou com ele ao lado. Estou a pensar se dele me livro de vez ou guardo para um momento oportuno - ele está cheio de forças... (pensarei ainda mais um pouco). Esse não foi roubado ainda...

Abraço. Manda meus carinhos a todos.

Albèe





*nômade... e o deserto em mim?*

*Marteill:*

*Eu sabia que não poderia me esconder por muito tempo. Que a vida continuaria, indiferente às minhas escolhas.*

*Durante a tarde, enquanto estava nos jardins da pousada em Leszates, escrevendo a Dra. Canis, recebi uma mensagem. Era de um amor antigo. Perguntou se poderia me encontrar, pois estava na cidade, e soube que eu também. Eu disse "não", mas de fato eu tinha uma sentença nos lábios e outra no coração, desejando que realmente ficasse junto a mim. Que me tentasse convencer de que meu julgamento era um erro, e de que aquele amor que se dizia para mim era sincero...*

*Não chegou na hora marcada. Veio no seu tempo (ou então acabaria por quebrar a regra do contrato, estabelecendo um compromisso). Uma obrigação, um dever. O desejo de um apropriado pelo do outro. Isso não é fluxo, mas prisão, cárcere da vontade. Relação unilateral de mão única, sem a possibilidade da alternância.*

*Lembro-me da última vez que nos vimos, sob flores de pessegueiro em Somania. Mas pouco tempo havia ficado, e havia uma distância que se sabia necessária, mas que se poderia, se realmente houvesse coragem, ser quebrada. Mas nem isso pôde me dar! Nem um pouco de seu diálogo me deu! sequer era eu um ser digno de seu verbo? De ao menos uma conversa decente? Depois, sumiu por vários meses, sem sequer uma única palavra! E reapareceu de noite, na porta da pousada, apenas dizendo "oi meu amor! Preocupou-te comigo?"!!! Como o coração é tolo quando não sabe viver por si. Mesmo no não, terminei por aceitar, iludindo-me que seria um breve encontro e nada mais.*

*Na pousada, corri até os banhos, no prédio ao*



lado. Sob o testemunho do teto em abóboda vazado com trabalhos e arabescos, os raios de sol revelavam-se no vapor que subia das águas mornas. Homens e mulheres nus se mantinham num silêncio relaxante, coroado pelo odor dos óleos de lavanda e lima, usados em massagens e como calmantes. Neste pequeno refúgio, preparei-me: limpei o corpo, alisei a pele com os unguentos e óleos. Perfumei-a, vesti-a toda de olores. No cabelo, cremes para amaciar os fios. Ensaiei e adestrei o corpo em máscaras faciais que pudessem agradar. Movimentos que chamassem ao desejo. Modulações na voz que permitissem transmitir mais do que palavras, mas cantar um subtexto, uma música mais distante que amorosa. Esconder as imperfeições. Ascense do corpo (avatar de uma castidade falsa).

Voltei para o quarto. Arrumei-o de maneira que este pudesse ser vivido como uma de extensão de mim, uma distensão da derme ao ambiente como um todo; um ninho forrado de claridade. Coloquei lençóis novos, de algodão, travesseiros forrados de ervas e adornei a cabeceira de madeira da cama antiga com flores do dossel até o chão. Deixei um pequeno fogareiro de prata queimando incenso, e abri as janelas deixando as flores de lima entrarem e me abraçarem o corpo. Conferi a passagem do jardim, que dava para a porta do meu alojamento. Ah, sim, os ramos das folhagens se haviam enrolado firmemente à pérgula, fazendo cair flores e algumas frutas que colhi e usei na composição da cena. E assim foi feita a construção do castelo de areia que seria a morada efêmera deste encontro. Desfar-se-ia assim que o outro partisse e viraria, de novo, poeira, grão ou carcaça sem alma. Um lugar onde se está no momento. Nada mais.

A rotina do contrato: na chegada, troca de palavras, há o disfarce que não quer ser tirado, para não se admitir a força da vontade sobre o desejo de amar e ser amado. Ignora-se essa palavra. Há movimento,

mas todas as forças se anulam para, senão barrar, desacelerar o movimento de anseios unificadores. A lava do vulcão desviada para o mar, resfriada. Tornada pedra, fixa, imóvel, parte do arquipélago, território mapeado, definível.

Os códigos de voz, movimento, palavras vão se sublimando, refinando, até culminar na intenção que termina na ação: ato sexual, coito, penetração, gozo. Mas a pele, que deveria ser o ponto de contato, a tangência de um e de outro, termina por se tornar apenas a linha de cisão, o limite que faz a separação. A pele é a linha da borda, que demarca e afirma as leis do contrato. Ele reside ali, no ato em si, pois é o meio que ao mesmo tempo une e separa os indivíduos e seus corpos, inflados de platôs amorosos que não podem escapar por fresta alguma.

Acho que há uma pedagogia envolvida no processo. Pulveriza-se o desejo em vários pontos, entre vários indivíduos. Eu sentia-me uma abelha: tomava pólen de cada flor, pousava delicada em cada pétala, escalava pistilos, roubando sementes. Pois após sua partida, tive outros encontros junto a outros peregrinos. Creio que, ao fim, estou em busca de uma terra que existe dentro de algum deles. Uma terra de graças, uma terra de gozo. A graça do gozo. Ou uma redenção, por uma vida ordinária.

Talvez possa ser diferente. Outro pode fazer uma relação nômade sobre o corpo-continente. Uma relação nômade é um caminho na rota. Um nômade que segue, amoroso, os fluxos hidricos e minerais da terra. E que caminha junto a outro corpo. O nômade também pode ser gregário. Eu desejo uma companhia para minha jornada, alguém a seguir o mesmo fluxo, mesmo que em ritmo diferente, talvez. Não tenho nenhuma certeza. O quanto de nossos amores nos contamina? O quanto carregamos destes amores, não apenas fisicamente, mas incorporeamente? O que carrego junto de mim,



que um dia já foi de outrem? Esse é o único ponto fraco deste nomadismo: a exposição à contaminação do outro.

Encontrar saídas para dar vazão ao material estranho ao corpo é o único meio que encontrei para evitar tais fenômenos. Saída guiada pela criação de órgãos e próteses que possam tolerar a força de um movimento mais ágil, de fuga da figura estanque do organismo e da organização, seja a de um corpo amoroso ou não.

Envio-te carinhos dessa água funda onde me meti.

De mim, azul-oceânico-aerado.

Albee.



Banhos na Rota.  
Seda, luz e acon-  
chego numa pele  
já tão machucada...

G'ÂNIMA, NO DESERTO DE PHIN-CH'Y: GELO, NEVE E BRANCO POR TODOS OS LADOS...

Cesário:

Início essa correspondência observando, da janela do templo de Thangk'har (que significa "O Peixe Alvo"), a terra coberta de neve, como se oculta por um lençol muito branco. Mesmo o sol, aqui, não possui força suficiente para iluminar o céu e pincelar o mesmo com azul. Somente um branco iluminado e difuso envolve a tudo, fundindo a terra com o horizonte, e tenho a sensação de que este templo poderia estar flutuando acima do chão (o que considero possível, pois é essa afirmação que faz a fama do lugar).

Apenas o que me faz retornar para a terra são os picos azulados de gelo puro, cujo comentário dos locais diz que os corações de três deuses repousam abaixo deles, azuis e violáceos, como céus de verão (a única lembrança que se tem de dias mais amenos por aqui). No andar de baixo, ouço os monges cantarem seus mantras devocionais, frios como toda esta estrutura. Ao contrário do que pensei, não é um lugar muito grande. É todo de madeira maciça, e segue a tradição de não utilizar pregos, mas apenas encaixes. São dois andares, sendo o de cima para as acomodações e o de baixo tomado pelo Grande Salão, onde ocorrem os cânticos e ritos.

Recebi (com certo atraso, devido ao difícil acesso do lugar) sua última correspondência. Soube de sua situação dolorosa e de como, no momento daquela separação, você teve de se congelar por fora enquanto queimava-se por dentro.

Eu me lembro de ter passado por isso.

Lembra-se da última vez que lhe escrevi? Estava em Leszates, e foi quando recebi a visita de meu último amor (ou algo a que se possa chamar assim). Tentei



evitar conexão maior. Mas no final, eu queria que aquilo acontecesse.

Pela noite, ao fazermos amor, disse, olhando-me nos olhos, da minha beleza. Podia sentir as suas pupilas tateando sem nenhum pudor cada traço do meu rosto, do meu cabelo, da textura da minha pele. Brincava de esconder aqueles dedinhos cheios de visão nos vincos de minhas pálpebras ou no sorriso de meu rosto na hora do gozo.

E, dias depois, me encontrou em um café, partindo para sei onde e me disse "não é você, sou eu." Ora, então era eu. Acaso não havia essa figura se adonado de mim e me criado uma máscara, que seus olhos construíram sobre minha face? Como a dor pode reverberar tão clara no corpo? O coração dói, a pele se sensibiliza toda (chorei um dia por uma gota d'água que caiu no meu braço). Não tive fome. Não tive sede. Não conseguia andar. Pois havia perdido a quem me construía. Minha constituição estagnou completamente. Como pode a pedra tomar forma sem seu escultor? Como se pode ficar inacabado? E porque me deixara dessa forma? Cheguei a tantas conclusões ao mesmo tempo... tudo jorrava em mim.

Foi somente quando decidi deixar ir embora, vazar para o oceano, que consegui voltar. Foi necessário nadar contra o fluxo, e depois contê-lo. E, em sua contenção, o congelar (como as montanhas que guardam o coração destes deuses).

Vou aprender com os deuses desse lugar, que dançavam sozinhos no céu, na terra e no mar, fazendo amor uns com os outros. Não quero mais pertencer a ninguém, mas à Vida. E quando descongelar meu fluxo, vou dançar comigo (e com aqueles que me desejarem acompanhar) e mudar. Mudar minha água conforme o ritmo da música de todo esse caos.

Assim, passei pela lição da perda vivida, e espero tê-la aprendido.

Esse antigo amor escreveu-me dias atrás, dizendo que sentia minha falta. Eu apenas respondi, numa breve carta enviada via pombo-correio, com uma frase espirituosa de Lady Morrigan, a sórora do templo: "sou apenas um mau-hábito. Vai passar".

O que digo não é para você, mas para essa dor que o habita agora como um parasita que se enrola em suas entranhas. Guarda o que lhe escrevo: permanecer em prisões de fios de seda pode parecer sedutor de início; a seda que prende desliza brilhos sutis em olhos cansados demais para prestar atenção. Mas depois de um tempo, as amarras apertam e as fissuras doem. Ou se deixa que o corpo entre em síncope e debata-se até a liberdade, ou permanecem as amarras a tecer motivos florais em pétalas mortas, como uma tapeçaria de parede inútil. Prender-se ao que mata a vontade de vida e arte não passa de desculpa para uma vida insuficiente que, na verdade, quer arebentar o eterno, romper as costelas e voar liberta de uma carne já sem vida.

Se se rompe a pele, deixa que sangre. A alegria pela dor sentida é testemunha de um gozo que se tinha contido, mas não realizado. Se o amor caminha ao lado do que se deseja, tanto melhor; já não é sem tempo que o coração volta a bater e aquece o corpo outrora enrijecido por palavras de ordem, dogmas e medos. Saltar em um abismo que nos olha de volta pode ser assustador, mas no final, tem de ser enfrentado. Basta olhar de volta, com olhos plenos de amor e a carne entregue à vida e sua vontade.

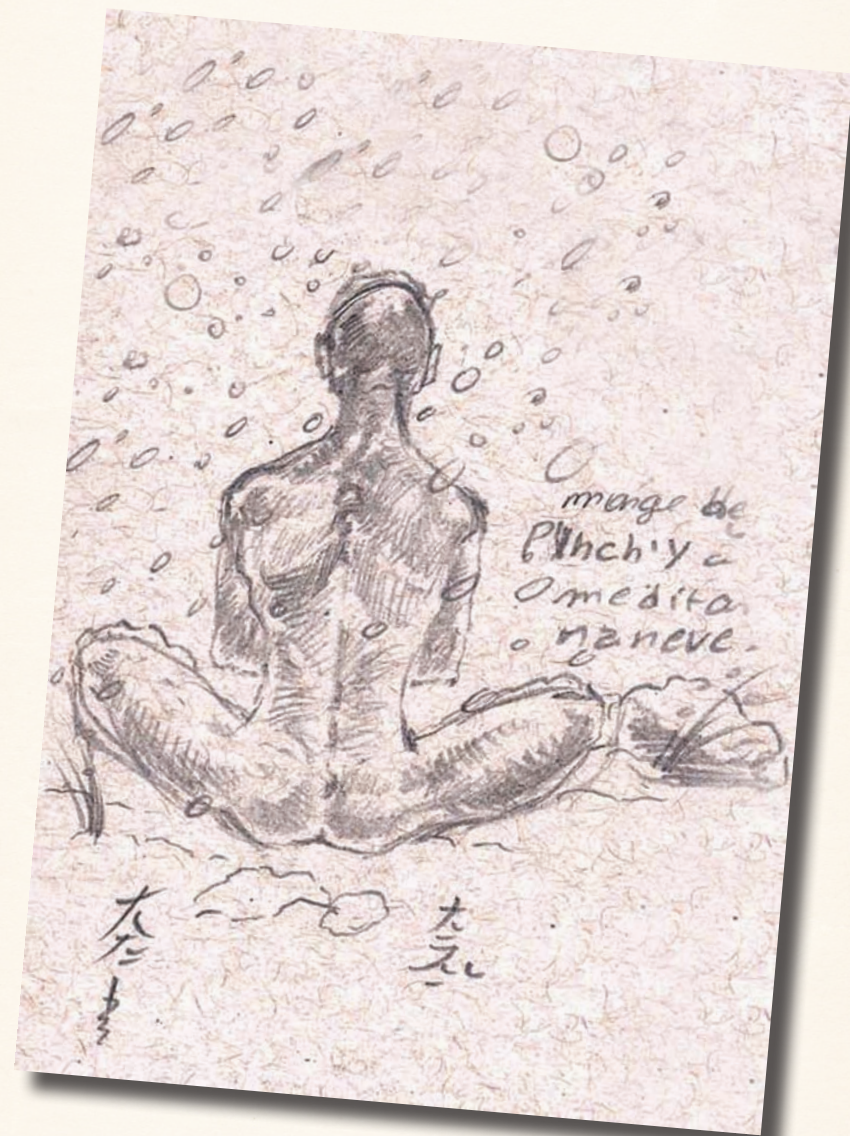
Se no final o outro nos é inacessível, paciência: desde que se tenha a si mesmo, de pouco adianta se debater a fim de tentar ver nele o que se precisa construir em si mesmo. Erguendo minaretes até os céus, não espere castigo nenhum: não há nenhum deus a castigar a ousadia senão aquele que se esconde entre véus e ilusões, por medo de que os pilares atinjam as nuvens e espetem os anjos, confusos porque pensavam



ser únicos. Afinal, venenos do diabo há em todo lugar, mas bálsamos de alívio, estes só mesmo no suor que advém do esgotamento do corpo que trabalha. Esgotado, mas incansável; se o caminho é longo, basta andar devagar, mas sem pausa: logo se chega à outra margem.

Fique bem, amado amigo. Rogo ao coração destes deuses sob montanhas por paz e alegrias a você. Envio um pouco de minha água. O vidro é feito de cristal dourado, extraído ao pé dos montes daqui.

Carinhos  
L'Loup





Querida Ma-a-yr:

*Confesso que esperei com ansiedade por correspondência sua, e que tenho saudades de seus olhos e da sua lembrança que agora descansa detrás de minhas retinas. Com prazer recebo suas correspondências. Bom saber de sua viagem. Assim como a minha, tanto lhe vai acontecer, por tantos lugares vai andar, até encontrar e desencontrar-se de novo.*

*Se poderia descrever o lugar para você? Sim, é o que pretendo nestas linhas que envio por agora. Se posso contar das crenças locais? Não as entendo completamente. Apenas nesta região, existem mais de 60 religiões e seitas diferentes.*

*Aqui, no Mosteiro de Thangk'har, se segue uma linha chamada "pré-materialismo virtual". Nesta crença, há toda uma disciplina que se desenvolve sobre um dos pilares mais fortes de algo que eu não saberia chamar se de fé ou materialismo, ciência ou superstição. Existem ritos, existem cantos devocionais, existem dogmas e mistérios milagrosos. Mas existem estudos em filosofia, ciência e metodologias exatas que, se para nós contrapõe-se de maneira gritante, aqui se unem para formar um amálgama que chamam de "plano de corporificação": o contexto da criação de seus conceitos, trazidos à luz para um espaço a que eles chamam de "bha'a djen" (ou "o corpo").*

*No desejo de assistir algumas das aulas sobre isso, solicitei permissão ao mayou (alguém como o coordenador do templo), acrescido da carta de apresentação da universidade que Dra. Canis me deixou. Mas o melhor está por vir, querida: as aulas aqui não são como as nossas, no formato "magistral"; aqui, há um douto, que oficialmente detém o conhecimento, não apenas por seus estudos, mas porque se acredita que*

*tudo o que há para se conhecer no universo está dentro de cada um. A função do estudo seria, então, liberar essas lembranças guardadas desde sempre nos vários níveis de corpos, e acessa-las por várias vias, como a palavra falada e escrita, a dança, a arte e o silêncio.*

*Enfim, este douto permanece junto aos alunos em uma roda, para evitar a formação de posições fixas e títulos de ordem. Ali, se inicia um processo que chamam de dai'o-djië, ou "o debate": uma proposição é lançada, e todos precisam desenvolver, de acordo com seus estudos individuais, um breve discurso sobre ela. Tudo começa de maneira muito calma, mas logo se torna um teatro esquisito. Alguns discutem calorosamente, outros entoam canções, outros desenvolvem desenhos em papel, areia colorida ou no chão duro. O douto se cala, e nada mais irá falar até o momento em que demarcar o fim do embate. Mas isso tanto pode durar alguns minutos como vários dias. Da última vez, permanecemos por cerca de três dias no círculo, parando apenas para comer ou dormir ali mesmo, no chão e ao relento.*

*Eu me mantive calado: com este corpo ainda repleto de hábitos do reino douto, tal experiência me causou uma estranheza inicial e certa insegurança já que, como bem sabe, nossas aulas magistrais demandam um que sabe e outros que escutam e depois desenvolvem. Mas aqui, o processo é de estudo e criação simultânea. Na há tempo para se divagar e isolar: é no encontro ao corpo de pensamento do outro que se dá a criação de um saber (ou vários).*

*Será que nós, acostumados desde então ao modelo tradicional, poderíamos abandonar este velho corpo de produção acadêmica, tão recortado e já aos pedaços? Seríamos capazes de deixar de ficar tentando colocar ordem num espaço onde o que reina é este caos a que os monges daqui parecem tão à vontade de viver e nele nadar, como se ao seu elemento de saberes aquosos fossem naturais? Uma vez você me disse que detestava*



ser comparada a uma ovelha: dócil, obediente e disciplinada; que se sentia vazia de todo o criar. Pus-me a pensar o quanto os dogmas da doutrina acadêmica não nos deixam assumir as dores gozosas da criação, suas reais dificuldades, e não apenas as que são previsíveis ao conhecido.

Alguns não agüentam muito tempo. A regra é que se retire, e retorne no momento que sentir oportuno. Há liberdade de permanecer ou sair, falar ou calar, e mesmo o silêncio pode ser uma resposta potente.

Talvez por isso o nome de "o peixe alvo": peixes não escutam nem vêem perfeitamente, mas quando em cardume, sabem se orientar mesmo sem rota alguma lhes ter sido dita, sem esbarrarem uns nos outros. Talvez seja como nós, nadando em meio a um caos que por muitos é ignorado: sabe-se que se quer ir a algum lugar, sabe-se que há um destino (talvez mais como um fado), mesmo que não haja um mapa da rota. A discussão põe os corpos em movimento, ativa o fluxo e constrói encontros. Caminhantes (ou nadadores), seguimos.

Anseio lhe encontrar ainda. Se possível, vem ao meu encontro; não tenho com lhe dar a rota, mas em meio ao seu pensar, no surgimento de nova carne que lhe possa levar mais longe, há de me achar. Carinhos. De mim.

mosteiro de  
Thangk'har. Du-  
rante a chegada.



Caríssima Ma-a-yr:

Minhas caminhadas me levam agora para o norte, onde os ventos levantam as águas e criam névoas pálidas sobre todo o campo. Chego à cidade de Memond, situada em uma planície muito verde, protegida por montes escarpados que mantêm a temperatura do lugar sempre fria, bem como a protegem das névoas de água salgada erguida pelos ventos do mar de Cail-lier. Agora é verão, época mais quente do que quando vim aqui da primeira vez. Campos de trigo dourado se espriam até onde a vista alcança.

Em Memond, não se pode entrar com carga alguma, seja uma bolsa de viagem ou pertences pessoais. Assim, estes são deixados à parte em uma grande abadia logo na entrada. A crença é de que todo o passado deve ser deixado para trás, de forma que cada passagem na cidade representa também um novo início. É uma filosofia de vida interessante, mas desconfortável, já que estamos acostumados a carregar nossos pesos (de tudo que adquirimos em nossa caminhada) com tanto apego. Nos acostumamos a carregar nossos pequenos vícios (inclusos os emocionais) como se fossem tesouros preciosos.

Mas logo esse estranho hábito revela-se muito prático, uma vez que aqui não se utiliza dinheiro ou algo que represente valor. Ao invés disso, tudo funciona em um sistema de trocas. Assim, a primeira pergunta feita é "o que podes fazer?". Pode? Como assim? Depois de conversar um pouco, entendo que o que eles dizem por pode não diz respeito ao que se "sabe", mas sim quanto à vontade. Para os moradores daqui, a boa vontade e o desejo pela aprendizagem conta mais. Não sei bem ao certo, mas penso que essa "vontade" diz



mais respeito ao desejo de viver, como um todo. Uma ânsia.

Eu tinha de pensar logo. Bem sabe que há uma insegurança muito grande quando se viaja só. É necessário alimentar-se, encontrar um lugar para o repouso, bem como o anseio de adquirir objetos que possam ser úteis em um trajeto mais longo. Assim, escolhi ficar a serviço das servas da imperatriz, ajudando-as em seus atavios.

A imperatriz de Memond é uma mulher generosa, de sua meia idade. Ornada com um belo arranjo nos cabelos e vestimentas longas de um tecido que desconheço a origem, gentilmente me guiou até a morada de suas companheiras, segundo ela mesma as denominou. Viviam todas em uma sala de janelas amplas e arabescos que pendiam do teto até o chão. Ao centro, situava-se a cama da Imperatriz.

Pequenas e esguias, de cabelos negros e pele muito clara, cumprimentaram-me uma a uma. Designada minha tarefa, comecei por separar-lhes as roupas, os sapatos e que enfeites deveriam usar para a cerimônia de todas as noites. O curioso é que estas não usam maquiagens como as conhecemos. Para tornar suas bocas rubras, elas apenas deixam pender entre os lábios a pétala de flores de bétula, de uma variedade que eu desconhecia. O próprio pigmento da planta lhes penetra nas mucosas e tingem seus lábios de um belo e delicado vermelho, além de perfumar o hálito.

Vesti-as, servi-lhes chá, arrumei seus cabelos. Eu podia ouvir os pequenos risos das outras enquanto tentava manter as madeixas lisas numa estrutura de osso e flores. Definitivamente, esse nunca foi meu talento, mas naquela hora, era minha vontade. Pela troca, obviamente recebi pouso e alimento para uma noite.

Em minhas andanças, troco de corpo. Ou melhor: eu o perco. Não só o de carne, mas digo também daquele que está nas partes mais profundas. Em cada

lugarejo, vila ou cidade que passo, tenho de me moldar conforme hábitos e costumes. Em alguns lugares, não é sem dor que abandono a velha casca para receber a outra. Aqui, mudei uma vez mais de sexo. Podia sentir as reentrâncias sutis surgirem entre minhas coxas, a delicadeza da pele, mais fina, os cabelos maiores, as curvas mais evidentes. Senti minimizarem meus ossos, fluidos diferentes me correrem pelo corpo, especificidades dessa forma a me moldar conforme uma vontade estranha a me tomar.

Olhei-me no espelho, mais tarde. Não estranhei o que vi. Eu já passava a ser outra coisa, pairando entre mundos, entre possíveis. Entretanto, ainda mantive muito de minha força original. Guardei a sala das consortes da imperatriz durante a noite.

Foi na terceira noite. O silêncio cortava o ar, era frio e escuro, e eu podia contar somente com a luz de uma das chamas frias cultivadas nos jardins, em uma espécie de fruto, que poucos ousam usar para consumo. Mas eu resolvi tomar uma, naquela noite. Um fogo queimou-me na garganta, na barriga, mas eu sabia que não era meu corpo que queimava, mas meus sentidos. Não gritei. Joguei-me no chão, uma dor excruciante. E quando abri os olhos eu os vi. De máscaras brancas, capas escuras, eram os nounis; entidades presas a suas máscaras, vagando em um mundo de ilusões estranhas e sofredoras. Segundo as outras mulheres, apareciam nos sonhos para causar pesadelos ou enlouquecer a mente.

Meu corpo esfriou, minhas pernas cederam, me tomei de angústia. "Droga!" pensei. "A Imperatriz me havia avisado deles, mas nada falou sobre os frutos permitirem percebê-los!". Tentava correr, mas quanto mais força fazia, mais me enfraquecia. Uma das entidades, escuras como um quarto fechado, se colocou sobre mim. Tive uma angústia mortal, como se fosse morrer. A terrível morte, que eu não estava pronto ai-



nda para receber. Ele tirou de seu nada uma máscara, igual as outras, tentando encaixar no meu rosto. Eu o desviava, tentava gritar mas voz alguma saía. Nenhum socorro. Em minha mente, diziam "você fracassa. Você é mediocre. Não passa de um desprezado por todos, um mero escravo. Você, no fundo, é tão mesquinho e mentiroso quanto todos." Aquelas palavras me entravam como verdades, me inundando o coração de fel, de raiva, de temor, de tristeza.

Chorei. Eu? Mentir? Todos mentimos, talvez para nos defender, não sei bem. Mas minha vida não era mentira, nem todo meu esforço. E eu sabia disso. "Mentiroso" elas gritavam, como harpias soltando gritos agudos.

Eu sabia que em corpo estava morrendo. Sentia claramente a respiração ficar mais difícil, o mundo todo se borrar, meu corpo se desfazer. Quase desisti. Mas algo em mim foi mais forte e eu disse "Não!" em um grito que sobrevoou todo o ambiente, como uma revoada de pássaros. "Não!" eu dizia "você não tem força sobre mim. Eu não sou como vocês. Suas máscaras são apenas a ilusão de um ser limitado! Vocês não sabem do que falo! Nunca saberão!"

Senti minhas forças retornarem devagar; eu jamais me confirmaria nas suas tristezas, nas suas angústias, que na realidade, eram as minhas. Enfrentá-las era me enfrentar. A fruta que comi se inflamou em meu estômago, iluminando tudo. E eu tive de olhar cada um de meus ressentimentos, um a um, sem poder desviar os olhos, e entendi cada um com paixão, com compassividade. Eu era uma criança, não imatura, mas cheia de vida e curiosidade para apreender mais da vida que me cercava. Eu era o todo, e o nada pleno de possível. Não iria me confirmar na máscara e desejo de outros. Nunca.

Levantei-me, agarrado ao cajado com a lanterna, e gritei "já basta! Vocês não tem força alguma

sobre mim! Eu não sou seu espelho!"

Brandi a lanterna o mais alto que pude. As criaturas foram, mesmo não parecendo nem um pouco afetadas por minhas palavras. Não importava. De meu modo, em mim, eu havia superado aquela batalha. O que vi era o que havia em mim, mas me neguei a gessar naquilo; se estava em peregrinação, era para encontrar modos de ser outros, e não gessar-me no julgamento e desejo de outrém, fosse rei, rainha ou entidade de outra existência.

A imperatriz acordou, e a vi na porta junto a suas consortes. A batalha havia reverberado por todo o castelo. Ela me olhou, suave, e apenas disse "você venceu. Agora pegue suas coisas e parta." E foi o que fiz. Senti medo da morte, senti medo de perder (me). E o medo foi algo que me dominou e me prendeu o pé numa armadilha afiada. Saiba, querida fada, que não desejo a ninguém esta prisão sem grades. Meu medo, portanto, aprisionou-me em um único corpo, sem chances de libertar-me de mim. O medo traz o julgamento, e o fantasma que habita em nós se aproveita dessa brecha. O medo, o julgamento, tudo isso nos reduz.

Decidi, então, enfrentar o monstro. Decidi raspar a tinta da tela de minha existência e por cima, pintar outra. Eu havia pintado um auto-retrato seguindo a paleta daqueles que posso denominar de outros. Eu subjugué-me e mendiguei pelo amor deles. E agora, tenho que dar um "basta!" nisso tudo. Não serei mais o arremedo e o desenho reconhecível, mas sim os matizes que se poderão perceber por tantos outros meios. Tu me podes pintar, Mariette me pode desenhar, e Martéill me pode (d)escrever. E todos (e nenhum) eu serei. Assim como nesse lugar, onde o que posso é o que me faz.

Eu arrumo meus pertences novamente, não sei se pronto para partir de novo. Mas partindo, uma vez



*mais. Ainda posso muito nesta vida, pois ainda há  
uma longa jornada pela frente. Eu estou bem. Ficarei  
bem.*

*Com carinhos te deixo, em flores de bétula e abraços  
rubros. Contente*

*Albeè*



*A Imperatriz e suas consortes...*





*Caríssima Esfinge, Sra. de Zarcoza e Márai:*

*Recebi sua última correspondência onde, com prazer, à beira da janela da casa dos Templários de Besaphis, li-a com imensa afeição.*

*Já não era sem tempo que nos escrevêssemos enfim, uma vez que a muito encontrei contigo e já achava ter perdido o contato. Seguer imaginava que seu mensageiro me pudesse encontrar, uma vez que estou sempre a mudar de lugar. Bem sabe que ando a peregrinar por sobre essa terra, a fim de conhecer coisas que me permitam sair desse "eu" narcísico e entrar em algum lugar que me transcenda. Afinal, sempre temos essa mania de nos achar tão importantes, tão dignos de uma "notação" (como disse Barthes certa vez, ao encontrá-lo no caminho, muito tempo atrás).*

*E tanto ando por esse mundo, que mais me sinto como o diabo do que Deus. Ou não foi esse tal ressentido (e tanto assim Deus, seu gêmeo-oposto) que resolveu encontrar-se um belo dia com o Criador e lhe propor um desafio? Lembras do diálogo? No primeiro capítulo do Livro de Jó, na Bíblia (ele me soa hilário toda vez que o relembro...).*

*O Senhor perguntou a Satanás: Donde vens? E Satanás respondeu ao Senhor, dizendo: De rodear a terra, e de passear por ela.*

*Bem, você há de convir comigo que Satanás andava pela terra a perder almas e a passear – bastante despreocupadamente, bem se vê. Reescreveria esse diálogo nos dias de hoje da seguinte forma:*

120 *Deus: olha lá, quem vem chegando? Se não é tu, Sa-*

*tanás? A quanto tempo?*

*Satanás: ô, se não é o ex-patrão, Deus? Com passas?*

*Deus: ah, estou bem, estou bem, depois daquele descanso do sétimo dia, me sinto novo como há .... bom, deixa pra lá. E que fazes tu da vida agora?*

*Satanás: eu? nada de novo. Entro num aqui, noutra ali... Esse serviço não é dos mais freqüentes. Bom, tu sabes, fizestes isso tudo, criastes as normas da administração. Eu só trabalho na zeladoria, só isso.*

*Deus: ah, é? Pois é, nada fácil mesmo, esse pessoal se queixa demais, ou esquece da vida depois que a gente dá tudo. Mas tu estás desocupado?*

*Satanás: não, não...! Só dando uma voltinha. Sabe como é. Rodeio aqui, passeio ali...*

*Deus: sei, sei...*

*Ah, desculpe essa furtiva intromissão, mas não resisti. Afinal, um pouco de humor nos tira a própria seriedade. Rir de si mesmo nem sempre é fácil. E sabe melhor que eu o quanto podemos ser bufos. Pois adoramos nos esconder nas carcaças de sábios, mas o fato é que a beleza de tudo existe na simplicidade do não-saber, do nada saber – e de quanto nunca saberemos...*

*Gosto de lembrar nosso último encontro. Tanto por sua companhia quanto pela paisagem do lugar. Aliás, vive num ponto onde a vista é privilegiada – na beira dos promontórios do vale de Magras. E, dali, enxerga toda a extensão de Besaphis. Não lhe deixa melancólica a vista dos picos carpados? Nunca me imaginei caminhando acima do céu. Mas aí se pode sentir que se pisa sobre as nuvens. A você nenhuma diferença faz, creio. Pode gozar de muito mais além da terra, pois é alada, – e alado é seu pensamento. Devo dizer que um pensamento alado chega muito mais longe. Pois enxergar longe é ver além do que as retinas atestam, concordas? É isso que a permite criar os*



enigmas aos homens. E, assim, me cativou a afeição com suas questões, lançando o medo para longe dos vales. O medo de você. Sim, lhe tive medo (sabe que tenho razão para isso). Esperava que me atirasse pela estreita passarela abaixo, caindo através das nuvens, mas percebi logo que, com calma, poderia chegar a uma resposta - não a certa - mas satisfatória à sua questão. Ladina! Só percebi que a pergunta não tinha resposta definida quando deixou escapar o sorriso de esgar no canto de seus lábios finos (e ainda posso ver a espessura dos caninos branquíssimos atrás deles).

Se escrevo hoje, é para agradecer, pois antes de me dar um enigma, tornou-me um. Portanto, nesse momento, sou enigma para mim - grande ponto de interrogação e algo mais - deslizando pelo chão dessas terras. Satisfaço-me com as angústias que me deu, mesmo que elas por vezes perturbem o sono e me turvem os sonhos. Ser um enigma para si (e admitir que o é) não é o que se espera da vida, e sim o desejo de encontrar aquela "verdade maior" que ilumina a todas as coisas (todas? Não, depois de tanto caminhar, percebi que labirintos se exploram melhor na cegueira). *Tromp l'oeil* - e as imagens que nos trapaceiam a visão do todo, mesmo que este seja inalcançável.

É fácil prender-se ao que se enxerga. É mais fácil agarrar-se nas figuras, e sobre elas erguer os castelos. Mas os monumentos que permanecem na terra, cedo ou tarde perecem - pela ação do vento, da chuva e do tempo. Nada, ao fim, perdura - nem mesmo toda a glória. De que valeram todos os reinos e posses dos que tentaram passar por você e responder a suas questões com frases feitas? (prefiro nem pensar; háh, os miseráveis). Mas eu confesso que estava prevenido perecer por sua boca. Não tinha idéia do que dizer na passagem. Como raios eu saberia como aquele templo se conservava sobre as nuvens? De que maneira elas podiam sustentar toda aquela estrutura? Nunca ha-

via visto nada semelhante. Tive uma educação dentro da tradição do pensamento lógico. Logo, para todo fenômeno havia uma causa lógica e mensurável. Mas aquele não era o caso. Um castelo no ar era mera cantiga de contos de fadas. Seguer sonhava com a possibilidade daquilo. Mas ali estava - pedras sobre nuvens.

A força do enigma fez lembrar da época de estudos com um dos monges dos Jardins do Caos. Lá, eles desafiavam toda a lógica do mundo pelo trabalho elaborado na escrita. A pretora Hellas (tutora na época) dizia que "a escrita ergue a terra até os céus, onde esta forma os tijolos do sonhar, apagando o reino desperto no enigma de apenas ser - sem a causa, mas somente a consequência". Tive de pensar rápido (sei que sua paciência não acompanha seus séculos de vida) e logo tomei da pequena lasca de osso próximo à sua pata e escrevi a explicação de um fenômeno imaginário (na *Lingua Morta*, pois imaginei que assim lhe seria mais interessante). Se meus professores de Materialismo Dialético vissem aquilo, com certeza teriam uma síncope. Mas preferi ignorar - afinal, nem todo enigma tem a resposta que se deseja, mas a que se pode construir para trabalhar um dado contexto.

Confesso que até me diverti em quebrar as regras daquela forma. Pois nem mesmo eu sabia exatamente de onde havia vindo aquilo. Mas ali estava - e, portanto, passou a existir por um mero capricho meu, bem como sua aceitação - que percebi somente quando apagou a primeira linha do verso, substituindo por uma palavra mais, como diria - adequada. Calma, abriu suas asas e disse (numa voz meio rouca que ouço até hoje) "Passa". Eu gelei, mas também passei a lhe amar naquele minuto. Ceifeira. Cheguei ao ponto de me permitir pensar na honra de morrer por sua mandíbula - mas preferi sobreviver. Talvez pensando no prazer que esse diálogo possível me traria. Ou talvez por covardia maior. Mas prefiro pensar que foi, de fato,



*para refazer o caminho e lhe reencontrar. Não para me arriscar novamente, mas para que me possa dar um novo enigma. Afinal, chegará um momento que corererei o risco de me considerar uma pessoa esclarecida. É prefero me conformar em interrogação pura, pois senão, acabo por enraizar e deixar de andar no mundo a criar outras respostas possíveis. Antes tornar-se demônio na terra a vagar, que anjo no céu sem bater asas.*

*Deixo-te com essas palavras e com minha eterna estima. De mim (por enquanto)*

*Albeé L' Loup*



NORTE DA CAPITAL DE CAELESTIA. CIDADE DE ÀGON.

*Cara Esfinge:*

*Desde nosso último encontro, me situo agora em Àgon, cidade das angústias. Acho-a, como já lhe comentei, um tanto antiga, e desculpe a sinceridade, mas pouco se fez para que sua paisagem pudesse se colocar mais amena aos olhos dos visitantes. As Pessoas são quietas, e há uma tensão visível na área.*

*Duas facções de fé diferente mantêm uma briga de anos sobre a hegemonia da crença: os que se autodenomina os "Olhos Luminosos" e os que se dizem os "Filhos do Espírito". O conflito é intenso: os primeiros pertencem ao ramo daqueles que não crêm no pecado, defendem a criação do rito pessoal e não acreditam na necessidade de templos, elegias ou dogmas; ao Criador, se chega pelo amor que se tem pela terra e pela vida. Pelo amor que se carrega no coração e ilumina a alma. Na maneira como os olhos concebem o mundo. Isso me lembra um pouco dos escritos do livro cristão: está em Mateus 6:22-23, e diz o seguinte:*

*"A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que há em ti for trevas, quão grandes serão tais trevas."*

*A outra parte, mais ortodoxa, crê na obediência irrestrita aos ritos, à fé e no prêmio que virá após a vida, esta enquanto o merecido sofrimento por erros pregressos.*

*A tais crenças minha cabeça começou a pensar, e tecer: existe uma sutil prisão de teias em nossa volta. A medida que avançamos no tempo, essa teia se torna mais*



*elaborada e envolvente.*

*Aos poucos, se não tomarmos cuidado, ela se enrosca na garganta. Causa uma agonia. Falta de ar. Sufoco. A sintomatologia da angústia se manifesta muito sutil, generosa em suas elegias à nossa dor. Associada ao tempo, começa a pregar peças na carne, arrancando pedaços inteiros sem que ninguém se dê conta. Pode ser tarde demais quando se percebe. Então vem o Medo.*

*O Medo é um mecanismo de defesa fantástico. Um alarme, um companheiro que tenta (em vão, talvez) nos acompanhar na jornada dos campos escuros.*

*Evitar que cheguemos cedo demais às Terras sem Luz. Nem sempre consegue. E por vezes, como a mãe excessivamente zelosa, termina por sufocar quem deveria proteger.*

*Aqui em Agon vim em busca de uma compreensão da minha angústia, do meu medo. Quem sabe, até, enfrentar esse protetor demasiado zeloso de frente e solicitar que se afaste um pouco. Pois já está difícil de respirar. Por isso, vou ter de juntar forças. Cerrar os punhos, abrir bem os olhos e deixar que toda a (pouca) coragem que possuo jorre de meus poros. Preciso enfrentar a vida de cabeça erguida. Desejo superar o medo e culpa assassinos. Crescer. E só em Agon me é possível fazer isso. Descendo suas ruelas estreitas, suas passagens claustrofóbicas e apertadas. O escuro de seus segredos. As marcas de um passado presente na dor e medo de cada um, incrustado nas paredes. O Rosto da cidade, que faz o rosto de seus habitantes.*

*Silêncio. A cidade pode acordar.*

*L' Loup*







CORRESPONDÊNCIA URGENTE (VIA AERO - POSTAL):

De: Albeè L' Loup  
Para: Dra. Canis  
Assunto: Templos de Iman

Cara Orientadora:

Meu trajeto de viagens é longo, mas divertido e incabável. Sigo por lugares e paisagens que me agigantam os olhos e empurram meus pés adiante.

Chego agora nas planícies de Diogras. Desértico, mas com uma vegetação floral exuberante. Existem flores de todos os formatos e cores por aqui, e algumas formam, em seu conjunto co-dependente, arranjos que poderiam se assemelhar à ikebana.

Pelos locais, sou aconselhado a visitar o Mosteiro das Filhas de Aracné. Resolvi ir a pé, não era longe da zona central.

Aproveitei a paisagem, num céu com nuvens esparsas, que passavam felizes ao meu olhar (aquele que diz que põe nuvens a correr). O chão é meio pedregoso, acho que lembra um pouco o Atacama. Seco, mas cheio de vida.

Logo, avistei uma enorme fortificação cercada de muros de pedra e adobe, trabalhado em tijolinhos avermelhados, pequeninos e irregulares. Esse muro circunda uma parte bem ampla do lugar. Um largo portão de madeira era a entrada e saída dali, lembrando vagamente figuras babilônias. Bati, falei com a Sórora do lugar, onde tive recepção sem problemas. Mas o lugar internamente era lindo. Uma área central ampla e aberta, belamente ornamentada por mosaicos de pedras coloridas, provindas do mesmo deserto em que residem. Cercado por um claustro, (muito mourisco), flores caíam de pequenas sacadas do segundo andar da construção. Amareladas e roxas derramavam-se como



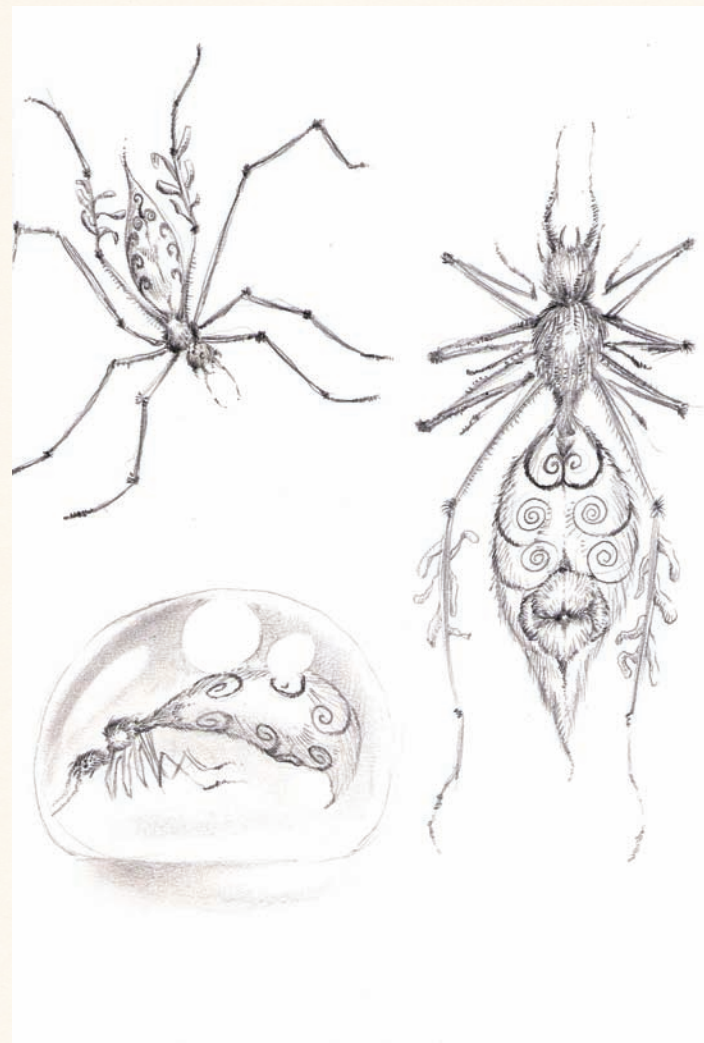
*cascatas de cores. (eu me derramei nessa hora). E vi lençóis imaculadamente brancos pendurados numa área adjacente e, ao fundo, um campo coberto de varais com esses panos levíssimos, que pareciam se perder no meio de uma erva verde-dourada muito brilhante, semelhante a trigo. Havia um pequeno conjunto de Armações de bambu, onde eu percebi que havia uma tessitura muito delicada, e não sem surpresa percebi que, de fato, eram teias de aranha!!!! As irmãs me contaram que eram colhedoras de orvalho, para fazer o vinho de orquideas e lírios. Provei um gole. E voltei a horas de alegria com sol na boca e veludo nos olhos.*

*Mas o segredo está nas aranhas: são elas que tecem os lençóis!! Foi aí que entendi por que as armações de bambu eram de formato retangular... A qualidade da teia segura o orvalho até o amanhecer, quando todas levantam para colher os lençóis. As peles imaculadas de sarapintadas pérolas brocadas de lua. Peles distendidas... no vinho, me senti uma delas... dessas peles... tão claro e imaculado, e majestoso com pérolas de água nos cabelos...*

*Organizo por agora uma caixa com todas as lembranças que trago. Pois nem todas cabem no meu corpo. É o corpo que te dou agora, para captar e reviver meus registros em ti. Senão, que graça teria uma carta comum?*

*Grato por tua orientação*

*L' Loup.*







*Tecelão fazendo novelo de fios recém colhi-  
dos nas garrafas de jade. Templos de Iman.*



Louis:

*Como tens passado? Sei que faz tempo que nos falamos. Mas agora, aqui, neste pedaço de chão que pode ser qualquer lugar do mundo, lhe envio esta, na esperança de que a bem receba. Sempre fomos tão próximos e distantes ao mesmo tempo... nem sei porque o tempo nos afastou. As coisas mudam, os corpos mudam e, com eles, seus desejos. Mas eu ainda lhe tenho todo o carinho do mundo, que talvez não seja o mesmo de nossos dias, novos como flor orvalhada, mas são ainda mais preciosos agora, como sementes a cair por terra.*

*Essa terra. Que é?*

*Um chão raso e manchado, sujo do sangue arrancado da própria carne, mesmo em vão, para tentar sobreviver. Ali vive a vítima, o carrasco, o apaziguador. O fascista, a criança, o jovem, o velho. E tantos outros corpos que se criam e desfazem ao mesmo tempo, se atritam, esfacelam e reconstituem-se. É fico tentando achar um "eu" coeso no meio de todo esse caos, e percebo cada vez mais que esse eu é um inexistente. Um sopro de vento invisível a movimentar a forma das nuvens desordenadas em sua indulgência caótica. Como me tomar no colo, a mim mesmo, colocar-me contra o peito e dizer gentilmente que a dor vai passar, assim como fizestes comigo na última vez? Se nenhum de mim e de meus corpos pode responder essa pergunta com clareza? Onde encontrar-me, se assim que um sopro mais forte de violência que me afeta o corpo destrói o outro que procuro criar? Suponho que os sopros repentinos são inimigos amargos. Sopros fascistas nas velas que iluminam e desejam celebrar a segurança. O sopro do cruel e do terrível; do trágico e do místico. O valor do inexistente...*

PS:

*Consulta o Artesão. Preciso de uma indicação de suas lâminas  
Carinhos*

*Albee*



*Mon Chère Louis:*

*Imensas saudades. Gostaria que estivesse aqui comigo, pois festa alguma é interessante sem você. Ontem cheguei ao vilarejo de Dionisos. Então pelo nome, tu imaginas o que prospera por essas bandas. Uma vez a cada 5 anos, comemora-se o festival da colheita do vinho de mel. Num festival rural, que reúne simpáticas barraquinhas com uma grande variedade de produtos, me deixei perder pela profusão de situações novas, odores e comidas exóticas. Mas confesso que não esperava por essa; eu - justo eu - que tento ser de um comedimento ascético, me perdi e tomei um belo porre.*

*Acordei agora. Olho pra fora, e, diacho! - o dia está claro, o barulho da rua intenso (estão consertando o encanamento da pousada onde estou). A cabeça parece que pesa uma tonelada, pende para um lado e pro outro, cheia de água (ou pensamentos parados, sei eu). Ah, Dói, dói bastante; o suficiente pra que eu jure que jamais vou repetir. Então eu lembro que na noite anterior tomei vinho demais, na taberna de Lakatos. Vinho? Não, acho que fumei algo também, me disseram algo tipo "ao menos esse é natural". Tomei aquele cigarro tosco, de cheiro adocicado, meio corda queimada com mofo, e traquei. "Agora segura", me disseram. Não respirei. Soltei o ar, quase nenhuma fumaça. Dali alguns minutos...*

*Um calor começou a me subir o peito, uma sensação de passarinhos voando nas cavidades do coração me assalta (eles não pareciam felizes ali). Pensei "vou soltá-los". Raios, como se abre o peito? Não lembrava. Nem lembrava se já havia feito isso alguma vez. Ah, nossa, a sensação de calor se espalhou do estômago e serpenteou na coluna vertebral. Kundalini (deve ser*

*isso) subindo na espinha. Oh, gozo dos gozos, chegou à cabeça, tudo mudou de cor. Eu lembrei de uma cor que eu havia sonhado uma vez. Era "sépia quimera". Só lembro nos sonhos, bêbado ou fora da consciência. Mas era para acontecer isso? Eu, ébrio de álcool e fumo. Um estranhamento, um desconforto nas vísceras e - oh, deuses - minha pele se abriu - se abriu como uma tapeçaria rara; se distendeu como um lençol claro para secar no varal. Respirei tão fundo que pensei que tinha um buraco nos pulmões. Hiperventilei, o que me deixou mais tonto ainda. Tinha que sentar. Minha pele, minha pele começou a sentir tudo...*

*Eu deixei de escutar a música e tudo que sentia passava pela derme. Os ritmos da música se traduziam em temperaturas ora quentes ora frias, entremeadas por arrepios e movimentos do tecido ao sabor do entorno. O "eu" já estava fora do corpo há tempos. Tornei-me uma ação pura, um corpo novo, que apenas sabia sentir. Não tinha entendimento de nada, apenas lembranças táteis. Outra coisa estendida por todo o salão, sendo acariciada, tocada. Eu, alienígena, inumano. Eu já não ouvia música alguma. Apenas a toada, que se espreitava pela minha nova extensão como uma corrente de eletricidade que corre por fios (no meu caso, pelo meu tecido, pelas suas tramas, pelos músculos dessa nova estrutura). Eu não estava mais no corpo - o que conhecia - eu era uma consciência de fora, que olhava agora para toda a pele distendida no salão. Acho que alucinei, não tenho bem certeza.*

*Em certo momento, vi a minha pele imensa, um lençol enorme, cobrindo toda a extensão do lugar. Era uma coisa úmida, entremeada de fluidos, cheiros e texturas. Fina, tão fina como seda, me permitia ver as luzes coloridas espocarem atrás de si, criando efeitos que se misturavam à cor da carne, e que deixavam entrever as veias, mesclado-se ao sangue que corria nelas. As misturas do vermelho sanguíneo com o azulado elé-*



trico criavam violetas (será que dali nasceriam?) Fiquei imaginando criar violetas pelos poros.

No fim, incorpóreo - Não: pensando bem, era outro corpo; criei outra carne que pudesse verter vida daquilo tudo. Não havia um eu, não tinha rosto, não poderia me identificar com nada ou ninguém. Era só esse corpo, uma lembrança de uma palavra ou de uma sílaba. Uma forma breve concedida no éter e na terra. Tão alquímico. Era uma *mélange* - uma mistura. Entre ser ou não um corpo (no que concerne, logicamente, ser um corpo.).

Acho que ali me perdi, querido. Acho que ali fui entrando no labirinto. E descobri que não sou ninguém. Ah, você nem imagina o alívio. Se não sou nada, se ninguém sou, que julgamentos há sobre mim? Pois sob a menor intervenção sobre o que me constitui deixo de ser o que fui para virar esse algo sem nome. Lembra do Paul Zumthor? Ele escreveu algo como "(...) estou profundamente convencido de que a história se conta, da mesma forma que os sonhos só existem verdadeiramente quando narrados." Acaso não narrei eu um sonho? E, mais ainda, completamente lícido (não leve em conta os subterfúgios químicos para minha fuga). Então o que vivi foi o que, naquele momento, existiu! E se existiu, eu me convenco de que sou mais que esse invólucro de tecidos e órgãos, músculos e fluidos que o cientificismo atesta. Que existem outros corpos, além do que vivo desde o início de meus dias sobre esta terra.

Tudo é construído, meu amado. Tudo se constitui numa rede tão bem estruturada como a de uma aranha - agora percebo. O problema é que eu jamais poderia viver como essa pele descarnada de tudo para sempre. Em algum momento, tenho de mudar de lugar, senão paro, congelo. Senão não vivo meus fluxos, não sobrevivo. Há tanto a sentir ainda, não? Pois o que acontece se me distendo assim no ato de fazer amor?

No sexo? Eu vou envolver meu parceiro, vesti-lo. Abraçar a ele na minha forma de pele mole, beijá-lo na umidade tépida, tomá-lo num útero renovado no momento do nosso ato, devorar e pari-lo de novo. Vou gozá-lo.

Mando-te cartão-postal daqui (onde quer que seja). Presta atenção aos tecidos expostos no mercado (um deles pode ter sido eu).

Carinhos

*Albèe* (em seda e carne).



Mesclando e mudando em uma vida em fluxo sem fim...



*Cara doutora:*

*Recebi tua última missiva um tanto estranhado: afinal, é minha pesquisa. Pergunta o por quê da relevância desta? Bem, talvez não haja. Nada vale tanto a pena ser preservado. Mas antes de me julgar e chamar os Acadêmicos lhe redijo os porquês:*

*- Porque se deseja uma pesquisa. Porque se precisa ignorar as horas de sono perdidas em prol de leituras por vezes nem sempre tão felizes, nem sempre tão corpo. Porque se deseja escrever para contemplar nem sempre da própria vontade, mas da vontade de um corpo maior e mais opressivo, feito de metal, pedras e literatura. Feito de ordenações e modelos concebidos em moldes e discursos passados. E não se faz porque se quer. Faz-se porque se deseja cruzar o deserto, e desse outro corpus fazer parte. Mesmo que este se desfaça e pulverize mais tarde.*

*- Porque se quer uma ascese, uma disciplina, cujos acontecimentos e encontros retornam eternamente como os pingos de chuva que caem sobre o papel, no mesmo espaço, ainda que não no mesmo lugar - palavras escritas a esmo trazidas por um vento muito distante. Um Simoun. Pior que sentir que o tempo se espalha como as areias levadas por esse vento é perceber que o resultado pode ser incerto, e que se pode ser rejeitado na cidade onde os Sábios residem. E então onde se encontra seu lugar, se não se encaixa no espaço e território que se supunha pertencer por direito, já que tanto se lutou por ele? Cavar buracos e tocas ainda pode ser uma solução razoável...*

*- Porque se quer sobreviver a uma enxurrada de carga literária que há de ser devorada, e tentar manter algum senso de compreensão sobre o que foi lido (mesmo que os olhos se direcionem ao texto, mas as retinas*

*para além da janela do mundo). Porque existe uma exigência ascética no que se espera daquele que escreve. Não importa sua paixão. Pouco conta seu amor. Conta aquilo que se deseja útil e que sirva de paga ao que se recebe. Daí para diante é firmar acordos com os doutos da cidade para convencê-los de seu pertencimento ao seu espaço, e, assim, ganhar finalmente o direito de ir e vir.*

*- Porque se precisa viver, mas o que se consegue, no máximo, é o traçado de estratégias que visem uma sobrevivência à crueldade da vida. Pois o corpo Academicizado não é dono de si, mas de sua matéria se exige resultados de cunho prático, útil e consistente ao coletivo. Nega-se o amor ao próprio corpo (e ao corpo). Nega-se a vida enquanto essência das coisas. Elas deixam de residir ali, para deslocar-se para o que vem de fora para dentro, e não seu oposto.*

*Mas de uma forma ou de outra, nunca se deixa de residir no corpo, lugar, território onde os efeitos se apresentam. No fim, é sempre ele quem manifesta as palavras que se tornaram faltantes no texto original. O que se resta é tentar subir à sua superfície e tomar ar vez por outra. Ou se sufoca, mesmo que vibre e se debata.*

*Aguarda relatórios*

*Do neófito Albeè*



*Ma-a-Yr:*

*Recentemente estive no mercado de pulgas de Abn-al-azir; como em muitos dos mercados que se conhece, havia todos os cheiros, cores e corpos que se possa (ou não) imaginar. Numa caminhada a esmo, fui atraído até uma pequena banca de livros e antigos pergaminhos. Na curiosidade do que poderia encontrar, remexi várias pilhas, quando uma pequena caixa de laca me parou às mãos. O vendedor, um homem baixo e sem dentes, com olhos puxados e cabelos ralos, me disse num sotaque forte de algum lugar que ainda não conheci, que aquela caixa pertencera a um jovem da região, que aspirava ao mundo dos Doutos. Após passar por sua avaliação (catastrófica, me disse), o jovem parou completamente com seu ofício. Mas deixou uma última correspondência, que foi encontrada dias depois de sua partida em jornada. Não mais visto, esse foi seu pequeno legado. Não é genial, mas me pergunto o quanto não posso pensar a partir disto. Comprei por um preço mínimo a pequena relíquia. Mas te envio, junto à minha correspondência, a transcrição destes versos.*

*"Não me toma pelo que falo. O que afirmo, minto, e o que minto não alcança em consciência aquilo que desejo;*

*Não te zanga pelo que faço. Onde ajo, esboroa, e o que deixo são só*

*142 restos;*

*Se te deixo, não te aflige. Sempre resta uma marca onde outrora um corpo esteve;*

*Se parto, deixa ir: o destino daquele que peregrina é caminhar sozinho, mesmo que na multidão;*

*Se me firo, deixa sangrar; depois da dor, um corpo outrora anestesiado aprende a sentir;*

*Se enlouqueço, não te aflige; uma vez fora de si, uma mente ébria encontra um mundo a se explorar;*

*Se me esgoto, deixa tombar; quando a carne perde a força, é quando a vontade põe-se a trabalhar;*

*Se me amas, ama-me com carinho, porém à distância; mesmo eu tenho meus espinhos;*

*Se te escrevo, deixa de ler: a lembrança não passa de fato para além do que os pés podem sustentar;*

*Se me calo, faz silenciar; nem tudo que deve ser dito vale a pena ser falado; antes os olhos a deitar clam-143*



ores apaixonados do que a língua  
a perverter o amor;  
Se choro, não consola; a lágrima  
afina a membrana que prende o  
corpo a protestar;  
Se caminho, faço por precisar; não  
tenho como manter a carne soz-  
inha perdida no mesmo lugar;  
Se contigo me magôo, não recebe;  
vejo em ti aquilo que magoa em  
mim, e mesmo por isso atesto  
sem palavras minha afeição por ti  
a me tomar.”

Não havia nome. Nem nada mais a se deixar registra-  
do. E me senti segurando os restos de alguém, de carne,  
ossos e vida, nas mãos. Os vestígios de algo. Tão forte  
essa impressão, que podia sentir sua presença fresca  
a meu lado. Que podia, inclusive, saber onde seus pés  
andaram ou andariam. A palavra, no fim, pode ser o  
eterno, mas aquele que a ditou, sempre muda no seu  
caminhar.

Carinhos

L' Loup

AINDA EM JUDICIA:

Cara Doutora:

Recentemente tomei a embarcação para a  
zona de Oneiros, terra ao sul de Abn-al-azir. O det-  
alhe é que, por embarcação, tome uma nau que viaja  
acima das nuvens, soçobrando docemente os rumos  
que tomam os ventos do topo. De cima, pude ver as  
dunas de gelo de Belins e, dois dias depois, os prados  
de cervos agrestes de Palihns. No caminho, encon-  
tro um dervixe mendicante, cujo nome era Ahmed.  
Vindo das Terras Despertadas, iniciou uma jornada nos  
Reinos de Oneiros a mais tempo do que eu. Con-  
sigo levava somente a rabeca e o canto da oração ao  
amanhecer e ao anoitecer. Respeitosamente, o acom-  
panhava, mesmo sem privar da mesma fé que ele  
(não lembro onde deixei a minha na última camin-  
hada).

Mas no decorrer da viagem percebi, estu-  
pefato, que havia perdido minha sombra. É possível-  
mente posso tê-la deixado em Memond, na chegada  
da cidade, ao despir-me de todos os objetos e bens.  
Mas estranhamente, isso não me incomoda... Ape-  
sar de o povo local dizer que ao perder a sombra se  
perde parte de si, não me importo. Posso ter perdido  
essa "bagagem" de mim. Posso ter perdido um pedaço.  
Mas entre tudo que importava, também perdi um  
fardo. Há, agora, espaço para mais em minha jorna-  
da. Sinto-me mais leve, como se os pedaços envel-  
hecidos de um corpo teimoso para existir houvessem  
se desprendido de mim, me liberando de um peso  
incômodo. Assim não é a vida também? Cheia de  
perdas necessárias?

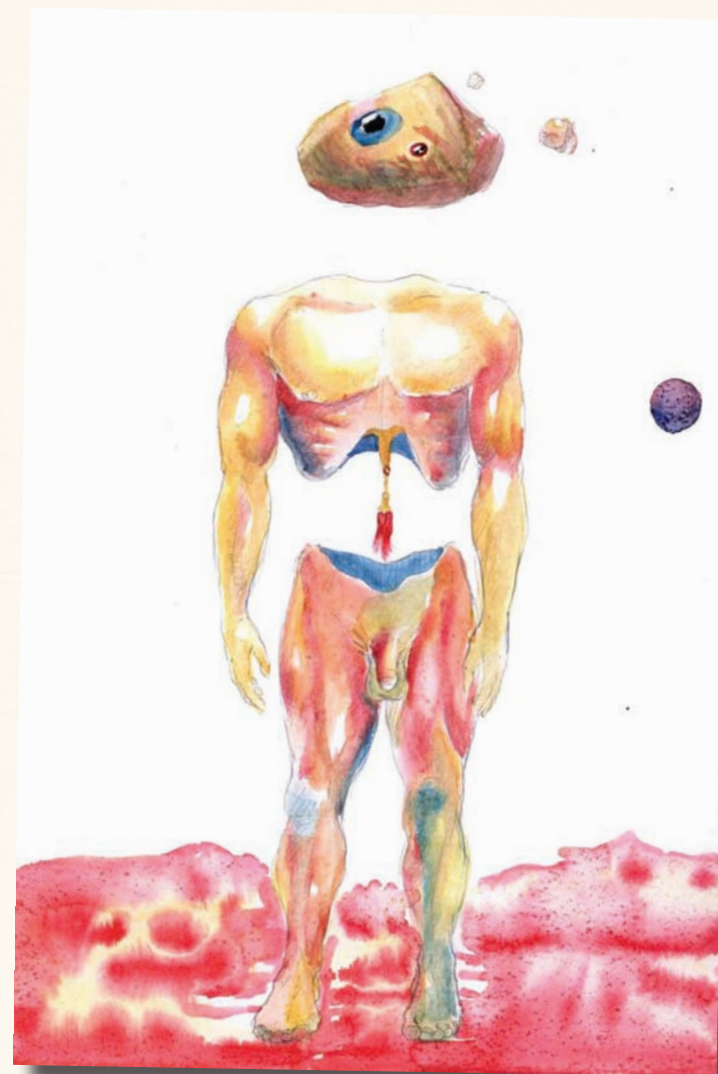
Há que se perder um pouco do corpo para  
agregar outras partes renovadas.



*Ahmed tocou-me uma música muito alegre,  
como se celebrasse a descoberta de algo novo. Ele  
disse que aquela era a "Canção da terra nascida".  
Que terra terá nascido em mim?*

*Com anseio de reencontrar-te.*

*L' Loup.*



*habitante das terras de Oneiros, estudo para pos-  
terior averiguação das potências e fragilidades da  
forma achada e perdida.*



envelope

Marteill:

Após meu período em Pahlins, desloquei-me até o oeste, numa caminhada de três dias e três noites. Não escolhi um caminho definido, tampouco consultei o mapa. Deixei-me. Deixei-me para trás, e deixar-se para trás é abdicar por vezes do anseio de controle. Coordenam-se os passos, mas a direção nem sempre carrega para um lugar definido. Nestas terras, há ainda muitos lugares não mapeados. Explorá-los tornou-se um ofício que me realiza e preenche de gozo.

Lembrei-me de tempos atrás, na estrada que dava para a chácara da família, onde havia um caminho estreito, que descia serpenteando até a cachoeira, lugar onde viveu meu pai certo período da vida. Ali, ele contava-me que cantava serenatas para as águas, invocando poesia, num lugar perdido no meio de uma colônia de imigrantes do norte de Leszates. Essa lembrança carrego comigo junto aos pertences de viagem e é, entre todas, o mais leve corpo. É um pedaço de meu genitor que carrego junto a mim. Não por apego, mas simplesmente porque me constitui, muito mais do que uma mera carga de genes.

Dizem que tenho os olhos de meu pai. Mas seu legado foi muito mais do que um par de esferas coloridas a adornar esse muro tosco. São a essência da poesia que ele carregava consigo, e que hoje levo junto a mim.

Por eles, sou homem e mulher, sou o belo e o grotesco. Por eles não só enxergo o poema, mas o derramo em jorros de cada farpa de meu corpo, e desse caldo bebo e jorro novamente. "Inundo a outros mundos".

São esses olhos que me permitem ver mais além da estrada, e privar da companhia melancólica das papoulas gigantes que emolduram os canteiros do caminho por onde agora passo, te escrevendo na pausa.

Um mar de sangue a perder a vista. Um mar de vida, um mar de serenidade, e um mar de morte gloriosa. Há, entretanto, uma regra por essas bandas: nunca, jamais, devo me desviar da estrada, não importa onde leve.

Corro o risco de, extasiado em demasia por esse oceano de rubor, deixar-me para sempre.

Há relatos de que muitos outros peregrinos entraram nestes campos e, sem pestanejar, tomaram um dos bulbos leitosos e sorveram o líquido até o fim. Adormecidos num sono sem sonhos, têm seus corpos mumificados pela terra do lugar, da qual depois se nutrem as flores (e por isso seu tom vermelho tão intenso). Foi o que aconteceu a um caminhante que acompanhou a mim e mais um, o mouro Ahmed, que conheci em viagem anterior. Lembro que se chamava Eubóreo.

Enquanto Ahmed tinha a pele azeitonada, brilhante e sedosa, Eubóreo era mais claro, tinha olhos esverdeados e um semblante confuso, onde se podia ler em algum lugar o quão inseguro estava em relação a sua vida. Não aparentava medo, mas sim um ar meio lacônico, um tanto esgotado. Em algum momento, ele deve ter se separado de mim e Ahmed, pois conversávamos sobre a rota e curiosidades do caminho quando demos pela falta dele. Ele já estava um tanto longe, campo adentro, além dos limites claros entre a estrada e o campo.

Começamos a gritar, pedindo que retornasse, mas ele não nos escutava, e parecia embevecido por alguma coisa, talvez uma música, pois cantarolava algo que eu e Ahmed não entendíamos, algo como uma canção de ninar.

Virando-se, nos fitou com os olhos embotados, em algum lugar longe dali, onde nem eu nem meu companheiro de viagem poderíamos chegar. Colheu uma flor.

Olhou-a por um longo tempo, tentando sorver muito mais do que o odor adocicado. Eu não o culparia. O vermelho das flores era tão intenso que as tornava apetitosas.



Ahmed o chamava de todas as formas. Tornando ao idioma nativo de Eubóreo, gritou um dos trechos dos escritos sagrados de sua fé, da qual eu nunca soube exatamente. Ele não esboçou reação alguma. Então olhou para o nada, tomou um dos bulbos rechonchudos e verdes de uma das hastes daquele imenso jardim e o mordeu, bebendo todo o líquido leitoso dali, com tal gosto que doía na alma só de olhar. Ahmed se virou - não podia ver aquilo - e mais tarde eu soube que a visão de um indivíduo tirando a própria vida era considerada pecaminosa. Como não privava de sua fé - de nenhuma, bem sabes - olhei. E chorei.

A pele de Eubóreo se azulou inteira, como se estivesse cianótico. Mas era um azul cor-de-céu, profundo, como o que serve de fundo para as nuvens em dias de intenso sol. Perdeu-se o verde de seus olhos. Ele se virou para nós, mostrou a flor - agora mais rubra que nunca - e estreitou seu corpo junto ao chão florido, caindo em um sono que duraria uma eternidade: ele agora seria parte daquela pradaria rubra, mumificado entre outros corpos como o seu, para todo o sempre. Ahmed apenas chorava. Eu não sabia o que pensar. Sabia apenas que deveríamos sair o mais rápido dali: ainda que conscientes, o desejo de permanecer ali e fazer companhia à massa de corpos no meio das flores era imensa, e eu não te saberia dizer por que.

Eubóreo decidiu ficar. Eu e Ahmed seguimos em frente. Ainda há muito para nossos pés caminharem, e haverá tempo para deitar sobre a terra e deixar que o Grande Sono nos leve. Mas decidi: não agora.

De mim

Papoula-Rubra-serpenteante





*Dra. Canis:*

*Já faz algum tempo que viajo (e não lhe posso precisar quanto). Agora anoiteceu, e montei acampamento próximo a um pequeno riacho, a poucos passos da estrada. Não te preocupes: se tudo for tão desabitado quanto é escuro, estarei bem. Mas o engraçado é que parece que esta vela não consegue iluminar nem um palmo além da minha face! A escuridão aqui parece ser quase matérica! Por isso, te peço que perdoes as letras mal-escritas: enxergo mal.*

*Ontem pela manhã, cheguei a uma cidadezinha de nome impronunciável (e que sequer eu saberia escrever). Nunca vi gente tão colorida. Cada pano, do mais reles até o mais bem tecido, possuía uma cor intensa e profunda, quase como se recém os houvessem tingido. Quanto aos odores, bem, quisera eu ter mil narizes para poder sentir cada um, individualmente e ao mesmo tempo. Acafrão se misturava ao cheiro de compotas doces. Carne defumada ao aroma de eucalipto e noz-moscada. Alfazema junto ao mel e erva-doce. Misturas exóticas que me abriam o apetite ou me criavam uma curiosa repulsa.*

*Logo ao centro, atravessando os arcos da ala norte, dei de cara com músicos de rua. Um jovem albino tocando seu realejo, cujo colorido das roupas era como tempera sobre o papel branqueado. Um senhor de três braços, a tocar um flautim e bater pandeiro ao mesmo tempo, e um velho tocador de tamboretes (cujas mãos eram apenas dois tocos). Ah, mas que música. Claro que nenhum ouvido apurado aprovaria. São tolos demais, preocupados com "boa música e afinação". Aqui, essa música foi um luxo que me dei.*

*152 O ritmar era estável, o flautim cantava notas acima*

*e abaixo, como um sapo a fugir do fogo. Os tamboretetes tinham um que de selvagem, chamando a todos para dançar. Talvez para nós, acostumados a conter os gestos do corpo, aquela dança de braços soltos, sem graça nem poesia, poderia soar uma blasfêmia. Mas o povo pouco ligava para beleza; antes queria o prazer de mover as carnes, até quase separar-lhes dos ossos.*

*Não me contive: entrei na roda, bati o pé e comecei a dançar, meio que a esmo. Minha nossa, que divertido! Num minuto, deixei de ocupar-me de mim. Que outra coisa fazer naquela hora senão abandonar-me, deixar o sangue e a carnação de lado para virar apenas um enorme tecido solto no vento, pronto a gozar daquela música?*

*Vai meu pensamento (seja compassiva: nunca fui muito bom a filosofar): Aprender a ouvir música é aprender a escutar o mundo. A isso, não se duvida. Mas há que se perder algo antes para se conquistar algo mais valioso em troca. Quem aprende a se entregar, aprende a se perder (no meu caso, a perder a carteira também).*

*Abracos apertados.*

*PS.: desde então achei minha sombra...*

*L' Loup*



*Querido Marteiill:*

*Por sugestão da Dra. Canis, resolvi tomar a estrada que leva para G'Anima novamente, fazendo uma parada um pouco depois das terras de Oneiros. Segundo ela, neste trecho há uma cabana. Mas ela não em havia dito que esta era um pouco "maior" do que uma cabana normal. Fui visitar o nephelim Kassiel, um dos Filhos dos Homens com os Filhos da Luz. Lembra dos relatos de nossos escritos, não? Os Nephelins (ou Nephelins, como preferir) eram os "anjos" do Criador que, ao perceberem os filhos da carne (nós) andando sobre a terra, desejaram. Descendo dos céus, fizeram-se carne também e com as mulheres copularam. Estas deram à luz a criaturas imensas, que podiam atingir mais de três metros de altura (Golias, reza a lenda, era um deles). O problema era que os Nephelins eram imensos em tamanho, porém pobres em intelecto. Monstruosidades, seres heteróclitos criados numa mistura profana, tiveram de ser eliminados junto aos homens em um dilúvio ou a humanidade teria sido exterminada por sua violência.*

*Aqui, entretanto, a história tem outra versão: conta-se que quando nascia um Nephelin, ele era resguardado até a idade de 5 anos, tempo que estes seres levam para atingir sua maioridade física e mental. Em uma espécie de claustro imposto, eles só eram liberados do claustro quando sua compreensão do mundo fosse suficientemente clara para que pudessem se tornar sábios. Tudo o que faziam, então, era estudar, ler, aprender. Naturalmente, os instintos mais violentos afloravam, mas não eram negados: os Nephelins daqui eram ensinados a lidar com eles, aceitá-los, entendê-los.*

*Isso deu origem a uma cepa de seres inteligentíssimos,*

*mas cientes da vida e seu entorno. Houve, então, uma era de ouro do conhecimento, que perdurou por mil anos, o tempo médio de vida de um destes seres. Todos foram perecendo, até restar somente Luo, o mais velho e último de todos de sua linhagem. Residia sozinho no caminho por opção, não imposição.*

*Disse-me Canis que seria uma visita esclarecedora. O casebre era todo de pedra bruta, encaixadas meticulosamente umas nas outras. Não havia laterais na casa, uma vez que esta era totalmente redonda. Um teto de palha e capim dourado protegia o interior da chuva e vento, bem como mantinha o calor.*

*Não tive medo, mas uma curiosidade que me estremecia as bases. Bati algumas vezes, ouvir movimentos dentro do lugar e me recolhi. E ele apareceu à porta, sério e portando uma aura de majestade sem explicação. Mas seus olhos eram cálidos e gentis.*

*Mostrei-lhe minha carta de apresentação, e este me recebeu com um sorriso agradável, de dentes enormes e brancos. Ao contrário do que pensei, sua pele era clara, mas uma alvidez quase transparente, difícil de descrever. Não haviam sombras em seu rosto, mas tons azulados que contrastavam com os olhos intensamente dourados. Os cabelos eram totalmente brancos, lisos e soltos. Quando se movia, não parecia estar na terra, mas nadando em água. Algo sobrenatural o cercava.*

*Falamos sobre o que eu estava trabalhando, e ele disse "sim, eu posso perceber que já trocastes de carne muitas vezes desde então." Impressionei-me, pois para muitos eu parecia o mesmo. Nada de novo, nem diferente. Ele continuou: "ainda posso sentir o odor do povo de Lúpus, onde passastes pela forma canídea e vivestes um tempo entre os lobos." Ah, ele sabia. Foi a experiência de perda de mim mais significativa, e que não narrei pois enquanto cão, pouco lembrava. Não havia como compilar dados desta, mas apenas*



os perceptos que a mantinham firme sob o plano da composição gregária. Deixei-o falar. E aprendi muito, sabendo então para onde devo ir agora.

Na partida, ele me chamou do lado de fora do casebre e disse "olha:"

Os céus se escureceram, muito rapidamente; trovoadas vinham de sobre os montes e as nuvens desciam então para o pé das encostas dos três Montes Sacros. E uma chuva associada a um vento começou a cair, mas muito suave. O vento era uma carícia, a chuva, um bálsamo. Luo olhou para mim, com toda a compaixão que poderia ter por minha ignorância e disse "de lá, de onde vem estas águas, do topo" - e me apontou o cume do terceiro monte Sacro - "vais passar, descer ao fundo e dali trazer para a superfície o que encontrares".

Calado, eu só podia observar a pequenina nuvem de tempestade roxo-azualda sobre sua mãozona, espargindo neve e microdescargas elétricas - uma tempestade de menor escala na palma da mão.

A imanência! Sim, aquilo que devo trazer a superfície, mas não é superficial, mas sim apenas uma planificação que cria um horizonte infinito, que não limita a visão dos saberes!

Eu agradei, e agora te aviso que parto em direção aos Três Montes Sacros para dali buscar, no fundo, o que devo trazer à tona.

Eu te escrevo para dizer: não tema por mim: a aventura de uma das minhas vidas possíveis começa agora...

Avisa aos outros que agora ficarei algum tempo sem escrever. Talvez uma última carta a Dra. Canis, até meu retorno. Até lá, aguarda meus novos corpos....

Carinhos



Esboço de Luo, o Nefelin, em relação a um habitante local de estatura mediana.



*Cara Doutora Canis:*

*Em primeiro, espero que esta a encontre gozando de plena saúde. Vão-se dias então de nosso último encontro na Biblioteca. Foi realmente uma grande coincidência e enorme surpresa para mim encontrá-la aqui! Não que o congresso de estudos em pós-filosofia seria aqui em G'ânima. Foi realmente sorte que, em meu caminho ao pé das Montanhas Sacras, eu estivesse passando por Poriana, último reduto douto nesta área. Não é realmente incrível a Grande biblioteca de Huanmikh? Por tua (e tanto mais minha!) fascinação diante da mesma, resolvi pesquisar suas origens. Em primeiro, surpreende o formato: os arquitetos foram realmente espertos ao construí-la como um octógono perfeito, espaço que adapta muito bem os 8 andares de prateleiras e estantes (sem contar os três que descem para baixo da terra). Andei somente por dois, e isso em 7 dias de um mero passeio. Creio que ninguém, em uma vida inteira, seria capaz de ler nem metade do primeiro andar. Acho que este nem deve ser o objetivo. Mas que se gostaria de ser eterno nestas horas...*

*O que eu não tinha idéia foi de nossa conexão profunda com as terras e G'ânima. Não tinha idéia de que Innana e estas terras nevadas tinham a mesma raiz etimológica e, portanto, a mesma cultura libresca. É fascinante e estranho saber que todo o cerne de nossa pesquisa começou aqui! Mais ainda descobrir que, lingüisticamente, nosso idioma provém de um modelo mais arcaico, porém ainda vivo (e bem vivo!) destas terras!*

*Eu, como bom flâneur que sou, me deixei levar pelos corredores que se conectam com outras partes (ainda inexploradas pelo que sei) das outras salas. Ainda sorrio (e me perdoe a ousadia) quando te perdestes*

*nem uma ou duas - mas três vezes - nas galerias entre elas. Mas debes lembrar que alguns destes caminhos levavam até salões de estudos onde, a cerca de 2 mil anos, bibliocopistas trabalham incansavelmente em traduções, recuperações e cópias dos raros pergaminhos. O que me traz a evidência mais forte de que esta biblioteca deve ser o cerne mais potente da cultura onde se inserem, atualmente, doutos e neófitos, tanto de Innana como de G'ânima.*

*Não pude, também, deixar de perceber a pintura imensa que adornava a abóbada da sala central, cuja mesma era sustentada por três colunas em fuste, que iniciavam mais espessas na base e diminuiam no topo, abrindo-se como flores em capitéis ornamentados que deixariam Luxor em apuros.*

*Mas um fato até bem simples me tomou a atenção por milésimos de segundo, parecidos com uma eternidade. Lembro-me dele, idoso e recurvado. Só o vi quando ele entrou na biblioteca, em passos curtos e receosos. O andar lento só evidenciava ainda mais o arco que havia se formado em suas costas, sinal de que o tempo o puxava para cada vez mais próximo da terra. Não pela força da gravidade, mas pela intensidade do tempo que a ele se agarrou pela nuca e depositou seu peso inteiro lá. Macilento e rugoso, seu rosto era inexpressivo e neutro. Antevia-se apenas o esforço descomunal de cada passo, assim como a respiração sutil, pequena demais para se notar e suficiente apenas para liberar o vôo de uma pluma.*

*Logo atrás, um rapaz, de seus 15 ou 16 anos. O corpo ereto, pleno de vida, explodindo numa dança química de hormônios e quem sabe mais o que. Parecia confiante, e seus passos rápidos irradiavam uma delicadeza que falseava no palavreado debochado e por vezes lacônico. Nos olhos, uma flama cujo brilho a ele anunciava todas as possibilidades do mundo, e que antevia uma existência que seu corpo sentia quase eterna.*



*Na língua dessa carne, não havia a palavra fim nem uma sintaxe que definisse morte.*

*Para aquele que observa da beirada, o caminho se estende em antes e depois. Com a diferença de que a memória tem livre passagem de ida e volta, idas e recuos, mas o corpo só pode transitar em uma estrada de mão única e sem retorno.*

*Buscando retornar ao momento presente, olhei para cima e vi o grande afresco da abóbada: a figura de três entidades, em aspecto celestial, que de cima a tudo assistiam. Perguntei a um menino que por ali passava quem aquelas figuras representavam. Em sua língua nativa, numa entonação impecável, aquele pequeno de não mais de 10 anos me disse que eram o três deuses cujos corações jaziam adormecidos abaixo das montanhas próximas. Louco de curiosidade, lhe perguntei onde poderia pesquisar sobre eles. É quase caio de costas: eu deveria subir até o oitavo nível. Tu sabes que ali não há elevadores. Mas fiquei mais tranquilo quando ele disse que havia um outro meio de subir, que era um pequeno balão inflado de ar quente, preso por uma corda que pouco a pouco era solta, de modo a lhe permitir desembarcar no andar da preferência. Talvez não tão prático, mas muito divertido (algo que eu, todavia, não imagino como bem vindo ao prédio de nossa instituição).*

*Enfim, volto aos três; eles foram as entidades criadoras do universo, para os daqui. A existência de sua história remonta mais de mil anos antes deste povo se instalar aqui, vindos das terras ao leste da região. É interessante o quanto da evangelização de nosso país nos tomou algumas lendas, distorcendo-as de forma grotesca ou as extinguindo por completo. Em cada estudo, há uma beleza quase mística que perdemos por nossas escolhas na pesquisa. Toda a miscelânea e fator mítico das lendas e contos perderam-se um tanto de nós. Redescobrir isso foi um presente afortunado,*

*como da lenda destas entidades, que de certa forma não deixam de ser nossos ancestrais totêmicos. A lenda inicia com o seguinte poema, que te envio transcrito para a forma atual:*

*Do plano onde havia o nada  
nas águas do ventre sem início nem  
fim viviam.*

*Três formaram-se, pois acordaram ao  
mesmo tempo*

*E assim, passaram a Ser;*

*Sendo, sentiram, e sentindo, passaram  
a existir*

*o tempo, o todo e o vazio.*

*Mas não havia como comportar três,  
Sendo simultâneos num mesmo plano.*

*Então dividiram-se em três qualidades  
que a suas existências comportasse:*

*o primeiro in-carnou a Palavra;*

*o segundo, a Ação;*

*o terceiro (que era também o mais frágil de  
todos), o Acontecimento.*

*Por três eternidades humanas eles se  
amaram.*

*Ao fim da última, o primeiro juntou-  
se ao segundo, para fluir o verbo;*

*E depois juntaram-se ao terceiro,*

*onde o verbo transfigurou-se no acontec-  
imento*

*que tornou-se uma síntese para o Encontro.*



*Aqui termina o trecho do poema mais antigo sobre eles que achei. O restante das páginas estava ilegível, devido à ação do tempo sobre o couro de pergaminho. Mas em alguns tomos da tradição oral, entendi o seguinte: ainda que unidos no processo do encontro, não deixaram de manter suas características mais marcantes, tal qual um perfume mantém as notas de fundo. Assim, o que restou do novo corpo formou a materialidade deste universo. Mas os corações se mantiveram intactos. São eles os vasos que mantêm a concepção original do que era cada um, bem como do que ainda podem ser. Dizem que, a cada batida do coração, esgota-se a força de um, que é recuperada pelo outro, numa roda de eterna recriação. Reza a lenda que cada coração bateu apenas uma vez nos últimos milênios. E que, pelo calendário astrológico local, a próxima batida ocorrerá em alguns meses.*

*É para lá que vou me dirigir daqui alguns meses, a fim de ouvir o ribombar dos montes e o bocejar dos deuses. Somente para adormecer no palácio de gelo que reside sobre o pico central, e aguardar o sonho dourado prometido ao peregrino desta rota. Assim, também o faço conforme a orientação de Luo, que sabiamente me sugeriu a visita.*

*Lhe escreverei assim que possível. Poderia, por favor, enviar-me mais tinta? Não há tinta no mundo que baste quando tanto ocorre ao mesmo tempo.*

*Abraços num encontro de corações, de seu orientando*

*Sangue-gelo-e-terra...*

AUSTER, PARTE SUL DAS TERRAS DOS CINOCÉFALOS. DIVISA LIMITE COM O TERRITÓRIO DO POVO DE CORIUM; AOS 21 DIAS DA QUARTA LUNAÇÃO; 2º CANTO.

*Querida Mariette:*

*Assim que decidi deixar Gânima, optei por tomar a caravana para a terra dos Cinocéfalos, ansioso por visitar um velho monge com cabeça de cão que conheci ainda em Inanna. Ele havia sido meu preletor de línguas mortas, e muito útil, devo dizer, foram seus ensinamentos; se não soubesse como era o cumprimento adequando em certos lugares e momentos, com certeza seria morto ou teria a mão decepada. Ora, de que maneira saberia eu que não se aperta a mão de um vendedor do médio-estrito de Galvania?*

*Cheguei na capital, Auster, há algum tempo. E ainda não me acostumei. Deixei muito para trás, entre roupas e utensílios. Os cinocéfalos são um povo desconfiado, sentem o cheiro do medo. Preferi procurar logo uma choupana e me assentar até me acostumar ao lugar.*

*Eles estão em plena guerra, neste momento, com o território vizinho, o Povo de Corium. Estes brigam há anos pela hegemonia das terras, especialmente as que são dominadas pelos cabeças-de-cão. Esta área é menos seca e mais rica em terra e pasto. Como os cinocéfalos criam carneiros e sua dieta depende de sua carne, couro e leite, o lugar é um paraíso para sua subsistência. Por outro lado, um inferno para os Corianos, cujo terreno pedregoso e um tanto árido só contempla ervas rasas e poucas cabeças de gado-do-deserto, que não dá leite e cuja carne é dura e sem gosto. Mas os cães defendem seu território com unhas e dentes (literalmente).*

*O problema, querida, é que logo fui chamado para a guerra. Há uma lei local que conclama inclusive os visitantes a lutarem ao lado dos cães, ou por*



eles ser morto. Pior: meu corpo mudado, minhas faces caninas, e termina que sou um deles, tão deles quanto corpo, mas também alma. E por eles percebo que não são as terras que importam. Cada homem, mulher ou criança desse clã sabe que a guerra pode terminar, mas que a vida é um combate constante. Sua disciplina ferrenha é apenas a preparação para uma vida que se sabe eterna batalha. Mesmo em terreno fértil, sua vida não é um paraíso; lutam a todo o momento internamente para manter a hegemonia dos seus grupos. Os mais ricos, muito poucos, diga-se de passagem, possuem pequenos rebanhos de camelos de três corcovas, animal forte utilizado no plantio e transporte. De seu pelo macio e alvo, se fazem túnicas tão suaves e leves como o melhor linho. Os patrícios daqui vestem-se, por isso, de branco.

Obviamente, percebo que este sistema há de entrar em colapso em algum momento. A medida em que os Corianos avançam na produção de suas tecnologias para sobreviver, os Cinocefalos se acomodam em um modo de vida sedentário, abdicando de seu nomadismo natural, em busca dos recursos hídricos e minerais. cedo ou tarde o solo irá cansar, a água secará. Uma revolução interna há de estourar. Por enquanto, eles pretendem dominar a parte Coriana como meio de estender o seu território agrícola e a hegemonia de seus costumes. Por exemplo, ainda que possam falar, o evitam; creem que este é um hábito de seus antigos escravizadores, ao qual eles denominam "os de face plana". Limitam-se à alguns grunhidos e linguagem de sinais. Não foi difícil para mim compreender depois de apenas alguns dias. Mas sinto falta da palavra falada. É outra língua e ainda, a mesma. Mas o gesto abarca possibilidades bem mais amplas do que o verbo.

O velho Iparco, meu antigo preletor, ensinou-me o suficiente dos costumes e linguagem. Ainda que ancião e por isso respeitado, não tem muitas regalias entre o povo daqui, que o acusa de ter se voltado para os de Face Plana. Mas ao menos me garante passe livre na região.

Provavelmente demore a lhe escrever; com a guerra estourando, sou cada vez mais cobrado a tomar uma pronta decisão e rumar para a frente de batalha, onde devo escolher um lado. Obviamente, sabes da escolha que tive de fazer, mas acima de tudo a faço por mim, e não por povo algum. Posso estar de posse de um corpo assemelhado aos Cinocefalos. Mas ainda sou único diante de toda essa hegemonia que me quer apri-sionar. Devo pensar diferente? Sempre o faço, de um modo ou outro: é algo que está para além da minha "natureza."

Carinhos

L' Loup.



*Mariette:*

*Peço que transmita essa a todos os amigos que temos em comum e minha orientadora, Dra. Canis.*

*Já entramos no 9º canto, próximos de finalizar a décima lunação. A guerra não tem fim. Entrei no regimento de Luxos, o Grande. Cão-chacal de cabeça fina e orelhas pontudas, mais lembra Anúbis, guia dos mortos. O título seria adequando, uma vez que não há piedade em seus atos. Não há um Coriano que permaneça em pé diante de seu regimento. Guarnecidos com espadas, flechas, catapultas e um engenho de explosão que lança estilhaços pontiagudos sobre os inimigos, a batalha encontra momentos onde vejo rios de sangue fluírem. De ambos os lados. Entretanto, o povo de Corium não foi tolo, organizando armadilhas e impedindo caminhos importantes para Luxos. Isso o obriga a desviar em meia-lua até a ponta do desfila-deiro de Seráphita, onde, dizem, olhar seu fundo induz ao suicídio. Os homens estão apreensivos, mas Luxos pensa ser apenas uma lenda. Não acreditando nisso, ele segue, mesmo temendo uma possível armadilha Coriana.*

*Acho Luxos inteligente, mas por vezes orgulhoso demais para admitir um erro na sua liderança. Tento muitas vezes movê-lo de determinadas decisões – não para lhe dar a vitória, mas para evitar mais mortes, de ambos os lados. Às vezes consigo, mas não insisto; desconfiado como é, sei que não tardaria a achar que ajudo o outro lado.*

*Detesto isso. Detesto as divisões, os dualismos, as dicotomias, como se tudo pudesse ser definido tão claramente entre um e dois, preto e branco, acima e abaixo, etc. Nada é tão simples, do começo ao*

*fim. Eu percebo o erro comparativo entre guerra e pensar. Um não dialoga com o outro. Sim, elaborar uma batalha demanda raciocínio, planejamento. Mas será que alguém parou e perguntou a que e a quem, realmente, tal derramamento de sangue serve? Ora, vamos, existe o desejo da elite Cinocefala em preservar seu status quo, tanto quanto do povo de Corium de deixar que o ambiente hostil extermine os cara de cão sem que precisem derramar seu sangue para isso. Costumes, regras e morais: é a isso que serve uma guerra. Para, ao fim, fazer com que, à força, uma forma de viver, pensar e existir torne-se a regra. Não foi assim com outros regimes que pregaram a eugenia antes que eu entrasse nestas terras? Não é assim também com a própria produção de pensamentos e hábitos cotidianos? Deuses, como se pode produzir algo novo se nossa maldita criatividade se limita a perpetrar o velho sob outra roupagem? Se apenas nos contentamos em revestir discursos vazios de tecidos mais nobres, para disfarçar o oco de seu conteúdo? Não há matéria potente em um discurso hegemônico; ele não constitui um ambiente de potência. Apenas reproduz o canto da reprodução do mesmo ad infinitum, sem a variação necessária para a construção do possível. Ele não esgota; apenas destrói.*

*Ontem, Philos, o único poeta falante do regimento, morreu em meus braços, depois de atingido por uma flecha direto no coração. Ainda pôde abrir seus olhos e me balbuciar, entre os dentes, uma poesia de Rubath, o Luminoso, que dizia:*

*Efêmeros os dias  
Breves as pétalas  
Amar: Imortalizar  
o Jardim do Fim.*



*Na beira do desfiladeiro de Seráphita, joguei o corpo do pobre Philos, sem maiores ritos. Todos me olharam, apavorados. E lhes disse, enquanto educadamente sugería Luxos a levantar acampamento: "não é ao suicida que Seráphita recebe, mas apenas àquele que deixou seu corpo no bálsamo do neutro, livre das palavras e das ordens."*

*Livre da palavra de ordem, de certa forma também cai no abismo junto ao corpo de Philos. Ainda que apenas eu tenha voltado, pequenos pedaços de Philos ainda vivem e revestem minha pelagem rubra. Agora, sigo o regimento, saindo do estreito de Mád'ukra e rumando para as planícies de Fragos. O céu é plúmbeo. Mas nunca chove. Apensa pesa. Como eu. De mim; azul-chumbo-plúmbeo. Em toques de rubro e sépia.*

*L' Loup.*

AUSTER. BATALHA DE LIADAR. 2º DIA DA DÉCIMA LUNAÇÃO 2º DIA DA DÉCIMA LUNAÇÃO. 2º CANTO.

*Cara Dra. Canis*

*Espero que Mariette a tenha informado de minha última posição. Onde me encontro atualmente: no meio de uma guerra. Conhecendo os Cinocéfalos como os conhece, sabe que não tive alternativa a não ser aceitar entrar na frente de batalha. Declinar do chamamento seria ofensa inominável para eles. A batalha em ambos os lados conta com outros aliados. Do lado dos cara de cão, os Homens de Pedra e as Nereidas dos mares de Umbral-lia Caelestia. Do lado Coriano, os Faunos das florestas de Inanna e os Alados de Nelvana, próximos do mosteiro de Phin-Ch'y. E provavelmente mais se agregarão aos regimentos. Não creio que isso terá fim tão cedo.*

*Hoje o dia foi silencioso. Uma frágil trégua foi travada entre ambos os lados, para que pudessem enterrar seus mortos de acordo com seus costumes. Do lado Coriano, as viúvas vieram de longe para chorar seus perdidos e cuidar dos feridos. Deste lado, nós mesmos tomamos conta dos corpos. Eu sou o responsável pelos ritos fúnebres: lavo a carne ferida e tinta de sangue. Junto pedaços e os reúno em um mesmo ataúde de madeira e linho. Costuro-os, mas nada pode reunir o que em mim já se fragmentou. O ar pesa como se fosse chumbo, é difícil respirar. A morte tem um cheiro adocicado. Constato, um tanto apavorado, um tanto anestesiado, que a carne é doce.*

*Em seguida, coloco-os em uma pira coletiva, e elevo as preces em direção ao oeste, onde vivem os deuses da colheita. Recito os versos, deixando que uma dor por vidas que se perderam suba do meu baixo ventre até rastejar por minha garganta afora, ainda desacostumado com essas cordas vocais tão tacanhas. E canto o clamor dos que partiram:*



Meu amor tem longos pêlos  
De cor dourada e solar  
Meu amor tem agora olhos escuros  
Como as profundezas do mar

Veste em seu dedo o anel  
Que lhe dei como prova de amor  
E suas faces ainda são vivas  
Como quando na luz, se me beijou

Não procura as grandes enseadas  
Que descem dos montes para a floresta escura  
Não procura a rosa nas águas salgadas  
Procura as ovelhas na pastagem pura  
E lá planta a rosa selvagem e rubra

Tomai a rosa que crescer  
E plantai-a em pasto mais verde  
E quando esta vier a florescer  
Para mim tu a haverás de colher  
E verás um coração renascer  
Novo corpo para aquele que foi  
Nova carne para aquele que será

Soam altas as trombetas

Cantam clarins e gritos ecoam  
Os pássaros em bando revoam  
Recebendo um corpo  
A voltar para dentro,  
Cantando ao vento  
Canções de lamento.

O sangue se faz parte dos rios  
Os órgãos, do verde  
a terra tecida em fios  
Os ossos, das pedras.  
Os olhos, do céu  
E a boca, recebe o vento  
Que leva um canto esquecido  
Aos hemisférios de um mundo ferido

Deixa o corpo,  
Abdica da face  
Assume teu voto  
A coluna se torce  
descansa as patas;  
negar ser o mesmo  
é negar-se morrer  
às portas de uma vida possível.

Partimos em direção à costa, esta noite. A viagem será longa.  
Mas, dali, pretendo solicitar a Luxos que me deixe partir. Uma guerra  
é só a luta por uma dominância desnecessária e teimosa. Uma bat-



*alha - esta sim, a que se trava na vida - não possui vencedores, apenas reapresenta a contingência de uma vida que não pára, que é fluxo. Que corre desgovernada e onde se precisa sobreviver. Querer viver. Não apenas perpetuar um discurso. E te pergunto: em nosso meio, batalhamos ou apenas guerreamos?*

*Em breve retorno com novo relatório. Abraços*

*Albeè.*

AUSTER. BATALHA DE LIADAR. REGIÃO DA COSTA MARÍTIMA. 18º DIA DA DÉCIMA LUNAÇÃO. 2º CANTO.

*Doutora:*

*Escrevo-lhe esta em meio a um caos de gritos e ataques. Me refugiei agora logo abaixo de uma pedreira onde a água vem bater, entre as frestas das pedras. Ontem pela noite, pouco depois de chegarmos á costa, os corianos já nos esperavam. Mal larguei meus pertences e me arrepiei: ouvi a trombeta de guerra do lado coriano, e simplesmente não pude ver mais nada. Todo meu universo se borrou em sombras na noite e corpos que se atracavam uns aos outros. Latidos, ganidos, gritos, brados. Nada mais fazia sentido; as bandeiras e flâmulas se misturavam, sumindo no mar de seres vivos que se produziu no meio do ataque.*

*Mas eu tinha de viver. Não haveria ninguém por mim lá, e por isso tomei de salto minha lança e o sabre pequeno. E simplesmente me dominei de uma fúria que desconhecia qualquer limite, fosse ele ético ou moral. Não sei mais onde estive. Tudo se borrava de cor de carne, o cheiro de vísceras me excitava a um ponto quase obsceno. Eu não era mais nada que não instinto e sobrevivência. Ânasia, desmesurada ânasia.*

*Tomei um golpe na face que quase me deslocou o maxilar. Pude ver a saliva se soltar de minhas gengivas, e não sabia se havia sangue meu o do homem que mordida quase sem pensar. Meti-lhe a lâmina entre as costelas. Ouvi um "crack" e a puxei para fora. Se isso não o matasse, a hemorragia o faria. Corri até o regimento de Luxus. E ali me misturei ao todo de um modo que não lembro de mais nada. Só há um borramento. E senti muito, muito medo. Nunca fui tão longe ao produzir um corpo que se adaptasse tão bem e ao mesmo tempo me desse tanto pavor de me gessar a dita forma. Há um certo gozo em ser cinocéfalo, um*



certo prazer no ser. Em apenas ser.  
E não pensar mais.

A demanda durou a noite toda. Ao amanhecer, não havia restado mais que um amontoado de corpos espalhados pela praia. Eu estava levemente ferido na coxa, mas não percebi de imediato, a não ser quando a água salgada bateu na ferida. Eu sabia que tinha de fazer a assepsia e fechar logo, ou a inflamação da ferida passaria para todo o meu corpo. Tomei água de lótus e derramei destilado sobre o ferimento. Ardeu como nunca antes havia sentido. Uivei de dor e raiva ao mesmo tempo, mas aquilo me bastava: recolhi o que pude e corri para a tenda de Luxus.

Ferido na noite anterior, ardia em febre e delirava como um cão raivoso. Foram precisos 5 para lhe segurar as pernas e abrir a mandíbula afiada para deixar cair algumas sementes de racina, erva medicinal que baixava a febre e curava feridas internas.

E me apavorei quando vi que minha caixa de anotações havia desaparecido de meus pertences. Luxus a havia tomado. Todas as cartas, anotações e desenhos. Não tinha certeza de mais nada, mas sabia que ele esteve me investigando. Achava que minha correspondência era para o lado oposto. Obviamente vira que não. Aguardei a medicação fazer efeito e fui até ele. Seus olhos estavam ferozes, mais do que o de costume, e havia um rubor no fundo que me incomodava. Apesar do receio, olhei firme e lhe disse do meu desejo de partir.

Luxus levantou-se devagar, tomando da espada. E pensei "certo. É a hora. Agora parto de um jeito ou de outro: ou vivo, mas ferido, ou morto". Bem, tanto fazia, a estas alturas. Era um momento estranho. Ele me encarou, levantou a espada e fechei os olhos. Tentei não pensar em mais nada. Nada mesmo.

Mas ele apenas recitou os versos da honra, fez

e disse "parta em paz. Agora esta luta não é mais sua." Voltei meus olhos. Havia uma tranqüilidade em sua frente, altivez e certo orgulho. Talvez fosse também decepção. O fato é que levantei, me curvei diante dele devagar e retornei. Ele apenas me disse: "posso ficar com os desenhos que fizestes de nós?" Obviamente não lhe neguei.

Meus pelos caíram, minha pele se suavizou. Meus olhos se abrandaram e minha cabeça clareou. Voltei de algum lugar e me pus de novo em outra jornada. Talvez eu nunca tenha estado lá de fato. Talvez nada disso tenha acontecido. O certo é que me pus em outra rota, fora do conflito. E resolvi voltar finalmente para Phin-Ch'y.

Algo se rasgou aqui. Não tenho certeza. Não há mais certeza, senão do sonho de uma vida que aconteceu e depois sumiu. Sonhei? Ainda não sei... Posso apenas lhe dizer que estou bem, agora. Não há marcas ou cicatrizes aparentes. Entretanto, alguma coisa ainda está aqui, como a lâmina de uma faca afiada que me corta a pele de novo, e de novo, e mais uma vez...

Talvez eu não retorne. Talvez...

Abracos

A. L' Loup.



*Querida Mariette:*

*Só posso deixar meus dedos correrem nesta superfície cheia de signos, tentando formar as palavras mais próximas daquilo que me pulsa agora. Porque depois de passar por um período de guerra e batalhas junto ao povo dos Cinocéfalos, pensei que já teria vivido tudo o que me fora possível nestas terras. Mas estava errado. Eis que me deparei com o combate mais difícil...*

*O que me flui, escorre por toda a pele. O que me flui também é o que me fere. Punctum repentino, a imagem do possível amante me atingiu rápida, imediata. De início nada senti de mais, a não ser a curiosidade que sobrevém esses momentos. As sílabas em suspensão no céu da boca: "e...?" É. Conjunção aditiva, aqui atuando, junto a uma interrogação eterna, o que vai se dar na continuação incontrolável dessa vida. "O que?"*

*Eu o encontrei na noite, num cruzamento escuro, somente visitado pela Hecatae ou os de sua corte. Eu estava cansado, voltando da guerra. Entre eu e ele, um extenso abismo, cercado por um enorme muro. Eu era uma pedra de basalto onde só ecoava uma coisa: "vá embora, corra pois ainda há tempo para se salvar..." Eu não sei por que fiquei. Mas fiquei.*

*Do outro lado do abismo, bem longe atrás do muro, escutei ao longe sua voz. E não entendi como, a cada palavra que trocávamos, ele se aproximava mais. E mais um pouco. E mais. E entendi menos ainda quando o vi ao meu lado, de pé, tomando delicadamente minha mão na sua. E todo o gelo que a violência de minha negação produzia para afastar e congelar o pretendente se derreteu. Todo um esforço hercúleo para manter o invasor longe.*

*Um sol se abriu claro, a noite se iluminou devagar, num amanhecer delicado. Só ouvia então o seu silêncio e o piar de alguns pássaros matutinos. E aquele silêncio era tão cálido quanto o sol que se abriu no meu peito, sem que eu percebesse, e que aquecia as juntas da maquinaria amorosa, outrora endurecida e enferrujada.*

*E ele me levou consigo. Não o teria como descrever idilicamente. Não atenderia os requisitos da figura onírica a que me acostumei com o tempo. Ao contrário: era insuportavelmente mais próximo da terra, do chão, do que eu do ar ou da água, mais fluidos e menos fáceis de se apreender.*

*Fisicamente. Apenas fisicamente ele se permitiu tomar. E eu que pensei ser o senhor do jogo, líder da batalha, logo passei a ser peão na manobra de seus fluxos. Fisicamente. Apenas fisicamente me permito o descrever. Alto como montanhas, escuro como uma noite quente de verão. Sorriso claro como algodão. Olhos escuros como a essência do indizível. Mãos grandes, porém de toque delicado. Uma voz que soava além dos ouvidos; talvez num lugar que eu tenha esquecido de fechar melhor. Pernas longas, para alcançar a caminhada de um mundo inteiro. De sua boca, saíam nuvens e palavras, intercaladas por um ronronar gostoso e convidativo. Sua sombra era brilho, seu escuro era discernível como a luz fria de um luar. Se olhar de fora do lugar onde agora estou, será apenas mais um. Nada de mais. Mas eu o faço assim, tomando por material de sua construção o que os olhos do coração apreenderam.*

*Com seu simples estar, abrandou todo o terreno cheio de irregularidades. Alisou a minha mente devagar, estendeu sobre meu peito ferido um pano de linho virgem. Eu por fora sorria, por dentro pranteava. Falhei em me defender, e deixei a ferida aparente para seu cuidado. Deixei-me. Tolo. E só tempos*



depois é que fui beijá-lo. Somente quando eu me abri é que ele se permitiu a proximidade. E foi simples, delicado. Não vi fogos, não tremeram minhas pernas, não arrebatou-se meu coração. Foi leve como o voo de um pássaro de uma árvore para outra. Socobrou meus lábios e passeou sua língua no gosto do meu céu. Era doce, obviamente. Pois sem que eu percebesse, ele já havia podado toda a erva amarga que outrora restava entre minha língua e os dentes. Ele não me deixou esquivar. Envolveu minha cintura com seus braços, e me puxou os lábios para mais perto de si, apertando-me contra sua face como se assim pudesse desfazer um limite invisível que ainda nos pudesse separar. Eu não tive muita escolha, tive? Foi uma batalha perdida, para dar início a um combate sem vencedores.

Ainda estou envolto por aquele abraço. Agora tudo flui dentro de mim. E nem sei onde deságua. Mas é em algum mar muito amplo, onde sei que ainda não naveguei. Deixo, no combate entre o medo as feridas possíveis, uma interrogação para que me ajudes a descobrir esse porvir:

E?

Amo-te sempre..

Albee







Cara Sra. Canis:

Desde a última carta, não houve relato de L'Loup. Seu último avistamento foi em direção aos picos de G'ânima, onde estava a escalar as Montanhas Sacras. Não se sabe seu paradeiro. Um único bilhete foi encontrado ao pé dos montes, no primeiro trecho da subida. Provavelmente de outra pessoa, uma vez que a caligrafia não bate com a de Albèe. Lamentamos lhe informar que as buscas cessaram, e que não temos esperanças de encontrá-lo vivo.

Sinceras condolências

Departamento de emigração das Terras de Oneiros – Biblophilo.  
Verão dos Miosóttis.

*Cara Albèe:*

*Onde estás atualmente? Tenho lhe escrito com frequência, solicitando os relatórios para a publicação nos anais do anuário do Magister-mor, mas não tive mais resposta.*

*Por agora, se inicia o período da apresentação dos Cantos Sazonais. Lembre que é preciso apresentar teus escritos diante da Comissão do Magister-mor. Ainda desejo efetuar a leitura de tua poesia na Celebração Celeste. E gostaria de ter o material em mãos para selecionar as melhores.*

*Me pergunto todo dia, afinal, onde você está? Sob que corpo? Sob que devires? O que vem a ser agora? Estou na aguardo de notícias. A Secretária do Tesouro me solicita dados sobre teus gastos e necessidades.*

*Em espera, me despeço*

*Dra. Canis Aleph*







*...e estou esperando as palavras de seus dias, as  
silabas de suas horas, o lamento de seus momentos.  
Estou diante de você. Você tem a pena, eu sou o papel.  
Escreva, me diga como se sente, o que ocorreu em sua  
vida. Me conte, não tema julgamento. Sou só um  
instrumento de registro. Nada mais.*

*Vai. Fala...fala...*



